

ERRATA

Índice: III.II. Estética e Filosofia

FICA:

III.II. *A Arte*

p. 95: II) A Sua Filosofia: Bruno por Bruno

FICA:

II.III) A Sua Filosofia: Bruno por Bruno

p. 113: "(...) Os quadros "As Tentações de Santo Antônio" e "O Jardim das Delícias" (...) "

FICA:

"(...) Os quadros "As Tentações de Santo Antônio" e "O Jardim das Delícias" (*ANEXOS*) (...) "

p. 116: "Neste sentido, voltemos o olhar para as figuras 1,2 e 3 (...) "

FICA:

"Neste sentido, voltemos o olhar para as figuras 1,2 e 3 (*ANEXOS*) (...) "

p. 125: "O Filme fala (...) a vida desregrada dos filósofos, com (...) "

FICA:

"O Filme fala (...) a vida desregrada dos filósofos, *contra* (...) "

p. 130: "(...) Ao cairmos nesta tendência de ficar ocultando certos termos (...) "

FICA:

"(...) Ao cairmos nesta tendência de ficar ocultando certos *temas* (...) "

p. 132: **Rodapé 59:** "(...) Pois não podemos negar a herança ocidental" "

FICA:

"(...) Pois não podemos negar a herança *oriental*" "

p. 133: "12 Casas, 8 Signos e 12 Planetas" "

FICA:

"12 Casas, *12* Signos e *10* Planetas" "

Bibliografia: INCLUIR:

SEVCENKO, Nicolau. O Renascimento. 14 ed. São Paulo: Atual, Campinas: editora da UNICAMP, 1988.

NIETZSCHE, F. Assim Falou Zaratustra. 2 ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

KRAMER, H e SPRENGER, James. Malleus Maleficarum: O Martelo das Feiticeiras. 8 ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

CONFERE COM ORIGINAL


NADIR AP. GOMES CAMACHO

Pós-Graduação P3-UNICAMP

Matr. 08233-8

**No Cadeirão dos Bruxos: a filosofia
herética de Giordano Bruno**

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação defendida por Patrícia Lessa dos
Santos e aprovado pela Comissão Julgadora.
Na data de 30 de junho de 1997.

Assinatura: _____

Orientador

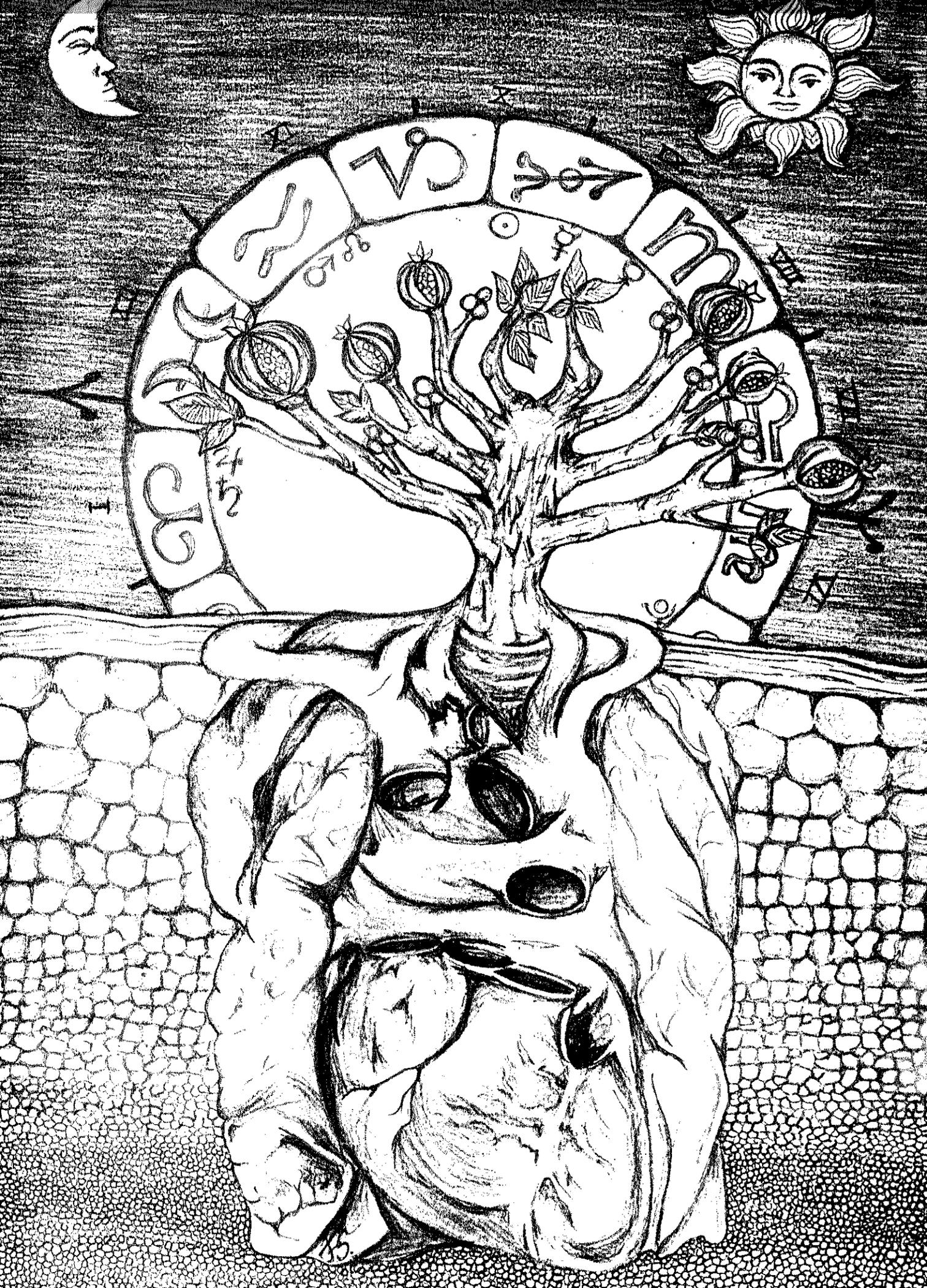
**No Cadeirão dos Bruxos: a filosofia
herética de Giordano Bruno**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE em EDUCAÇÃO na Área de Concentração em Filosofia da Educação à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Hermas Arana.

Comissão Julgadora:

Marta Bellini

Neto



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

1306046

**NO CALDEIRÃO DOS BRUXOS:
A Filosofia Herética de GIORDANO BRUNO**

*"O homem é o que pode ser,
mas não é tudo que pode ser"
(Bruno)*

Patrícia Lessa dos Santos

Campinas, 1997

UNICAMP

Ex.	Ma 59n
AMBIENTE	31497
DATA	28/11/97
CD	0
REG.	28/11/00
DATA	29/08/97
CPD	

M-00100168-8

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

Santos, Patrícia Lessa.
Sa59n No caldeirão dos bruxos : a filosofia herética de Giordano
Bruno / Patrícia Lessa Santos. -- Campinas, SP : [s.n.],
1997.

Orientador : Hermas Gonçalves Arana.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Bruno, Giordano, 1548-1600. 2. Filosofia. 3. Teoria do
Conhecimento. 4. Renascença. I. Arana, Hermas Gonçalves.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	05
INTRODUÇÃO.....	10
MEMÓRIAS	
I - Primeiras Incursões	
I.I - Filósofo Andarilho.....	19
I.II - Os Comentadores.....	31
I.III - A Renascença.....	47
PALAVRAS	
II - A teoria do Infinito	
II.I - A Nova Imagem do Mundo.....	55
II.II - Os Diálogos.....	74
Diálogo Primeiro	
Diálogo Segundo	
Diálogo Terceiro	
Diálogo Quarto	
Diálogo Quinto	
II.III - A Sua Filosofia: Bruno por Bruno.....	94
IMAGENS	
III - Memória de Ser Ocidental (+) Recriação de Ser Pós-Moderno.....	99
Imagens em Movimento:	
III.I - O Devir Sagrado	
III.II - Estética e Filosofia	
III.III - Imagens	
TRILHAS	
III - Dois Olhares: Reinventando a Renascença.....	121
CONCLUSÃO.....	131
BIBLIOGRAFIA.....	142
ANEXOS.....	145

Agradecimentos

Deixo aqui registrada a minha profunda gratidão ao apoio que tenho recebido de minha Mãe. Agradeço ao prof. Hermas, meu orientador, por sua paciência e compreensão, à Fabiane Silveira, que não somente presenteou este trabalho com seu desenho como também ajudou-me a discutir os textos, à Maristela, por todo seu apoio e amizade, à prof^a. Eliane, que acompanhou o trabalho desde seu início, à prof^a. Marta Bellini, que quando eu estava ainda em Maringá, auxílio-me na elaboração do projeto inicial, à Maria Zilda pelas correções de português e às amigas Maria Helena, Luciane, Sílvia e Cíntia por nossas noitadas de estudos e discussões... e todos aqueles que de forma direta ou indireta me auxiliaram na elaboração deste trabalho.

Apresentação

Apresento-lhes Bruno, caminhante solitário, leão feroz, que se mostra um desconstrutor do ideário católico. Rupturas abruptas. Uma vida cheia de atravessamentos, rebelde poeta que olha para um mundo às avessas. O mundo de Bruno é o mundo dos quadros de Bosch - tantos detalhes que nos escapam ao olhar - cores vivas, fortes: sangue, carne... Um mundo com valores tão distantes da vida que corria solta pelos campos. Ou foi a vida que dançou satanicamente por sobre a justiça divina?

Michelet, falando da Idade Média, nos mostra um mundo submerso no medo, nas crendices, no desbaratino do sexo, nas devastadoras pestes, e principalmente nas fantasias coletivas oriundas da Igreja. Mas não devemos esquecer: é no seio mesmo da Igreja, que esta história tem início. Bruno rompe com a Igreja porém pretende reformá-la. Mergulhado no conhecimento proibido ele descobre um outro mundo, e logo quer resgatá-lo junto ao seu.

Imagens de um tempo distante, que desde muito jovem me fascinavam e inquietavam. Soa-me suave a voz da rebelde cantora paulista, a rainha do rock, Rita Lee: *“Perto do fogo, eu queria estar perto do fogo (...) como na Idade Média (...) um grito de um furacão”*. Navego nestas imagens e então vejo um erudito escondido nos porões de um castelo qualquer, com luzes fracas, vindas das poucas tochas e castiçais. Debruçado sobre os proibidos compêndios da antigüidade - misturava fórmulas, alquimizava a vida sob o impulso de sua sede

de conhecimento. Pairava no ar uma Razão diferente daquela que tempos depois pretendia redimir o homem moderno. Remexendo nos túmulos egípcios e nas poéticas gregas, recriava antigas imagens, ícones, que eram exaustivamente discutidos, explicados, analisados, recriando um universo rico em símbolos, que por sua vez davam as mãos às ciências da antiguidade. Ressurgia então a Numerologia, a Astrologia, o Tarô... E até mesmo uma caminhada no mundo das cores; houve um “antigo conhecido meu”, que ousou retomar: trata-se de Eliphas Lévi. Um estudioso medieval, que assinava com este pseudônimo na intenção de engambelar “os caçadores de hereges”. Pensador que nos deixou um belíssimo estudo do tarô, onde nenhum detalhe passa despercebido: as cores, as formas, a seqüência numérica, os nomes de cada carta - tudo é minuciosamente analisado, sem a pretensão de elaborar um tratado ou manual de leitura do tarô.

Imagens fortes, que me impulsionaram a escutar o que dizia Bruno, pensador que abalou a grande verdade daqueles tempos: a verdade cristã. Ouso dizer abalou pois não foi por pouco que a Igreja encarcerou Bruno durante os perversos últimos anos de sua breve vida. Foram anos de interrogatórios, discussões em torno de suas idéias; idéias que se chocavam frontalmente com a névoa do pensamento que pairava no ar do “tempo das trevas”. Bruno foi pensador singular, que fez muitos teóricos posteriores refletirem em torno de suas idéias... Diferentes olhares, diferentes leituras, mas, e quanto à minha?

Ao reler “Conversações”, de Deleuze identifico meu desejo em conhecer o trabalho de Bruno, com os argumentos que ele utiliza para nos contar sua

proximidade de tantos filósofos, por ele pesquisados e discutidos. Tais autores (Hume, Espinosa, Nietzsche) seduziram-no por seu combate frente à nossa tradição racionalista, frente a esta nossa construção ocidental que sempre preferiu dar ouvidos às verdades filosóficas desmentidas pela dura realidade. Foi, em grande parte, por este motivo que me seduziu a possibilidade de escrever sobre Giordano Bruno, mesmo eu não tendo a intenção de adotar como base filosófica suas formulações, até por serem complexas e ao mesmo tempo frágeis. Fragilidade de pensar o intocável, o que não se pode encerrar em palavras -que intrigou e intriga os historiadores, escutemos Namer: *“...a partir de Giordano Bruno já não se poderia colocar o problema filosófico e científico senão em função de um Universo sem limites, mesmo que se finja ignorar até mesmo o nome do filósofo de Nola”*.

Quanta riqueza de idéias deixou-nos este pensador plural... Riqueza que me indicou algumas trilhas a seguir. De olho naquele tempo, através do olhar de Bruno me propus a fazer tres recortes em sua filosofia, referendando-me em Deleuze, grande pensador contemporâneo que nos indica um possível diante da fragilidade da filosofia que nestes últimos tempos está acuada, mas que necessita renascer mais bela, porém mais comprometida com uma Razão, que parece nos escapar por entre os dedos quando o ódio e a mesquinhez gritam alto nossas tendenciosas certezas.

Depois de ler Deleuze, torna-se impossível dar as costas a “todo tipo de coisas” arrastados pelo furacão da escrita que materializa em palavra-imagem o caminho investigativo. Meu percurso como pesquisadora é o percurso de uma

rebelde, nunca aceitei deixar-me prender pelos altos muros da academia; muros que se pretendem guardiães de um método dito neutro. Hoje, com este trabalho concluído não ficarei insistindo em argumentar a importância da derrubada deste muro, mas tentarei lhes mostrar o caminho investigativo traçado na construção deste trabalho. Uma construção onde procurei não dar as costas a acontecimentos que jogaram o trabalho em múltiplas direções.

Como podem ver, pretendo daqui em diante não combatê-lo (como o feroz leão de Nietzsche - do capítulo “As Três Metamorfoses”, do livro “Assim Falou Zaratustra”), pois, já são muitos os que estão imóveis falando de dentro deste lugar. Contrariamente, pretendo pronunciar-me daqui em diante de um outro lugar, algo parecido com a figura da torre (carta número XVI, do Tarô de Marseille); vislumbro os destroços e caminho por outras vias... Assustada em meio aos escombros não tenho como ocultar o sangue que foi derramado, mas olho no horizonte o infinito e procuro um caminho que escute as vozes que o acompanham e reciam.

Não poderia ser diferente, pois todo meu percurso na academia deu-se por rupturas abruptas, acompanhadas de leituras que desde muito jovem fizeram parte de meu cotidiano de “pré-pesquisadora”. Desta forma, ao ver pela primeira vez Giordano Bruno no filme que lhe foi dedicado, apoixonaram-me as idéias propostas por Bruno quanto a livre pesquisa. Vejamos uma cena em que ele fala aos estudantes na Universidade:

“- Bruno: Fora, fora, estúpidos pedantes. Fizeram da Sorbonne uma oficina de ignorância. Queremos a livre filosofia, a livre pesquisa científica, enquanto

vós quereis impor vossa vontade. Queremos a autonomia do pensamento e da ciência livre de qualquer autoridade. Quereis sufocar as manifestações do espírito.

Isso! Assim! Exortemos para sempre de todas as Universidades os carolas e os pedantes. Amém, Amém.

Esta Universidade, não aberta a todos, não é justa. Cátedra aos sábios e não aos dogmáticos! Bancos escolares a qualquer um que ame as ciências! Ensino livre! Trabalho das mãos e da mente honrados em igual medida! Só assim pode nascer o novo homem!

Sua escrita e suas aparições eram apaixonadas, entusiásticas... E acredito que é desta forma que deve ser um trabalho sobre Bruno. Somado a isso um cuidado para com a estética do trabalho, uma estética também falada por Deleuze. Uma estética na qual as palavras, as imagens, as palavras-imagens gritem alto as nuances da Renascença. Que assim seja!

Introdução

Naufrago das leituras de Bruno e vejo alguém se debatendo contra, às vezes a favor das correntes descontínuas do pensamento. Era o livre pensamento, como ele próprio definia, que estava em jogo. Por estes tempos de “trevas”, alguns tentaram falar em razão e foram calados com fogo, porém eles ainda tinham “Deus”. Depois a Razão tornou-se consenso, era a tábua de salvação contra este “Deus” dos ortodoxos-aristotélicos, que não residia no ser humano, mas que estava em uma dimensão intocável e oprimia, castigava, matava...

Se por um lado as forças católicas e imperiais resistiam, por outro, já se difundia a crença no novo homem. O homem da ciência, o homem da razão. Os eruditos da época, mais conhecidos como livre-pensadores, descobriram o uso mais oculto da religião: o político¹. Sua luta então era resgatar a religião de suas origens pagãs. Bruno era pensador plural que, como veremos, confunde os historiadores que tentam esquadrihar suas idéias; sua trajetória é caminhada de equilibrista, que anda sobre o fino fio, desafiando o abismo sob seus pés tremulos.

O ser que se afastou das crendices para agarrar-se às forças produtivas, que traria o progresso individual os quais, conseqüentemente, o colocariam ao

¹ GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Síndais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

lado de seus semelhantes, este sujeito construído posteriormente pelo ideário iluminista, não era o mesmo tratado por Bruno. Vemos no filme “O Leopardo” de Visconti, a desilusão do nobre decadente, que olha para este novo ser humano construído sobre o cimento dos valores modernos. Ele olha com olhar de decepção. E é neste sentido que Bruno ainda tem um olhar voltado para o passado; ele quer resgatar esta memória do ser sagrado, e por isso ainda não se pode enquadrá-lo como pensador moderno, como muitos o fazem. Porém ele fala em Razão, não a razão que iria redimir o indivíduo dos fogos do inferno via progresso econômico mas uma razão que o impulsionava a chamar a igreja para discutir suas tão firmes verdades.

Neste contexto nascem as primeiras idéias da pesquisa, para então construirmos o percurso de escrita que tratará da filosofia bruniana. Enquanto pesquisamos, não significa que devemos nos limitar somente aos referenciais ou aos coletados, e neste caso podemos nos utilizar de dados iconográficos e outros, como um olhar legítimo sobre o real. Quem pesquisa não fecha os olhos à vida que corre solta durante este processo, muito pelo contrário podemos mesmo que inconscientemente estar olhando com os olhos atentos de quem procura, de quem pesquisa, de quem se aventura a conhecer. O que está em jogo então é um outro olhar, uma escuta que pode ouvir o imprevisível ou algo que não foi compilado na pilha de fichas de leitura e anotações que permeiam o trabalho de sistematização da escrita acadêmica.

Sem fazer apologias ao trabalho de Bruno, o que se torna importante ressaltar, neste trabalho, são os recortes, os pontos, como por exemplo, sua luta

contra o pedantismo acadêmico, ou os rumos estreitos que já espreitavam a construção da academia. Perigos aliás, bem diferentes dos atuais.

Um ponto importante a ser pensado e realizado é quanto à questão da estética do trabalho de pesquisa: não num sentido estreito valorativo, de belo ou feio. Uma estética que não se deixa enquadrar ou serializar. Um rosto forte no qual pulse a sede de conhecer, que cante alto seus deslizes, seus prazeres e desprazeres na aventura de conhecer, que salte das páginas assépticas e seduza o leitor, convidando-o a percorrer as trilhas de sua investigação.

Esta nova estética do trabalho científico implica em percorrer as montanhas e os vales, as curvas suntuosas e o desbaratino de caminhar em meio à multidão, assim o caminho não é necessariamente linear: passos largos, passos descompassados, passos solitários e que por fim mostram um caminho sempre singular e múltiplo, ora atravessado pela razão, ora pelo estranhamento da desrazão, ora brinca e brinda, ora fala sério e pontua.

Somada a estes preceitos devemos constatar que a minha formação acadêmica, não sendo em filosofia, história, pedagogia ou literatura, mas sim numa área que não é da competência deste assunto, o caminho investigativo mostra portanto um caminho auto-didático, onde os estudos destas diferentes áreas dão-se em atravessamentos que compõem uma diferente leitura para um trabalho filosófico, tal como o de Bruno. Portanto o método aqui utilizado deve ser visto de acordo com estas premissas.

Então começaremos pontuando que não concordamos com a idéia de que a filosofia é uma ciência. Para nós Filosofia e Ciência correspondem a diferentes conceitos, como os propõe Deleuze:

O que me interessa são as relações entre as artes, a ciência e a filosofia. Não há nenhum privilégio de uma destas disciplinas em relação a outra. Cada uma delas é criadora. O verdadeiro objeto da ciência é criar funções, o verdadeiro objeto da arte é criar agregados sensíveis e o objeto da filosofia, criar conceitos. (1992, p. 154)

Assim, o caminho investigativo tem início com a jornada de Bruno pela Europa: trata-se da primeira parte do capítulo primeiro, intitulado “O Filósofo Andarilho”. Esta primeira parte tem por objetivo situar o percurso de Bruno, desde sua saída do convento, passando por diferentes países e neles construindo suas obras, nos embates com os filósofos dogmáticos da época. A segunda parte do primeiro capítulo trata dos Comentadores, quais são as diferentes leituras que se fez de Giordano Bruno, quais suas diferenças e recortes, bem como tem início aí a minha própria leitura, influenciada por alguns, discordando de outros. E por fim, a terceira parte irá situar o leitor no contexto do Renascimento. Este capítulo tem por objetivo esclarecer alguns conceitos pertinentes a esta época, bem como situar historicamente a construção filosófica bruniana.

Devemos esclarecer que, como o segundo capítulo, “A Teoria do Infinito”, é dedicado a uma leitura das obras brunianas, achamos mais sensato colocar as referências bibliográficas em notas de rodapé, diferindo dos demais

capítulos, a fim de causar uma maior fluidez da leitura destes textos, elaborados de forma narrativa. Este capítulo, como o primeiro, divide-se também em três partes. A primeira discute alguns conceitos tratados por Bruno na sua elaboração da teoria do conhecimento, para preparar-nos para a segunda parte, que trata da leitura da obra “Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos”. A leitura procurou ser o mais fiel possível à seqüência argumentativa de Bruno, expondo seus argumentos de forma narrativa. E como última parte, um trabalho um pouco diferente. Trata-se de uma seqüência de citações das obras de Bruno, que tematizam a Teoria do Infinito. Tivemos com esta idéia a intenção de familiarizar-nos com o estilo de escrita do nolano, desta forma nós lançamos um tema e o ilustramos com a citação.

No terceiro capítulo, a nível de esclarecimento, utilizamos a primeira pessoa do singular em alguns momentos, diferindo dos demais capítulos que ao exemplo desta Introdução, se utilizam da primeira pessoa do plural. Esta técnica usual em literatura deve ser vista aqui como um jogo de palavras, que tem a intenção de salientar a leitura por nós proposta, feita da obra bruniana. Então, timidamente rompendo com uma usual regra metodológica acadêmica, intensionamos chamar a tenção dos leitores para a singularidade de uma leitura filosófica, construída a partir de uma teoria já consolidada, a fim de não cairmos na repetição daquilo que o autor já disse.

A intenção do terceiro capítulo é muito mais fazer um recorte de tres categorias marcantes na obra bruniana, do que fazer uma longa discussão em torno dos tres conceitos. A grande maioria dos comentadores faz divisões da

obra de Bruno distinguindo em prováveis etapas sua construção teórica. Nós, ao invés de dividirmos seu trabalho, achamos mais coerente fazer tres recortes conceituais, sejam eles: o Sagrado, a Arte e a Imagem.

Logo em seguida vem um quarto capítulo que pode muito bem ser visto como uma continuidade deste terceiro, à medida que nele nos propusemos a discutir os filmes “Giordano Bruno” e “O Nome da Rosa”. A leitura destes filmes ocorre em função da necessidade de investigarmos a Imagem de Renascença que ficou para o ser moderno. E para tal, nada mais preciso que a sétima arte, uma arte para um grande público. Iniciamos este capítulo discutindo um pouco os rumos do cinema, alguns conceitos, como por exemplo os tres do capítulo anterior.

E, finalmente, com a conclusão procuramos amarrar as discussões propostas ao longo do trabalho a fim de estruturar a defesa em favor desta interpretação em torno da construção teórica de Giordano Bruno.

Sabemos que o castigo vem a galope para aquelas almas rebeldes, não somos inocentes! Porém sabemos que é preciso ousadia para poder criar, muito mais ousadia então quando se trata de (re)criação. Recriar uma atmosfera renascentista capaz de seduzir o leitor a embarcar na interpretação proposta é aventura difícil, porém tentadora.

Acreditamos que uma linguagem mais sutil, irreverente, é mais provável de conquistar o leitor para este tema, afinal em plena era da comunicação, da informaticam da tecnologia, quem irá preocupar-se com um período tão distante do nosso, não havendo nenhum interesse especial?

Mas é preciso dar ouvidos às vozes do passado, que nos assombram a alma quando se mostram atentas aos saberes calados a ferro e fogo. Jules Michelet, historiador francês, foi para nós quem mais brilhantemente conseguiu reconstruir este passado - um passado histórico e imaginado, representado através de cenas alucinantes - de forma que a história só pode ser contada como se apresenta um filme, uma pintura. De forma alguma podemos dizer que no trabalho de Michelet não há rigor quanto aos fatos, as datas, há sim, e muito! Porém o fato a data devem ilustrar e não terem a pretensão de serem o centro da discussão.

Desta forma, atravessadas por estas influências metodológicas vamos construindo o nosso próprio percurso investigativo, rumo à infinitude do universo:

*“O Universo é Uno, Infinito e Imóvel. Uno afirmo eu,
é a possibilidade absoluta, Uno o Ato,
Una a Forma ou Alma, Una a Matéria ou o Corpo,
Una a Coisa, Uno o Ser, Uno o Máximo e Supremo,
que não pode ser compreendido”
(A Causa, o Princípio e o Uno, p.117)*



Retrato de Giordano Bruno, extraído do livro HISTÓRIA
DA FILOSOFIA. Vol. V. Nicola Abbagnano. 3ª ed., Lisboa,
Presença, 1984.



MEMÓRIA

I) *Primeiras Incursões*²

I.1) *O Filósofo Andarilho*

Giordano Bruno (1548-1600), nascido em Nola, cidade próxima a Nápoles, ingressou com aproximadamente 15 anos de idade, em 1563, no respeitado Convento Dominicano *São Domingos*, onde se encontra enterrado São Tomás de Aquino. O nome de batismo, de Bruno era Felipe, o qual foi substituído em função do sacerdócio

Desde muito cedo, no convento, sua alma rebelde começou a manifestar-se. Em 1567, quando ainda era estudante, sofreu seu primeiro processo. Mais adiante, em 1576, surgiram outras suspeitas de heresia; foi então instaurado um segundo processo o qual resultou na sua fuga do convento. Este segundo processo, embora também por motivos de leituras e posturas heréticas, teve o agravante da suspeita pelo assassinato do confrade que o denunciara. Bruno então foge para Roma e de lá para Genebra.

Era de esperar-se que um dia tal fuga ocorresse, pois, desde muito cedo sua personalidade provocativa se manifestou no convento. Além de fazer leituras às escondidas, Bruno, o nolano, aconselhava tais leituras a seus jovens companheiros noviços, comprometendo desde muito cedo sua batina, como podemos constatar com Namer:

² Utilizo o termo *incursões*, que no dicionário significa “invasão militar”, como metáfora de uma marcha disciplinada em direção à profanação do texto.

“Novo ainda no mosteiro de São Domingos e com idade de dezoito anos tinha conversas muito comprometedoras com os noviços. Em primeiro lugar tratará de tirar de sua cela todas as imagens santas que nela se encontravam, conservando apenas um crucifixo numa parede branca e nua. Logo foi acusado de desprezar as imagens santas e recebeu por este fato uma séria advertência. De uma outra vez falando com um noviço que lia as *Histórias das Sete Alegrias* pergunta-lhe o que ia fazer com aquele livro e disse-lhe ser de melhor inspiração pô-lo de parte para ler qualquer coisa de mais interessante, como a *Vida dos Santos Padres*” (1966, p.24).

Como vimos sua conduta nada agradava a seus superiores, que logo começaram a vigiar-lhe os passos. Por outro lado, mesmo com tal comportamento, seu espírito investigativo também chamou a atenção, o que lhe garantiu alguns convites para debates, bem como, em certa ocasião, seus superiores o autorizaram a partir para Roma, a fim de apresentar ao Papa alguns de seus estudos sobre a arte da memória. Durante os debates com monges ortodoxos, Bruno mostrava-se irreverente, questionando a Santíssima Trindade. Declarava que a opinião de um temido herético, denominado Ario, era pertinente quanto à afirmação de que a geração do Filho se realizava por ato de natureza e não de vontade; bem como o Verbo não era a primeira criatura do Pai, mas o mediador entre criador e criatura, além de pôr em dúvida a virgindade de Maria. Duvidas estas que, instigavam revolta nos monges, as quais Bruno perseguiu até seus últimos anos de vida, e de longos interrogatórios durante seu julgamento, questão que retomaremos mais adiante.

Como podemos notar, sua estada no convento de São Domingos foi bastante comprometedora, o que levou a refugiar-se em Genebra, então calvinista. Ao chegar à capital suíça, freqüentou os ambientes calvinistas, mas logo em seguida se rebelou contra estes. Porém, o repúdio foi recíproco.

De Genebra partiu para a França, sob o apoio e proteção de Henrique III, estabeleceu-se em Toulouse durante dois anos, e logo após em Paris, onde lhe foi oferecida uma cátedra de filosofia na Sorbone, a qual recusou para não ver-se obrigado a participar dos ofícios religiosos. Neste país sua produção foi ampla, dentro dela encontram-se: *Idiota Triumphans*, a comédia *Candelaio* e as primeiras grandes obras de mneumotécnica³, dentre elas, *De Umbris Idearum*, dedicada à Henrique III; sendo que esta obra é de inspiração lulliana⁴. Porém, como diz-nos Yates (1987) seus escritos parisienses ainda estavam pouco lapidados em comparação com os que ainda estavam por vir; eles possuíam marcas de uma Paris opressiva, onde reinavam os pedantes católicos.

Em meados do ano de 1583, foi para Londres acompanhado do Embaixador Michel Castelnau, a quem dedicou uma carta na abertura do livro *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*, o qual trataremos mais

³ Mneumotécnica ou Arte da Memória: pode ser entendida, como nos explica Yates, como “um método para imprimir na memória imagens fundamentais e arquetípicas, que pressupunha, como sistema de localização mnemônica, a própria ordem cósmica, permitindo assim um conhecimento profundo do Universo” (IN Reale, p. 161). Acrescentamos que a mneumotécnica era muito difundida na Europa durante a Renascença; sendo assim muitos de seus eruditos, principalmente entre os magos renascentistas, trabalhavam de modo diverso com esta técnica de memorização via imagens arquetípicas e simbolismos arcaicos (retomaremos esta questão em um capítulo posterior dedicado especificamente ao tema do poder da imagem e seu uso nos períodos de transição).

⁴ Referente a Raimundo Lullio, mago e alquimista espanhol. Para o estudo da influência de Lullio em Bruno remetemos o leitor à obra *Ensayos Reunidos, I Lullio y Bruno*, de Frances Yates.

especificamente em um próximo capítulo. Chegando à Inglaterra, passou, como dissemos, um tempo em Londres e posteriormente em Oxford.

Aqui devemos determo-nos com mais atenção, pois foi este o período de mais frutífera produção. Dentre seus principais escritos neste país encontram-se: *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*; *A Causa, o Princípio e o Uno*; *A Ceia das Cinzas*; *A Venda da Besta Triunfante*; *Heróicos Furores e Cabala del Cavallo Pegaseo*. As três primeiras obras são de grande relevância para entendermos suas idéias sobre a *teoria do Infinito*, bem como o choque com os docentes dogmáticos de Oxford.

Em Oxford, ele encontra uma Universidade dogmática, porém em plena crise, arraigada às regras escolásticas. O livro *De Coelo* (Sobre o Céu), de Aristóteles era leitura obrigatória e incontestável. Como podemos verificar, segundo Yates, a filosofia neste período vinha sendo substituída pela gramática:

“A todo lo largo del primer diálogo del Causa puede verse que Bruno se ve a si mismo como el defensor de la *filosofía despreciada* contra los nuevòs gramáticos que se passam la vida estudiando palabras (...)

“Bruno está tan dispuesto a condenar a los pedantes de Italia como a los pedantes de Inglaterra. La obsesión gramatical que deplora es un fenómeno que se extiende por toda Europa (...)” (1990, p.254)

Tanto a rigidez aristotélica quanto o pedantismo gramatical suscitaram em Bruno a furiosa compulsão por combater os ortodoxos de Oxford, através da promoção de debates. Foi a ocasião de um debate com alguns destes doutos

que lhe inspirou escrever *A Ceia das Cinzas*. Ponto fundamental desta obra é a discussão da teoria de Copérnico, bem como, fundamentado nesta, pretendia criticar a estrutura do céu proposta por seus debatedores, leitores do *De Coelo* e fundamentados em Ptolomeu. Sua intenção no debate era expor a nova teoria de Copérnico, ao que os debatedores combateram com citações em *latim* ao estilo da corrente gramática aristotélica, tão em voga, naquele tempo, na Academia de Oxford.

Além do que, como nos diz Neuser (1996), "*Bruno (...) adotou um princípio bem diferente. Ele quer substituir o método da argumentação silogística da escolástica, por um método de estilo neoplatônico e ele insiste em criticar as posições aristotélicas*" (p.13). Num tempo em que o conhecimento era obtido através da revelação, só era possível construir algum conhecimento através de alguns autores privilegiados, que teriam recebido a verdade, fosse por meio da revelação divina ou da imaginação. Com isso, alguns autores eram autoridades que deveriam sempre ser citadas; algumas destas ilustres personalidades eram santos (por exemplo, Paulo), outros, teólogos da igreja católica, e ainda a autoridade de Aristóteles.

Desta forma, para fundar uma argumentação dever-se-ia fazer referência a estes autores "iluminados" para, a partir daí, combinar os tipos de conceitos através das regras fornecidas pelo método silogístico. Vejamos então, em que consiste o método silogístico:

"O método do silogismo é, fundamentalmente, uma teoria muito ampla com inúmeras fórmulas deste tipo. Este método aristotélico tornou-se a norma geral da

forma de argumentação para o pensamento medieval. O próprio Aristóteles tinha iniciado as investigações sobre a teoria das conclusões. No entanto, no Renascimento surgiu a opinião de que a observação deveria ser considerada como mais importante do que as formas lógicas.” (Neuser, 1995, p. 42)

Bruno rompe com esta tradição, porque além de utilizar-se de um método neoplatônico, ele rejeita a idéia de que a verdade é revelada. Embora atribua algum valor ao conhecimento advindo dos sentidos, Bruno dirá que os conhecimentos brotam dos sentidos, porém devem ser julgados conforme a Razão. Eis portanto sua fórmula para alcançar a verdade filosófica. Suas arguições são elaboradas no belo estilo clássico, geralmente na forma de diálogos ao modo neoplatônico.

Como podemos notar foi durante o tempo que passou na Inglaterra que se firmaram seus escritos filosóficos cujo tema central era a teoria do Universo Infinito, abrangente de mundos infinitos; tema fundamental para entendermos esta época de transição, na qual o Universo se amplia e abre as portas ao conhecimento vindouro. É portanto, em plena Renascença que estas idéias florescem.

Para concluir sua estada na Inglaterra ressaltamos uma acusação dos doutos locais contra Bruno. Eles afirmavam que Bruno havia plagiado Ficino nas lições mágico-herméticas, o que causou o furor do nosso filósofo, que inegavelmente teve grande influência de Ficino, no entanto, veremos mais

adiante que Yates repudia tais afirmações, argumentando que Bruno avançou os trabalhos de Ficino ao assumir uma magia mais obscura.

Dando continuidade ao percurso do andarilho, constatamos que em 1585 ele retorna a Paris, porém este regresso é fracassado, pois ele não tem mais proteção e foge devido os conflitos com os aristotélicos. O ápice destes conflitos deu-se no dia de Pentecostes, em 1586, quando uma controvérsia sobre a Física Peripatética o levou a fugir da França. Bruno havia escrito um artigo intitulado "*Cento e Vinte Artigos Sobre a Natureza do Mundo, contra os Peripatéticos*", que veio a republicar dois anos depois, em Wittemberg, com um novo título "*Camoeracesis Acrotismus*"; O título faz referência ao colégio Cambrai, onde ocorreu a defesa deste seu escrito, apresentado aos doutos locais, porém não por Bruno, que permaneceu na platéia⁵, mas por um discípulo seu.

Confirmando suas dificuldades durante a segunda visita a Paris, encontra-se nos documentos do processo inquisitório⁶ uma declaração aos Inquisidores Venezianos, de que em sua estadia teve de manter-se às suas próprias custas, dependendo, por vezes, dos poucos conhecidos. Neste curto período nota-se que sua vida de andarilho se deu muito em função das perseguições e das dificuldades imputadas a este mago renascentista, que vivia de um canto a outro da Europa, difundindo suas idéias e logo em seguida tendo de refugiar-se em nome delas. Em meio a fugas e perseguições suas teorias

⁵ Para Yates (1987, p. 333) tal fato provavelmente se deu como medida de segurança, caso Bruno tivesse de fugir da fúria dos ouvinte, que por fim, foi o que ocorreu.

⁶ Yates 1987, p.327.

eram postas em debate, construindo-se marginalmente a nova imagem do mundo.

Mais adiante, em meados de 1586, vai à Alemanha luterana, e estabelece-se em Vitemberga. Daí faz uma viagem à Áustria a fim de encontrar-se com Rodolfo II, mas não obteve sucesso. Regressa então à Alemanha, sendo que, em 1589, em Helmstädt, inscreve-se na comunidade luterana, e passado um ano é expulso. Já em Frankfurt escreve a trilogia dos poemas latinos. É ainda em solo alemão que sua desgraça tem início, quando através dos livreiros locais, recebe e aceita o convite para retornar à Itália, a fim de instalar-se na propriedade de Giovanni Mocenigo, um nobre veneziano, que pretende instruir-se na arte da memória, e que viria a ser seu traidor.

Então, no ano de 1591, chega a Veneza e nesta ocasião é denunciado por seu anfitrião para o Santo Ofício; preso no ano seguinte, no dia 23 de maio de 1592; já encarcerado nesta mesma cidade, começa o processo que viria a ser um dos mais longos da tenebrosa história da Santíssima Inquisição. No ano de 1593 é transferido para Roma.

Após longo e penoso processo, nega-se a abjurar, sendo então acusado e condenado à morte na fogueira. No dia 17 de fevereiro de 1600 é queimado vivo no *Campo dei Fiori* (Campo das Flores), em Roma, local este onde hoje se encontra um monumento erigido em sua memória. Segundo nos informa Neuser (1995), os livros de Bruno permaneceram no Index da Igreja Católica até 1963.

Bruno era pensador plural, preocupado em reformar a humanidade; sua pretensão era construir uma Nova Religião⁷, um retorno à Ética e Religião egípcias; em sua obra *Spaccio*, Bruno trata de uma convenção dos deuses, que representam as virtudes e os poderes da alma, visto que cada homem é um Universo, a reforma do céu representaria então sua proposta de reforma, e como diz-nos Yates⁸: “reforma ou produção de uma personalidade”, com boas e virtuosas qualidades. Aqui se elucida a missão de Bruno e sua fundamentação nos estudos mágico-herméticos:

“Os estudos mais recentes conseguiram lançar luz sobre a questão: a marcha que distingue o pensamento bruniano é a de caráter mágico-hermético. Bruno se coloca na trilha dos magos-filósofos renascentistas, levando muito adiante o discurso que Ficino havia cautelosamente iniciado, procurando manter-se dentro dos limites da ortodoxia cristã, mas que ele tratou de levar às últimas conseqüências. E mais: o pensamento bruniano pode ser entendido como uma espécie de gnose renascentista, uma mensagem de salvação moldada no tipo de religiosidade *egípcia*, como precisamente pretendia ser a mensagem dos escritos herméticos. O seu neoplatonismo serve de base e moldura conceitual para essa visão religiosa, dobrando-se continuamente às suas exigências” (Reale, p. 157).

O Filósofo Andarilho constrói sua teoria do conhecimento revisitando os antigos tratados, que se difundiam por toda Europa, através de suas traduções

⁷ Bruno viveu na época da Reforma, onde os conflitos religiosos acabavam em sangrentas guerras, violentos massacres, os quais causaram perplexidade e repúdio ao nolano.

feitas por filósofos herméticos, para ver em Copérnico a antiga verdade egípcia renascer. Seus escritos são de estilo clássico, neopitagórico e neoplatônico, em forma de diálogos e poemas, unindo lirismo a uma filosofia da Imagem, do Símbolo. A antiga mitologia tem aqui seus últimos suspiros, analogamente a sua exposição conceitual, que em nada podemos associar à futura adesão filosófica ao racionalismo.

⁸ 1987, p. 248-254.

A nível ilustrativo, listaremos à seguir os livros que compõe a sua *Ópera Latine Conscripta*, que consta de três volume, sendo o primeiro dividido em quatro partes, o segundo em três partes e o terceiro em uma parte. Depois listaremos os livros que compõe a *Opere Italiene* que consta de dois volumes, no primeiro, os diálogos metafísicos com três livros e no segundo, os diálogos morais, com três livros; como podemos constatar:

ÓPERA LATINE CONSCRIPTA

Vol. I

Pars. I

1. Oratio Veledictória
2. Oratio Consolatória
3. Acrotismus Camoeracensis
4. De Immenso et Innumerabilibus (Lib. 1, 2, 3)

Pars. II

1. De Immenso et Innumerabilibus (Lib. 4, 5, 6, 7, 8)
2. De Monade, Numero et Figura

Pars. III

1. Articuli adversus Mathematicos
2. De triplici minimo et mensura

Pars. IV

1. Summa terminorum metaphysicorum
2. Figuratio physici auditus Aristotelis
3. Mordentius et de Mordentii cincino

Vol. II

Pars. I

1. De Umbris Idearum
2. Ars Memoriae
3. Cantus Circaeus

Pars. II

1. De Architectura Lulliana

2. Ars reminiscendi, Triginta sigilli, etc, Sigillus Sigillorum
3. Centum et viginti Articuli de natura et mundo
4. De Lampade combinatoria et De specierum Scrutinio
5. Animadversiones in Lampadem Lullianam ex codice Augustano nunc primum editae

Pars. III

1. De lampade venatoria
2. De Imaginum compositione
3. Artificium perorandi

Vol. III

Pars. I

1. Lampas triginta statuarum
2. Libri physicorum Aristotelis explanati
3. De Magia et Theses de Magia
4. De Magia Mathematica
5. De principiis rerum, elementis et causis
6. Medicina Lulliana
7. De vinculis in genere

OPERE ITALIENE

Vol. I

Dialogui Metafisici:

- La Cena de la Ceneri
- La Causa, Principio e Uno
- L'Infinito, l'Universo, Mundi

Vol. II

Dialogui Morali:

- Spaccio de la Bestia Triumfanti
- Cabala del Cavallo Pegaseo
- De Gli Eroici Furori

I.II) Os Comentadores da Obra Bruniana

Dedicamos esta segunda parte das primeiras incursões a um olhar mais atento ao que dizem os comentadores de Bruno, sejam filósofos que recortam esta ou aquela discussão bruniana, sejam os historiadores, que, como o exemplo de Yates, se dedicam ao hermetismo em Bruno. Sendo vasta e diversificada a sua filosofia, o estudo de suas obras é complexo (como já nos disse Namer), e ocorre o agravante de encontrarem-se pouquíssimas obras traduzidas para o português e espanhol, dificultando mais ainda o estudioso iniciante, que então recorre aos comentadores...

A vasta obra bruniana é considerada por muitos de seus comentadores como obscura e diversificada, causando assim dificuldades na sua leitura. Talvés por isso haja tantas controvérsias em sua interpretações, que, como veremos, variam de comentador para comentador. Alguns, como Yates por exemplo, preocupam-se com a herança mágico-hermética e com a mnemotécnica, que também irá tratar mais diretamente da magia; outros no entanto irão enfatizar a sua discussão em torno da teoria de Copérnico - e aí ressaltar sua novidade: a teoria do Infinito. Porém, lembremos que a maioria das interpretações já estão impregnadas do olhar cientificista, como vemos em Neuser, que concede à filosofia uma função que não lhe cabe. Há um grande caminho que separa estas duas áreas do conhecimento, ao falarmos em filosofia

deveríamos nos referir ao número 34 do *Evangelho Apócrifo* de Borges, que diz: “busca pelo agrado de buscar, não pelo de encontrar...”⁹

Se não for assim, ficaremos a todo momento pondo de lado os estudos de caráter mágico, que tinham fundamental importância para a compreensão de Bruno. Muitas são as divisões que se fazem da sua obra, como por exemplo, Obras mnemônicas, de inspiração lulliana; obras que discutem a teoria de Copérnico e tratam do tema do Infinito do Universo; as obras mágico-herméticas; as obras poéticas e peças de teatro; as obras críticas e filosóficas; e assim por diante. Vejamos os quatro grandes momentos que, segundo Tocco¹⁰, abrangem a totalidade da obra bruniana:

- 1) A primeira fase diz respeito às obras de inspiração lulliana;
- 2) A segunda abrange as obras mnemônicas;
- 3) A terceira diz respeito às obras didáticas e críticas;
- 4) Por fim a última refere-se aos poemas latinos.

Para Namer estas divisões são imprecisas, pois Tocco não inclui as obras latinas de caráter filosófico e não explica o desenvolvimento desta filosofia. Talvez porque este desenvolvimento não elucide ou chegue ao ponto que para Namer é fundamental na filosofia de Bruno, ou seja a sua influência copernicana. Namer, contrariamente à leitura de Yates, propõe que toda teoria de Bruno advenha de Copérnico. Chega até mesmo a afirmar que “o sistema de

⁹ SEVCENKO, Nicolau. *O Enigma Pós-Moderno*. IN *Pós-Modernidade*. ed. da UNICAMP, 1993, p.54.

¹⁰ NAMER

Copérnico não constitui um conhecimento entre tantos outros, mas o núcleo em torno do qual se organizam todos os conhecimentos de Giordano Bruno” (Namer, p. 11), e indo mais longe, concorda com Nowichi ao afirmar que, “...se ele não tivesse existido a filosofia bruniana não poderia nascer” (Namer, p. 11). Encontra também neste aliado a observação de que a influência da teoria de Copérnico em nada exclui a adoção do lullismo; e acrescenta: “sem Raimundo Lullio, o obra bruniana não seria aquilo que é, porque toda a metodologia de Bruno apenas é concebível como continuação e desenvolvimento de Raimundo Lullio” (Nowicki, in Namer, p.11). Ambos portanto reconhecem as influências do lullismo em Bruno, mas seus estudos dão ao lullismo uma função secundária, relacionando-se de acordo com a orientação copernicana de toda sua filosofia. Seguindo a trilha destes dois autores encontramos Neuser.

Para Neuser a filosofia renascentista foi a base de onde brota a ciência moderna. Afirma que, sendo a filosofia a ciência de investigar conceitos e pressupostos destes conceitos, a filosofia foi rica no que concerne à Renascença, pois neste período muitos conceitos filosóficos, que desde a antiguidade não eram retomados, acabam por serem revisados e mudam e perspectiva. Note-se que o conceito de Infinito em Bruno carrega consigo uma imensa virada, diferente daquela até então aceita. A antiguidade conhece dois conceitos para infinito: um o considera como um princípio imaterial, como por exemplo o caos; o outro consiste em algo não mensurável, sendo assim são conceitos de menos importância filosófica.

E eis que no pensamento medieval este conceito toma uma nova roupagem, torna-se um conceito revolucionário, já que muda a estrutura do Universo. Desta forma o autor investiga os cinco diálogos *Sobre o Infinito*, e centra seus argumentos sobre o problema do conceito de infinito. O assunto da magia é tratado somente para explicar que Bruno se refere brevemente a ela para elucidar a necessidade de seu uso, porém sem aprofundar o assunto e tampouco trata de astrologia. Também não menciona Yates e seus estudos sobre o hermetismo bruniano.

Disso podemos, para sintetizar, dizer que a leitura feita por Neuser destaca a importância que o pensamento bruniano teria para a vindoura ciência moderna. Porém o autor não faz distinção da relação entre os conceitos de filosofia e ciência na Renascença e na atualidade, ou seja, parece-nos que, como a filosofia, para o autor, é uma ciência que tem por missão fornecer um método para reflexão, não há necessidade de conceituá-los e localizá-los historicamente, já que na Renascença não se fazia esta diferença. Porém ao ocultar a herança pagã da filosofia bruniana o autor sonega algumas matrizes fundamentais para entender Bruno, já que o mesmo se utiliza da matemática qualitativa e neopitagórica, que associa símbolos arquetípicos aos números, rejeitando qualquer precisa determinação quantitativa¹¹. E é justamente aqui que recaem as críticas a Bruno, quando ele discute a teoria de Copérnico sem se aprofundar em seus esquemas matemáticos. Sendo a matemática um dos

¹¹ Ver Abbagnano. *História da Filosofia*. Vol. V, 3ª. ed., Lisboa: Presença, 1984.

alicerces da ciência moderna, Bruno não estaria sendo nada cientificista ao rejeitá-la, como no seu texto *Articuli Adversus Mathematicos*.

Eis mais um autor que exclui a filosofia mágico-hermética e mnemônica de Bruno, tratando isoladamente a teoria do Infinito e sua influência na teoria de Copérnico.

Porém o olhar que corre solto nestas páginas em preto e branco depara-se com uma leitura completamente nova; trata-se do historiador Abbagnano, que vê em Bruno, apesar de sua multiplicidade de interesses, como ponto central, “o amor da vida, na sua potência dionísia, na sua infinita expansão”. Bruno, com seu ímpeto lírico, está impregnado da estética dionísia. Bruno exalta de modo literário seu ódio aos pedantes, aos gramáticos, aos acadêmicos e aos aristotélicos que “faziam da cultura um puro exercício livresco e desviavam os olhos da natureza e da vida” (Abbagnano, p.182).

O tema da natureza estava muito em voga no Renascimento, até pela necessidade de usufruí-la economicamente, como veremos mais adiante. Porém, a natureza para Bruno deveria ser conquistada através da magia, esta magia que tem fontes pagãs e utiliza-se de talismãs e outros artefatos. O mago então deve revisar a Sabedoria Original, pois, através do tempo o “juízo amadurece”(Abbagnano, pag. 184) - e este desenvolvimento deve servir ao regerminar da verdade antiga.

Bruno repudia a religião oficial, bem como o cristianismo reformado, que trouxe consigo as guerras religiosas, sua “feroz sátira anticristã (...) nem sequer poupa o mistério da encarnação do verbo”(Abbagnano, 183). Para

Bruno a religião é sinônimo de fé e, por sua vez, contrária à razão, destaca então o princípio neoplatônico da ingonocibilidade de Deus e rejeita a divindade fora do campo investigativo. Deus é então, um princípio intelectual Universal, que anima e informa o mundo, multiplicando as coisas produzidas sem se multiplicar, posto que ele está em tudo. Assim entende a Unidade e Multiplicidade, de acordo com o Ser de Parmênides e o Deus de Nicolau de Cusa, ou seja, o ser que é tudo difere dos modos de ser, que são as coisas. O Universo compreende todo o ser e todos os modos de ser, cada coisa tem todo o ser, mas nem todos os modos de ser. Assim, sob a influência de Parmênides, afirma que a Unidade é o Universo, sendo a matéria ao mesmo tempo corpórea e incorpórea e não subsistindo separada da forma, bem como a forma não existe sem a matéria. Assim diferenciando-se da Unidade Aristotélica, que não comporta a multiplicidade das coisas em sua unidade do todo. E quanto ao Infinito distingue duas possibilidades:

- 1) De Deus: é tudo em todo o mundo.e tudo em cada parte dele;
- 2) Do Universo: tudo em tudo, mas não em cada parte.

Além disso Abbagnano ressalta o caráter neopitagórico de alguns escritos brunianos, como por exemplo "*De mínimo*", no qual Bruno com sua "matemática simbólica", defende dez derivações do Uno, que vão deste até a década, sendo que para cada numeração ele estabelece correspondências simbólicas entre os números e alguns aspectos fundamentais na sua estrutura metafísica, física e humana:

“...trata-se de correspondências fantásticas, nas quais os elementos do Universo metafísico ou físico são ordenados e numerados mais ou menos arbitrariamente para os tornar susceptíveis de entrar no sinal mágico de um ou de outro número” (Abbagnano, p. 191)

E novamente este comentador ressalta que o “caráter fantástico da teoria de Bruno (...) tem suas raízes na necessidade de expansão dionisiaca” (Abbagnano, p. 192), porém, ele não se detem em explicar o que de dionisiaco carrega a filosofia bruniana. Devemos lembrar que Bruno teria bem mais de apolíneo, já que tanto preza o belo da iluminação solar. Se se pode falar em Dionísio, deverá ser num sentido nietzschiano, da paixão controlada contrária ao frenesi sem forma, e neste modo podemos até mesmo dizer que ambos estariam juntos, ou seja, o caráter apolíneo não contradiz o caráter dionisiaco, sendo ambos duas faces de uma mesma moeda. Constatamos em Yates este caráter apolíneo quando ela trata da produção de uma personalidade prevista na reforma do céu, da qual Júpter estaria incumbido, na obra bruniana, “Spaccio”. Confirmando então nossas afirmações quanto as características apolíneas desta filosofia, vejamos como se mostra esta produção de personalidade, da qual fala Yates:

“Podemos determina-lo olhando para o céu e lendo as boas qualidades virtuosas nas constelações. É uma personalidade predominantemente solar, pois Apolo é patrono da magia e dos augúrios, e essa personalidade é a do profeta e líder de uma revivescência da religião mágica. O triunfo das características solares é testemunhado, por exemplo, em Dragão, onde Apolo,

com a sua mágica, encanta o Dragão e em Corvo, onde a magia divina triunfa sobre as formas da magia ruim". (Yates, pag. 249)

Além destes autores não encontramos referencias quanto ao caráter apolíneo ou dionisiaco nos outros comentadores, porém é notável verificar na filosofia bruniana uma apologia ao aspecto solar da verdade magico-hermética, que poderá ser confirmada no decorrer dos textos.

Antes de passarmos à outro comentador, ressaltamos a classificação que Abbagnano usa para dividir a obra de Bruno:

1 - A Comédia Candelaio (1582)

2 - Escritos Lullianos: De Compidiosa architectura et complemento artis Lullii (1582); De lampade combinatoria lulliana (1587); Artificium perorandi (1587); De progressu et lampade venatoria logicorum (1587); Artificium perorandi (1587); Animadversiones circa lampadem lullianam (1587); De specierum scrutinio (1588); Lampas triginta statuarum (1590 ou 1591).

3 - Escritos mnemotécnicos: De umbris idearum (1582); Ars memoriae (1582); Cantus circaeus (1582); Triginta sigillorum explicatio (1583); Sigillus sigillorum (1583); De imaginum compositione (1591).

4 - Escritos didáticos que expõem as doutrinas de outros pensadores: Figuratio Aristotelici physici auditus (1586); Acrostimus camoeracensis (1586); Dialogi duo de F. Mordentis prope divina adinventione (1586); CLX articuli adversus huius temporis mathematicos atque philosophos (1588).

5 - Escritos mágicos: De magia et theses de magia; De magia mathematica; De principiiis rerum; elementis et causis; Medicina Iulliana; De vinculis (composto todos eles entre 1598 e 1591).

6 - Escritos de filosofia natural: La cena de la cenere (1584); De la causa principio et uno (1584); De l'infinito, universo e mundi (1584); Summa terminorum methaphysicorum (1591); De minimi (1591); De monade (1591); De immenso et innumerabilibus (1591).

7 - Escritos morais: Lo spacio della bestia trionfante (1584); Cabala del Cavallo Pegaseo con l'aggiunta dell'Asino cillenico (1585); De gli eroici furori (1585).

8 - Escritos de circunstância: Oratio veledictoria, pronunciada em Wittenberg em 1588; Oratio consolatoria, pronunciada em Helmstedt em 1589.

Uma interpretação desconfiável é a de Vedrine. A autora inicia sua exposição fazendo uma crítica ao “humanismo renascentista”, menosprezando seus representantes em detrimento dos que estão por vir... “Para os franceses habituados a pensar a descontinuidade no quadro da epistemologia, nascida com Galileu e Descartes, o Renascimento faz figura de parente pobre” (p.37)

No entanto, mais adiante contradiz-se, “em cento e cinquenta anos a imagem do mundo se transformou (...) Não importa que a Inquisição queira impor sua lei; o aristotelismo irá cair sob as críticas dos filósofos cosmológicos. Mas isso é outra história...” (p.40) Isso não é outra história, ou seja, esta é a história, afinal cento e cinquenta anos de rigor escolástico e imposição do

aristotelismo não caem por terra senão através de uma grande revolução no conhecimento. Devemos para entendê-los situá-los naquele contexto. Deus está presente em toda a idade medieval, porém os filósofos estão amarrados às correntes da rigidez escolástica, defrontando-se com um grande número de obras proibidas que começam a ser traduzidas e circular nos meios eruditos. Com todas estas ressalvas a filosofia estava sufocada. Foi necessário um grito de guerra: liberdade de pensamento! Então estes audaciosos pensadores percorreram as trilhas que os levavam aos conhecimentos que foram silenciados durante séculos, e nisso cada um de forma singular contrói sua teoria do conhecimento, revisando autores diversos, num ecletismo oposto àquela tradição que os vinha sufocando. Com estas revisões do antigo pensamento (Pré-Socráticos, Pitágoras, Hermes Trismegistos, assim como teóricos medievais: Agostinho e Aquino) fervilham debates e cria-se um Novo Mundo. Mas, para criar este novo mundo muito sangue foi dado à filosofia.

Aos que vêm depois resta “pensar para existir”, pois lutar em nome do pensamento já era combate ganho. Desbravadores, é o que podemos dizer destes Livre Pensadores, que em meio a perseguições, torturas e morte, levaram adiante a sua missão de resgatar a “teoria do conhecimento” da fúria escolástica e dos gramáticos aristotélicos. Porém não devemos ser tão cruéis a ponto de exigir deles uma despedida de Deus.

Com um linguagem vulgar a autora refere-se à Renascença como o parente pobre da história, onde cada autor “reinventa sua artiguidezinha”, e Hermes é reduzido a *Best-Seller*. Para ela, estas releituras são poucos fiéis à

história e reduzem o respeito ao texto à escolha bem feita de algumas citações. Porém, a autora parece desconhecer o grande combate de Bruno aos pedantes, aos escolásticos, aos doutos aristotélicos, aos gramáticos, que se conformam com leituras escassas e reducionistas, traduzindo-se num fraseologismo bem elaborado em latim, porém com pouco esforço intelectual; enquanto isso, Ficino traduz Platão, Plotino, Pimandro e Hermes. Como então reduzir todos pensadores da Renascença a citadores de parágrafos bem escolhidos?

Com isso, não iremos nos aprofundar nesta interpretação, pois a autora banaliza certos temas, sonega o contexto histórico dos conflitos religiosos, sociais e políticos, impondo-lhe uma leitura preconceituosa e depreciativa, além de outras gafes, como por exemplo, não utiliza as obras de Bruno ao expor seu pensamento, não cita Yates, senão nas entrelinhas e com menosprezo e com o agravante de cometer erros históricos indesculpáveis, o que parece-nos irônico, pois sua severa crítica aos filósofos renascentistas recai na infidelidade histórica e na redução do texto a mera escolha de alguns parágrafos. Porém após todas estas duras e perigosas críticas constatamos no texto de Vedrine erros quanto a datas, personalidades, bem como faz uma confusão ao expor o mito de Actéon¹². Resta-nos finalmente a missão de ouvir Yates em seus estudos sobre o hermetismo de Bruno.

Yates é hoje em dia, a mais difundida comentadora de Bruno, e talvez a mais criticada... A autora faz uma longa exposição situando o leitor no contexto

¹² A autora coloca Bruno no convento três anos antes da data descrita pelos outros comentadores e faz referência de uma visita de Bruno à Rodolfo, em confronto com os outros comentadores, o que de fato ocorre é que Bruno nunca chegou a conhecer Rodolfo II (não Rodolfo), sendo então fracassada sua viagem a Áustria.

acadêmico e erudito da Renascença, principalmente tratando do contexto encontrado por Bruno em sua chegada a Oxford.

Durante o período que passou na Inglaterra, o nolano encontrou uma Universidade em crise, que adotará a gramática em detrimento da filosofia. Em meio a estas circunstâncias, Bruno foi convidado por alguns eruditos locais para um debate com os doutos de Oxford, o que posteriormente foi registrado através do livro *A Ceia da Cinzas*. O encontro foi tão conflituoso, que alguns estudiosos, admiradores de Bruno lhe enviaram um pedido de desculpas pelo comportamento deplorável de seus debatedores; como podemos ver a seguir:

“Los caballeros que estaban presentes rogaron al nolano que no tomase ofensa por la rudez e ignorancia de sus doctores, sino que más bien compadeciese la pobreza de este país que está viudo de buena erudición en los terrenos de la filosofía y la matemática pura, respecto de las cuales todos están tan ciegos que asnos como aquéllos pueden hacerse passar por videntes” (Yates, p.251)

O Livro “A Ceia das Cinzas” ocupa-se principalmente em criticar o pedantismo gramatical e aristotélico que imperou durante o debate e que era certamente uma marca de seus novos doutores. Havia aí uma grande encruzilhada, pois Bruno não fazia críticas à velha tradição medieval daquela Universidade, mas sim à sua mais nova situação. O contexto da época coloca a Universidade de Oxford sob a mira da crítica, pois já se difundia entre o meio erudito, a decadência e o desprestígio a que ela chegou : “El conflicto de Bruno con el aristotelismo inglés era la lucha de un *filósofo del Renacimiento* contra el

tradicionalismo medieval (...) habían hecho lo mejor que había podido para destruir su propia tradición filosófica” (Yates, p.250). Bruno diante destas circunstâncias vê-se como defensor da filosofia desprestigiada na nova Oxford, que prefere adotar a nova gramática, e examinar “cada discurso y discuten cada frase” (Yates, p. 253), negando-se a discutir as novas teorias, propostas por Bruno, em sua exposição sobre as idéias de Copérnico.

Porém Yates vai encontrar fora do círculo acadêmico muitos aliados de Bruno, Sidney, que se encontra na obra, é provável que estivesse no debate entre Bruno e os doutos de Gramática, que na “Ceia” surgem como, “Torquato” e “Nundinio”, que sustentam suas argumentações em Ptolomeu e Aristóteles. Outro aliado é Digges, que confirma a dificuldade destes debates, pois um gramático não poderia enfrentar um filósofo em seu próprio terreno sem cair no pedantismo das frases sem sentido, em latim.

Estes novos pensadores não desprestigiam os antigos, mas, sim procuram entendê-los e situá-los dentro das novas discussões, já que alguns temas estavam obsoletos, portanto deviam ser retomados. Como, por exemplo, quando Bruno vê na teoria de Copérnico uma reemergência da antiga verdade pitagórica e mística.

Após expor a situação da Inglaterra que Bruno irá encontrar, Yates argumenta ser um grande erro de interpretação crer que a teoria de Copérnico está, em Bruno, desvincilhada de suas influências mágico-religiosas. O que elucida o fato de Bruno não encontrar-se entre os pensadores que fundam a ciência moderna, que será legitimada em todos os campos do saber. Assim ela

confirma sua diferença: o solo da filosofia bruniana são as fontes pagãs que reemergem em Copérnico.

Com o império do racionalismo, a partir da modernidade, entende-se porque os comentadores desprestigiam o trabalho de Francis Yates, apesar de estarem a par de sua erudição, por suporem que os temas que escapam ao pensamento racional sejam assuntos superados pela argumentação lógica, pois, como diz-nos Yates: “La Cena es una cena mística que escapa a toda definición racional” (Yates, p. 281). E assim chegamos aos argumentos de Yates ao afirmar que mesmo o copernicanismo de Bruno deve ser visto a partir de sua filosofia mágico-hermética, que tem como pano de fundo os tratados da antiguidade; assim, neste pronunciamento, Bruno afirma os avanços de Copérnico quanto à estrutura do céu, porém com a ressalva de que seus escritos ainda estão distantes da verdade egípcia. Aqui então encontramos a missão do nolano: prosseguir os estudos de Copérnico à luz da antiguidade, como vemos:

“A ele (Copérnico) devemos a nossa libertação de vários preconceitos da filosofia comumente recebida, à qual não chegarei a chamar cegueira. Todavia, ele próprio não a transcendeu muito pois, sendo mais um estudante de matemática do que da natureza, não conseguiu penetrar com suficiente profundidade para remover as raízes dos princípios falsos e desorientadores, e para destrinçar todas as dificuldades do caminho, libertar-se, e também aos outros, das buscas das indagações vazias, para voltar a atenção às coisas que são constantes e certas”. (Cena, dia. 1, In Yates, 1987, p. 264).

A antiga verdade da qual o nolano é profeta, não reduz o heliocentrismo ao sentido que Copérnico lhe imputou, ou seja, astronômico ou matemático, embora Copérnico também tenha feito referências à antiga astronomia. Bruno irá ver nesta Renovação do pensamento, o Sol como o deus visível, ao qual refere-se Hermes Trismegisto, quando se reporta a trazer à luz do intelecto a antiga verdade que estava aprisionada pelos “Falsos Mercúrios”¹³.

Já em Agostinho, em sua interpretação do Lamento, contido no Asclépio de Hermes, tratava-se de uma profecia da eliminação da falsa religião egípcia pelo cristianismo. A partir daí, Bruno utiliza a interpretação de Agostinho, mas supõe que os supressores cristãos, os “falsos Mercúrios”, legislavam contra a verdadeira religião solar egípcia. Yates prossegue argumentando que é possível que Bruno tenha captado a idéia de uma reforma solar-mágica em conexão com as idéias que circulavam na corte francesa. Portanto, quando Bruno chega à Inglaterra, está sob os domínios mágico-herméticos das obras “Cantos Circences” e “a Sombra das Idéias” - onde ele exalta a memória como principal instrumento na formação de um mago, o qual precisa dispor de imaginação para receber as “impressões” das imagens planetárias - eis então sua arte da memória, com as marcantes influências de Agripa e Ficino. Para Yates:

“O sistema da memória mágica de Bruno representa, portanto, a memória de um mago que conhece, de fato, a realidade que está além da multiplicidade das aparências, por ter conformado a sua imaginação às imagens arquetípicas, e também por ter adquirido os poderes advindos dessa visão interior.

¹³ Os “falsos Mercúrios” aos quais Bruno faz referência seriam os cristãos. Ver Yates, 1987, pag. 266.

Eis a descendente direta da interpretação neoplatônica das imagens celestiais de Ficino, mas levada a um extremo de ousadia muito maior” (1987, p. 225).

Como podemos ver, a interpretação de Yates coloca tanto os escritos mnemônicos, quanto as obras que irão aprofundar as teses de Copérnico, sob a base dos antigos tratados herméticos.

Em resposta à acusação que fazem a Bruno de ter plagiado Ficino em uma conferência em Oxford, da qual tratamos no capítulo anterior, Yates conclui que ao invés de plágio, esta teria sido uma tentativa, que o nolano fez, de aproximar o que dizia Copérnico sobre o Sol, ao “De Vita Coelitus Comparanda”, de Ficino. Porém, Bruno foi mais ousado que Ficino, o qual praticava uma magia inofensiva, pois disfarçava a fonte principal, que era o Asclépio, enquanto Bruno defendia ferrenhamente um retorno à religião mágica dos Egípcios, afirmando sua superioridade diante de qualquer outra religião. Desta forma, é notável o empenho de Yates em situar todo o trabalho de Bruno frente ao grande fenômeno da renascença: a redescoberta da antiguidade.

I.III) A Renascença

Este capítulo tem por finalidade elucidar alguns conceitos usuais que caracterizam o tempo histórico, no qual está inserida a filosofia bruniana, bem como os acontecimentos que marcam este período de transição.

O Renascimento caracteriza-se por um amplo movimento cultural que marca a transição entre a Idade Medieval e a Modernidade. Seus ideais coincidem com os propósitos da burguesia emergente. Retomam as circunstâncias históricas dos gregos e romanos de “forma a sugerir um novo comportamento no homem europeu. Um comportamento calcado na determinação de vontade, no desejo de conquistas e no anseio do novo” (Sevcenko, 1988, pag. 14).

Pode também caracterizar-se por um movimento literário, artístico e científico, que se verificou no século XV e XVI, e que se baseou em grande parte na imitação da antiguidade. A *Rinascita*, representa a renovação das artes sob influência da Antiguidade redescoberta, que permitiu que eles escapassem da suposta “barbárie” do estilo gótico. Houve aspirações estéticas, científicas e éticas (exaltação da inteligência, da individualidade do Herói, superpondo-se aos valores cristãos).

Com a conclusão do Concílio de Trento (1563), uma última fase articulou-se na Itália. A reforma da arte religiosa foi posta em primeiro plano, com o retorno a um classicismo de tendência purista em arquitetura e naturalista em pintura.

Além destes movimentos artísticos, literários e filosóficos, o século XVI é marcado pela descoberta da América, bem como novas rotas para África e Ásia, aflorando o desenvolvimento da navegação e com isso o desenvolvimento do comércio, caracterizando a queda definitiva do feudalismo e fortalecendo a Monarquia. Neste sentido, os novos pensadores beneficiam a nova ordem social. Voltando-se para o presente, eles resgatam os valores da antigüidade a fim de contribuir para uma sociedade em movimento, contrariando assim a ordem até então estabelecida pela igreja, cujo unico movimento da história era do advento de Cristo rumo ao Juízo Final. De agora em diante o ser humano deveria procurar o que havia de divino em si, expandindo suas forças para transformar a sociedade conforme seus interesses. Esta crença na capacidade do ser humano, de dar cabo à construção de um novo mundo, caracterizou o que conhecemos por Antropocentrismo. É portanto na Renascença que se instaura a sociedade, até hoje centrada no ser humano. O termo Antropocentrismo, como a própria palavra já diz, coloca o ser humano no *centro do universo* chocando frontalmente com o baluarte medieval: o Deus católico, princípio de vida e juiz da morte, divulgador da culpa, ele imperou a foice e fogo durante séculos de cega submissão à tradição judaico-cristã, até que uma virada na história, chamada Renascimento, destronou-o encaminhando a humanidade para um outro extremo. Mas essa longa e penosa tradição deixou profundas marcas, ainda hoje tatuadas a ferro em brasa, neste frágil ser humano que caminha incerto rumo ao próximo milênio.

O tema da natureza ressurgiu com toda a força viva. Mas, há cheiro de injúria no ar, o véu de “Ísis” foi descoberto para domá-la, conquistá-la, extrair dela toda riqueza possível, tanto seu poder mágico, quanto suas riquezas naturais. Escutemos o que nos diz Sevcenko:

O período é de grande inventividade técnica estimulada e estimuladora do desenvolvimento econômico. Criam-se novas técnicas de exploração agrícola e mineral, de fundição e metalurgia, de construção naval e navegação; de armamentos e de guerra. É o momento da invenção da Imprensa e dos novos tipos de papel e tinta. Se a introdução de uma nova técnica poderia colocar uma empresa à frente de suas concorrentes, a criação de novas armas coloca os Estados em vantagem sobre seus rivais. Foi com esse objetivo que Galileu foi contratado pela oligarquia mercantil da República de Veneza e foi esse tipo de préstimo que Leonardo da Vinci ofereceu a Ludovico, o Mouro, senhor de Milão, a fim de entrar para o seu serviço.

Esse conjunto de circunstâncias instituiu a prática da observação atenta e metódica da natureza, acompanhada pela intervenção do observador por meio de experimentos, configurando uma atitude que seria mais tarde denominada científica. O objetivo era o de obter o máximo domínio sobre o meio natural, a fim de explorar-lhe os mínimos recursos em proveito dos lucros do mercado. O instrumento-chave para o domínio da natureza e seus mananciais, através do qual se poderia condensar sua vastidão e variedade numa linguagem abstrata, rigorosa e homogênea, era a matemática. (1988, p. 11)

Os eruditos que marcam a virada da Renascença são, então, os humanistas. O humanismo foi um movimento que teve por objetivo central o desenvolvimento das qualidades do ser humano. Diz-se que a Doutrina dos Humanistas do Renascimento tinham por objetivo reabilitar as línguas e literaturas antigas. Este movimento é uma das duas faces do Renascimento, a

do filólogo e do escritor voltados para a Idade das Letras Antigas, aquela que se desdobra no tempo e cujo herói é o romano. A outra face é a do descobridor, atraído pelo ouro e pelas especiarias, tem por território o espaço das expedições marítimas e como figura de proa o índio.

Os humanistas tinham portanto a missão de resgatar os conhecimentos desprestigiados pela Igreja, que impôs ao ser humano uma cega submissão a um Deus autoritário, que tinha como porta-voz de seus preceitos o clero. Os humanistas por sua vez, dando voz aos sábios da antiguidade, pretendiam formular argumentos lógicos, racionais, a fim de combater a irracionalidade dogmática cristã, que tingiu o solo da Idade das Trevas de cor vermelho sangue. Lembremos que da alta Idade Média até a Renascença, a caça às Bruxas aterrorizou e disseminou aqueles que aos olhos da igreja não estavam de acordo com seus preceitos; este foi o maior massacre da história, acumulando mais mortos que a soma das duas grandes guerras, as vítimas favoritas da igreja foram as mulheres¹⁴ e os eruditos empenhados nos estudos do Demônio¹⁵. Portanto, ao mergulhar nos estudos da antiguidade os humanistas-renascentistas colocavam seu pescoço na forca, pois argumentar

¹⁴ Conforme os ensinamentos do *Malleus Maleficarum* (escrito em 1484), toda mulher, por ter uma alma vulnerável, possui a tendência de cair na armadilha do demônio. Devido a isso a igreja incumbiu aos Inquisidores a missão de elaborar regras e leis para detectar os fenômenos de possessão (diz-se daquele que está possuído pelo demônio) e assim que constatada a possessão passar ao julgamento (geralmente acompanhado de torturas) e, por fim, à condenação. Conforme relata o tradutor do *Malleus*, mais de 100 mil mulheres foram levadas à fogueira, sob o pretexto de copularem com o demônio dentre outros absurdos. Ver: Kramer, Heinrich e Sprenger, James. *Malleus Maleficarum: o Martelo das Feiticeiras*. Trad. Paulo Fróes, 8ª ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

¹⁵ O Diabo ou Demônio, figura marcante que assombra toda teologia cristã, ao qual é dedicado longo tratado, o *Malleus* como já vimos, e o *Fornicarius*, também escrito por um inquisidor, entre os séculos XV e XVI, ambos explicam as artimanhas do demônio: figura que se apodera das almas fracas e heréticas, copula com as mulheres e realiza outras peripécias, como dizíamos, o demônio medieval junta do lixo da igreja aquilo que ela rejeitou, ou seja, o Riso, a Natureza e a Razão.

contra as Santas Escrituras e contra os teólogos medievais confirmados pela igreja era uma injúria imperdoável, que implicava em perseguições e até em morte, como foi o caso do nosso estimado filósofo Giordano Bruno.

Diante de tamanha loucura coletiva a igreja começou a ser desacreditada, e foi preciso então, diante de tamanha crise, passar por uma reforma. Lutero¹⁶ e Calvino¹⁷, foram os dois mais importantes representantes do movimento renovador do cristianismo ou seja, a Reforma. Ambos eram contrários aos humanistas, que objetivavam substituir a fé por idéias filosóficas pagãs. A Reforma então, é um movimento renovador da igreja, iniciado por Lutero no século XVI, subtraindo parte da Europa e dando origem às Igrejas Protestantes. Processos econômicos e sociais criaram as circunstâncias sem as quais não haveria condições para esta renovação religiosa. A princípio foi a obra de Martinho Lutero, depois estendeu-se para além da Alemanha. Os países de língua francesa encontravam em Calvino um outro modo de renovação religiosa - que se deu em Genebra, junto aos Huguenotes.

Devemos ilustrar aqui a preocupação de Reale quanto ao fato de que é necessário atentarmos para a existência de dois conceitos distintos, sejam eles, *Reforma Católica* e *Contra-Reforma*. O primeiro conceito caracteriza-se por um processo de renovação no interior da Igreja e o segundo conforme o nome, distingue-se por um processo de reação e conservação, ou seja, a Contra-

¹⁶ Martinho Lutero(1483-1546): reformador alemão, monge agostiniano, doutor em teologia em 1512, professor na Universidade de Wittenberg em 1513. Propunha a doutrina da justificação pela fé, idéia essencial do texto de são Paulo, que viria a ser o principal fundamento do protestantismo oficial. Só a fé salva, e não as ações, sobretudo tratando-se das falsas boas ações, determinadas pelo dinheiro.

¹⁷ Calvino(1509-1564): reformador francês, em 1533 começou a declarar-se protestante. A idéia central da teologia de Calvino é a de transcendência e soberania de Deus. A distância que separa Deus

Reforma foi um movimento reativo da igreja, que via a olhos nus o clero dividido, suas forças esvaindo-se, seus aliados enfraquecidos e sua missão desacreditada entre o rebanho, que após tanto sofrimento perdeu a esperança.

Michelet, nos relata as condições daquele povo:

Há aí não somente os sofrimentos materiais, o agravamento das velhas misérias, mas um abismo de dor (...) O papa está degradado. Os senhores, derrotados e prisioneiros, extorquem seu resgate do servo e lhe arrancam até a camisa. A grande epilepsia do tempo começa, depois a guerra servil, a Jacquerie... A fúria é tão grande que dançam. (1992, p.14)

Com esta breve incursão pela Renascença esperamos ter esclarecido alguns conceitos básicos que a caracterizam, a fim de contextualizar historicamente o filósofo de Nola, de acordo com os movimentos que marcam a marcha da civilização européia durante seu curto período de vida. Agora, de acordo com estes esclarecimentos, não devemos perder de vista o seguinte fato: o de que sua construção teórica está no “compasso” dos movimentos que caracterizam a Renascença, sem com isso excluir suas singularidades e inovações, das quais trataremos a seguir.



Monumento em memória a Giordano Bruno, que se encontra no Campo das Flores, em Roma; extraído do livro *G. Bruno ou o Universo Infinito como Fundamento da Filosofia Moderna*, Emile Namer. Lisboa: Estúdios Cor, 1966.



PALAVRAS

II) A Teoria do Infinito

II.1) Uma Nova Imagem do Mundo

Ler um filósofo do passado é resgatar algo que está muito além de seu pensamento, são as muitas leituras que se fez de sua vida e obra somadas ao contexto histórico em que ocorreram seus escritos, e ao mesmo tempo, nossas próprias experiências de leitor-pesquisador, que tem por missão elaborar uma nova escrita a partir de suas obras. É, no entanto, uma escrita que não abarca a magia do instante, muito menos de uma existência, e que quase sempre esquadrinha o pensar em normas e regras científicas, tão distantes da vida, da nossa vida, de ser contemporâneo, que pensa de forma fragmentada. Portanto, cientes destas limitações, vamos tentar trazer à luz algumas das idéias de Giordano Bruno, o livre-pensador que foi assassinado na fogueira, pela "Santa" Inquisição em fevereiro de 1600, por idéias revolucionárias para sua época, e quem sabe ainda para a nossa.

Alguns autores e historiadores consideram-no um neo-platônico, seus argumentos como poderemos constatar estão impregnados de neo-platonismo. Ele também faz muitas críticas à Universidade de Oxford, às idéias de Aristóteles, e à idéia de Deus proposta pelos teólogos cristãos, dentre outras. Dentre suas idéias destacamos o Panteísmo. Bruno via em cada partícula animada, portanto viva, um reflexo de Deus. Há um Deus em cada ser... porém

nenhum ser é capaz de comportar Deus. Suas fontes são pagãs, portanto suas idéias não fazem parte do ideário católico, tampouco dos racionalistas que surgem algum tempo depois, como podemos ver em Reale:

Em suma, com sua visão vitalista e mágica, Bruno não é pensador “moderno”, no sentido que não antecipa as descobertas do século seguinte, que nascem em bases totalmente diferentes.¹⁸

Como Platão, Bruno também escreveu em forma de Diálogos. Muitos destes diálogos davam-se entre ele e Hermes Trismegisto¹⁹, cuja existência é duvidosa para os historiadores. Reale, por exemplo, afirma convictamente que “Hermes Trismegisto é figura mítica, que nunca existiu, e que nos remete ao deus Toth, dos antigos egípcios, considerado inventor das letras do alfabeto e da escrita dos deuses e portanto revelador, profeta e intérprete da sabedoria divina e do logos divino” (1990, p.34). Mas, o que realmente nos interessa não é saber se ele existiu ou não, e sim, que o mito de Hermes é real e que durante o Renascimento suas obras estavam muito difundidas entre os livre-pensadores; como já vimos, é Ficino quem traduz o “Corpus Herméticos”, e podemos constatar que nos diálogos de Bruno Hermes é retratado como seu grande mestre, como um sábio. Na obra "A Causa, O Princípio e O Uno", Hermes surge no primeiro diálogo com o nome de Harmesso, Bruno como Filóteo (que nos demais diálogos será Teófilo), e um discípulo seu, com o nome de Helitrópio, que significa voltar-se para o sol. Vemos aqui o sol como uma

¹⁸ REALE, Giovanni. História da Filosofia: Do Humanismo a Kant. vol. II, São Paulo: Paulinas, 1990. (coleção filosofia). pag. 168

grande metáfora da Iluminação²⁰, que é o caminho do conhecimento dos iniciados²¹, O que significa voltar-se para a luz do conhecimento, proposta pelo mestre: Giordano Bruno. O diálogo em que aparece Hermes -Harmesso- apesar de ser o primeiro dos cinco diálogos que compõem esta obra, foi o último a ser escrito e trata-se de uma apologia à "Ceia das Cinzas". Quanto ao que falávamos anteriormente a respeito do Sol, como metáfora da iluminação, constatamos que este culto ao Deus Solar é de origem hermética, como podemos constatar no "Discurso da Iniciação ou Asclépios", que é o último livro que compõe o "Corpus Hermeticum", de Hermes Trismegistos:

Então ser-te-á dado o oráculo. Será separado de tua alma, não mais estarás em ti mesmo quando ele responder. O oráculo te será dado em versos e o deus, após tê-lo dito, irá embora. E tu permanecerás em silêncio pois compreenderás tudo por ti mesmo e então reterás na íntegra as palavras do grande deus, mesmo que o oráculo contenha mil versos.

É verdadeiro, completo, claro e certo. O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é igual ao que está embaixo, para realizar os milagres de uma única coisa.

Ao mesmo tempo, as coisas foram e vieram do Um, desse modo as coisas nasceram dessa coisa única por adoção.

O Sol é o pai, a Lua a mãe, o vento o embalou em seu ventre, a Terra é sua ama; o Telesma do mundo está aqui.

Seu poder não tem limites na Terra.

Separarás a Terra do Fogo, o sutil do espesso, docemente com grande indústria.

Sobe da Terra para o céu e desce novamente à Terra e recolhe a força das coisas superiores e inferiores.

¹⁹ O Deus Thot dos Egípcios, diz-se que é o precursor da Astrologia, é o protetor dos intelectuais.

²⁰ A iluminação tem um sentido esotérico para os místicos, que a buscam através de um longo processo de retiro espiritual ou de uma vida dedicada ao próximo. Diz-se que Cristo, Gandhi, Buda e outros foram Iluminados.

²¹ As iniciações são "portais" pelas quais o aprendiz deve passar em função de seu crescimento interno, espiritual. Os Iluminados passam por várias iniciações até tornarem-se mestres.

Desse modo obterás a glória do mundo e as trevas se afastarão.

É a força de toda força, pois vencerá a coisa sutil e penetrará na coisa espessa.

Assim o mundo foi criado.

Esta é a fonte das admiráveis adaptações aqui indicadas. Por esta razão fui chamado de Hermes Trismegistos, pois possuo as três partes da filosofia universal.

O que eu disse da obra solar é completo. (1983, p. 124)

Os demais diálogos são travados com outros interlocutores, sem a presença de Hermes. Neste primeiro diálogo, Harmesso e Filóteo discutem a grande metáfora que representa a ceia. Ela pode representar a diversidade de opções das diferentes filosofias, assunto tratado também em outros diálogos, e que Filóteo define como uma grande riqueza. No entanto, cabe a cada um dos convivas escolher o que melhor lhe agrada ao "paladar", pois existe a possibilidade de escolher uma "má comida" ou algo que não pode lhe servir de alimento, pois que *"para a nossa infelicidade e a de todos, acham-se coisas correspondentes e proporcionais àquelas, tudo advindo do pecado do antigo ancestral Adão, que condenou a natureza humana eternamente a ter gostos e desgostos"*²². Sua linguagem é rebuscada e simbólica, metafórica, utilizando-se da mitologia e dos simbolismos pagãos.

Devemos pensar duas questões fundamentais: a primeira é com relação à formação católica de Bruno e a segunda é a presença marcante dos mitos ocidentais, que sem dúvida dizem muito de nossa história de construção e que

²² BRUNO, Giordano. A Causa, o Princípio e o Uno. São Paulo: Instituto Italiano di Cultura: Nova Stella, 1988. (pag. 27)

portanto devem, sim, ser retomados e redescobertos em nosso cotidiano. Na Renascença, os antigos tratados que até então eram proibidos e haviam sido ocultados, estavam muito em voga entre os magos-herméticos, que viam na antiguidade a grande verdade, que durante tanto tempo foi desprestigiada em nome do poder.

Prosseguindo, no diálogo III, Teófilo, dissertando sobre as diferentes filosofias, conclui que somente *"os de cérebro presunçoso, fútil e invejoso"* querem persuadir os outros de que **só existe um meio de investigação e acesso ao conhecimento**, somente um louco iria atribuir a verdade a si próprio. Para qualquer pessoa dedicada ao estudo da filosofia, tal afirmação deveria surpreender, pois que a história da filosofia tem nos mostrado que, geralmente, o que ocorre é o contrário, ou seja a grande maioria dos filósofos quer resguardar toda verdade filosófica na sua própria doutrina. Por isso existe aqui uma grande humildade ao mesmo tempo que comprova a grandeza de sua filosofia que afirma a existência de outros caminhos que levam ao conhecimento e que sendo diferentes do seu, têm igual valor, pois que *"não se deve desprezar aquele outro modo, que não deixa de apresentar bons frutos, embora estes frutos não sejam da mesma árvore"*²³. Assim, Bruno aconselha àquele que possui tempo disponível, que se dedique ao estudo de diferentes filosofias, diferentes *"modos de reflexão"*, que podem dar-se, inclusive através da Magia - à partir de aplicações de raízes, de encantamentos, de pedras, enfim de formas de conhecimento inabarcáveis pela razão.

²³ Op. Cit. (pag. 81)

Para Bruno, o conhecimento antes de mais nada deveria vir despido de ambições, e assim ele nos dá o exemplo dos médicos de sua época: existem diferentes formas de tratamento médico, mas muitas das doenças que assolaram a idade média só foram curadas pelos magos e feiticeiras, portanto não há como determinar qual é o melhor tratamento, ou seja, não existe uma única fórmula, mas sim a arte de curar vidas, que foi aos poucos sendo tratada com deboche pela grande maioria dos médicos. *"os diferentes médicos são inimigos entre si por avareza, inveja, ignorância e ambição"*²⁴. Lembremo-nos de Paracelso, cujo Bruno tece elogios por ter tratado da filosofia médica e ter criticado Galeno - que introduziu a medicina filosófica. Paracelso nem mesmo é lembrado nos tratados de ciências. Como nos diz Michelet, o advento da ciência moderna esqueceu àquelas, que como Paracelso, eram as curandeiras do povo:

*Ao ler as belíssimas obras escritas em nossos dias sobre a história das ciências, uma coisa me espanta: parece que tudo foi descoberto pelos doutores, aqueles semi-escolásticos, que a cada instante ficavam enredados em suas togas e dogmas, nos deploráveis hábitos de espírito que a Escola lhes incutia. E aquelas que andavam livres pelas cadeias, as feiticeiras não teriam descoberto nada? (...) Ainda hoje, as solanáceas, que elas tanto empregavam, são consideradas o remédio especial da grande doença que ameaçou o mundo no século XIV.*²⁵

²⁴ Op. Cit. (pag. 82)

²⁵ MICHELET, Jules. *A Feiticeira: 500 anos de transformações na figura da mulher*. 3a ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1992. (pag. 14)

Esta ciência milenar é hoje vulgarizada, coloca a vida humana no lixo, quando troca a arte de salvar vidas por rótulos descartáveis de um mercado farmacêutico imundo. Lembremos que este discurso médico aflorou na modernidade vindo de encontro à visão asséptica de homem e mulher; paralelamente originou-se a instituição psiquiátrica, uma verdadeira fábrica de loucura. O ser humano limpo e saudável não somente produz mais como também contribui para o progresso social. Bruno nos mostra o quanto lutou contra este tipo de visão estreita de mundo, mas não lutou somente com a palavra dura, lutou também com a palavra poética.

Apesar de Bruno escrever em forma de diálogos, assim como Platão, ambos tem uma grande diferença. A todo momento nosso filósofo se banha na poesia grega e latina para enriquecer seus argumentos, inclusive durante o processo inquisitório, quando cita inúmeras vezes algumas passagens da Eneida, de Virgílio. Ele não somente cita como também recita alguns versos em latim para abrir alguns de seus diálogos, e na Ópera Latina existem alguns poemas, que compõem um dos livros.

Bruno parece-me um encenador de si mesmo, um filósofo que cria um verdadeiro teatro para argumentar. Não é de se estranhar que também tenha escrito algumas peças para teatro. Apesar de ser usual que durante algum tempo os intelectuais utilizassem a palavra poética, muitos deles - a grande maioria - a utilizavam apenas por um modismo erudito, coisa até hoje comum neste meio e, enquanto isso, Bruno propunha a teoria do Universo "Uno, Infinito e Imóvel", que resguardava os deuses bem próximos a nós, aliás dentro de nós,

carregando portanto, consigo, a beleza poética. Eis sua diferença com relação aos demais filósofos! O próprio Bruno é quem melhor nos pode elucidar estas linhas limítrofes entre a filosofia, a poesia e o sagrado. Escutemos: “*A verdadeira filosofia tanto é música ou poesia como pintura; a verdadeira pintura, tanto música quanto poesia; a verdadeira poesia - ou música - é tanto pintura como certa sabedoria divina*” (1988, p. 138).

Sua filosofia é rebuscada e ambígua, pois abre espaço para a diversidade, para a incerteza, mas não deixa de lado a arte, muito pelo contrário alia-se a esta para nos mostrar a “face divina” da verdade. A verdade está portanto ligada ao divino, que não tem o sentido estreito do Deus personificado dos católicos, do Deus que está sentado no céu esperando os “eleitos” para o Juízo Final. A idéia de Deus assume então, um outro sentido. No momento prestemos atenção ao que Bruno diz a respeito da *Anima Mundi*, ou seja, a Alma do Mundo. Para Bruno tudo que existe possui uma essência sobrenatural, divina, e portanto possuímos também um conhecimento intuitivo, além do conhecimento racional e dos sentidos. Não é necessário determo-nos com explicações para cada um destes conhecimentos, mas cabe lembrar que muitos foram os filósofos que se empenharam em argumentar sobre a impossibilidade de abarcar o real através de nossos sentidos. Bruno irá argumentar que os sentidos servem para captar o real, porém devem ser julgados conforme a razão.

O conhecimento intuitivo também não abarca a realidade, ele nos mostra a impossibilidade de tocar no sagrado senão por vestígios, como dizia Platão.

Para Bruno "nossa faculdade discursiva" abarca o sagrado somente através de vestígios, aos quais os Peripatéticos nomeavam de Efeitos Remotos, os Cabalistas de Vestes, os Apocalípticos de Espelho, Sombra ou Enigma. Pois bem, tentemos entender porque Platão e Bruno dizem que só tocamos o sagrado por vestígios. Tudo o que possui forma e matéria possui Alma e por isso é vivo, é animado. Bruno, citando Anaxágoras, diz que "toda a coisa está em toda coisa"²⁶, por exemplo, "certos cristais possuem uma propriedade que quando quebrados e postos em pedaços desordenados, têm certas virtudes de alterar o espírito e gerar novos efeitos e paixões, não só no corpo, mas também na alma"²⁷. Espírito, alma e vida encontram-se em tudo, eis a perfeição do universo, a matéria possui princípios que a forjam, como também possui uma "existência atual", da qual surge a diferença, a diversidade que esta matéria assume culturalmente, na inter-relação do ser humano com o Cosmos, da alma com a matéria. Se afirmamos que há uma existência atual, é porque há uma que não é atual, seria uma existência arcaica. E esta existência possuiria todo o ser, mas nem todas as maneiras de ser e portanto, não poderá tocar diretamente no sagrado.

Bruno deixa transparecer seu panteísmo quando afirma a existência de princípios que forjam a matéria, mas que também possuem uma existência atual, o que a torna diferente em relação a outras existências. A alma enquanto está no corpo, não pode ser vista separadamente, mas sim como parte constitutiva deste, por isso uma das críticas a Aristóteles, o qual separava corpo

²⁶ Op. Cit. (pag. 57)

e alma e colocava a alma acima do corpo. Bruno, ao contrário de Aristóteles, dá um grande poder à matéria - ironicamente maior que a vulgaridade dos materialistas - pois a matéria é viva, ela pulsa com a magia do cosmos, podemos notar no exemplo do cristal que "altera o espírito" e "gera paixões". Tudo tem vida, portanto tudo tem alma, tudo que tem forma e matéria não surgiu do nada, surgiu de uma inteligência divina ou do entendimento universal. O entendimento universal seria a parte potente do mundo, o "forjador do mundo" para os platônicos, o "semeador" para os magos, o "motor e agitador do universo" para os pitagóricos, o "olho do mundo" para Orfeu, o "princípio de diferenciação" para Empédocles, o "Pai e genitor" para Plotino, ou o "*Artista Interior*" para Giordano Bruno. E aqui abrimos um grande parenteses - Artista interior - mais uma vez nosso filósofo nos surpreende e mostra sua grandiosidade e delicadeza de espírito, a palavra arte é constante em sua filosofia, pois ela está sempre ligada ao sagrado, ou à experiência mística de contato com nosso *Eu Divino*.

Atualmente, muitos são os estudiosos da arte que falam de sua relação com o sagrado, cito a nível ilustrativo uma passagem de Octávio Paz:

*A poesia é metamorfose, mudança, operação alquímica, por isso é limítrofe da magia, da religião e de outras tentativas para transformar o homem e fazer "dêste" ou "daquele" esse "outro" que é ele mesmo.*²⁸

²⁷ Op. Cit. (pag. 57)

²⁸ PAZ, Octávio. Signos em Rotação. São Paulo: Perspectiva, 1976. (pag. 56)

Além desta citação, podemos dar o exemplo de Clarice Lispector, que fez de sua obra um grande pacto iniciático consigo mesma, escrevendo em "carne viva", como ela mesma se expressou em *Um Sopro de Vida*. Mas, neste exemplo não podemos nos deter, pois ele traria muitas discussões já que sua obra é vista por muitos críticos como puro jogo de linguagem. Para mim pode até ser jogo de linguagem desde que a entenda, como há muito André Breton já disse: *"a linguagem não é puramente uma convenção arbitrária entre som e sentido; a idéia que ela trás é de ordem mágica"*.

Retomemos o Artista Interior. Ele seria a Inteligência Universal que com "admirável maestria" iria compondo a matéria tornando possível afirmar a imortalidade da alma, que ao deixar a matéria continua pulsante em sua existência primordial. A alma, princípio formal, dá a forma a toda coisa, e portanto informa, "comunica a perfeição do todo às partes". Bruno concorda com Pitágoras que diz: *"não teme a morte, mas aguarda a transformação"*. A morte, esta nossa face obscura, é representada pela carta de número 13 no Tarô de Marselha. Morrer é perder-se a cada dia, e em morrendo a cada dia, encontrar-se no dia seguinte já imerso em uma nova vida. As mortes cotidianas, inimigas da mesmice, são a única esperança, a luz no fim do tunel, necessária ao ser caótico, neurótico deste fim de século, atravessado pelo medo do outro, pela morte física, que espreita sorrateiramente em cada esquina, implodindo a ignorância e a violência criadas por todos e assumida por alguns: os marginalizados.

Triste fim. Mas, de tempos em tempos, as entidades místicas e míticas, voltam mais fortes e gritam através dos lábios de algum sábio, que faz de sua obra e de sua vida o exemplo vivo da busca da *saúde cósmica*²⁹. Morte e vida, diferentes faces de uma mesma moeda. A morte, tanto no Tarô como para a maioria dos místicos é a representação máxima da transformação iniciática, necessária para o caminho da individuação³⁰. Somente a morte é maior que o sonho, ela é a "*curva da estrada*" onde "*morrer é só não ser visto*", como nos diz o brilhantismo de Fernando Pessoa. Priscila Kuperman³¹, ao tratar do Tarô, analisa a carta de número 13, que como já dissemos é a morte que para os ocultistas pode ser chamada de *pluralidade*, pois ela não é A morte, e sim Uma morte dentre milhões de outras, mas, "nunca nos acostumamos a morrer um pouco a cada instante que passa. É demasiado doloroso, tão insuportável que não nos cabe pensar"³². Mas a dor é humana: "a dor da falta queima, a perda das referências parece definitiva, tudo é naufrágio; não há resgate possível no horizonte"³³. Isso tudo porque tememos a solidão, não suportamos a idéia de nos sabermos sós tendo que trilhar nosso próprio caminho; na maioria das vezes troca-se a necessária solidão "por uma comunhão qualquer, por mais banal e barata"³⁴ que seja.

²⁹ Termo utilizado por Octávio Paz, ver Op. Cit.

³⁰ Individuação: termo utilizado por Jung, que representa o desenvolvimento das quatro funções da consciência, por ele definidas, o se aproxima aos quatro elementos de que fala Giordano Bruno. Termo também encontrado em uma obra de Bruno (Op. Cit.)

³¹ KUPERMAN, Priscila. O Fio-Céu ou a Imaginação Simbólica como Pedagogia. In: TEVES, Nilda (et. alli). Educação e Imaginário Social. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

³² Op. Cit. (pag. 50)

³³ Op. Cit. (pag. 51)

³⁴ RILKE, Rainer Maria. Cartas a um Jovem Poeta. 19 ed. São Paulo: Globo, 1993. (pag. 48)

Como então suportar a inevitável dor da perda? Para o sábio ela representa a transformação da vida; para ele a verdadeira *sapientia* só é possível através do livre pensamento, que por sua vez, só é possível com a ruptura dos preconceitos, da ignorância. E sem dúvida, acredito que Bruno ao formular suas teorias sobre a imortalidade da alma e sobre a infinitude do universo foi um grande sábio, que gritou até o último minuto durante sua passagem entre nós, contra a ignorância, o poder, o medo da morte. Muitos são os que vêem sua atitude como ingênua, mas ingênuos e cegos são os que não vêem o brilhantismo de sua atitude que mesmo diante da morte iminente, não abjurou, mas muito pelo contrário deu a sua vida e a sua alma em nome do que acreditava como verdade. Atitude digna de uma grande alma, que lutou até o último suspiro de vida pela dignidade de seus assassinos.

Giordano Bruno dizia não temer a morte, para ele não existia a perda iminente, pois que a *"natureza grita em voz alta contra semelhante loucura e nos garante que nem o corpo nem a alma não devem temer a morte, porque tanto a matéria quanto a forma são princípios constantísimos"*³⁵. Na filosofia de Bruno não havia contradição entre a razão e a intuição, bem como magia, mas sim uma perfeita relação entre ambos, que em constante tensão criam e recriam o mundo, na dança cósmica entre o indivíduo e o universo, unidade e multiplicidade. Bruno em pleno século XVI já falava da existência de outros mundos habitados, de vidas desconhecidas de nossa vida. E ainda hoje, a razão cartesiana, onipotente, dona de si e das leis que regem o universo, cre na

³⁵ Op. Cit. (pag. 59)

pequenez de 'suas certezas e nega o inusitado; esta razão que abortou a modernidade define ainda hoje o que é realidade, segundo Kuperman:

"O real era assim definido em função do que a razão onipotente decretava que era ou não científico. A realidade então tornou-se uma multiplicidade de formas isoladas. Essa visão fragmentária teve grande sucesso em aplicações práticas, única superioridade efetiva da civilização moderna. Esta, de que seus apologistas são cheios de si, não ocupa um lugar especial na história do mundo, e pode desaparecer como qualquer das que já o fizeram. Esse assanhamento tecnocrático conferiu-lhe um caráter puramente material; afastou-se do céu a pretexto de conquistar a terra, disse Guénon.³⁶

Em sua filosofia Bruno criou um sistema que engloba uma inter-relação do Universo infinito com os finitos mundos, e das diferenças entre o universo e as coisas do universo. O universo, para ele, constitui todo ser e todos os modos de ser, enquanto que as coisas possuem cada uma todo ser, mas nem todas as maneiras de ser. Critica Aristóteles por ver a constituição da alma como acidente e não advinda de uma inteligência que dá o ser a cada coisa. Apesar de partilharem a idéia de um princípio de vida, ambos acabam tomando rumos diferentes, como podemos notar na fala de Bruno: *"Se disserem que é um princípio de vida, de sensibilidade (...), observai que - embora este princípio seja alguma substância fundamentalmente considerada conforme nós*

³⁶ Op. Cit. (pag. 64)

*adotariamos - eles a apresentam como acidente*³⁷. Diferindo de Aristóteles, ele diz que o universo compreende todo ser, e que fora dele não existe coisa alguma, ou seja, fora está o NADA - que não deve ser confundido com o vácuo como fazia Aristóteles - portanto o que não está no nada é UNO, solitário. Assim o universo é uno e infinito, ele contém tudo, e cada uma de suas partes contém todo ele.

Já para Aristóteles³⁸ Deus estaria fora deste universo, estaria no nada ou no vácuo, que para ele estão juntos. A partir disso, Bruno conclui que é impossível conceber a existência deste Deus aristotélico. A igreja católica adotou Aristóteles como o único filósofo a descobrir a verdade na antiguidade. Deus só pode ser concebido então a partir desta unidade do cosmos - que é a *Anima Mundi* - a alma que anima o mundo é Deus, e portanto Ele é o próprio universo infinito, uno e imóvel.

A este respeito Wilhelm Reich, afirma que Bruno teria antecipado seus estudos da energia do orgone cósmico, "o organismo individual e seu ambiente, a unidade e a multiplicidade básicas do universo, um universo infinito envolvendo uma infinidade de mundos"³⁹. Mas, deixemos para o próprio Bruno falar deste universo uno e infinito:

O universo é Uno, Infinito e Imóvel. Uno, afirmo eu, é a possibilidade absoluta, Uno o ato, Una a forma ou

³⁷ Op. Cit. (pag. 78)

³⁸ Aqui lembremos novamente que embora Bruno, ao construir seus argumentos contra as teorias de Aristóteles, refira-se sempre a este filósofo, seria melhor dizermos que este confronto é contra os teólogos aristotélicos, posto que, este Deus do qual Bruno fala só foi concebido à partir do advento católico.

³⁹ Op. Cit. (pag. 121)

*alma, Una a matéria ou corpo, Una a coisa, Uno o ser, Uno o máximo e o supremo, que não pode ser compreendido.*⁴⁰

Nestas palavras é notório verificar que seu sistema embora concebido racionalmente, não abarca o supremo ou a alma do mundo. E ao afirmar isso ele confirma que sua filosofia não compreende tudo, o inabarcável pelas teorias, onde a verdade filosófica não alcança. A tão cara verdade dos filósofos anteriores e posteriores a Bruno, principalmente os racionalistas que pensam abarcar tudo com a razão, cai por terra frente a estas idéias. Para ele o inabarcável é *"indefinível e indeterminável (...) não tem limite"* - é então o ilimite - *"é imóvel. Ele não se move localmente, porque fora dele não existe nenhum lugar para onde transportar-se, posto que ele é o todo"*⁴¹. Assim ele abre as portas do conhecimento aos diversos campos do saber.

Ao dar início às leituras de historiadores que tratam deste assunto, percebemos o quanto suas teorias tornam-se difíceis aos olhos de seus intérpretes, como o próprio Namer afirma ao iniciar sua obra: *"já se disse tudo acerca das dificuldades que a doutrina de Bruno apresenta: as suas obscuridades..."*⁴².

De tudo que sua filosofia compreende, até entende-se porque historiadores do início do século achavam-na "obscura", pois certo é, que tais interpretações históricas não abarcavam o inusitado do pensamento bruniano.

⁴⁰ Op. Cit. (pag. 117)

⁴¹ Op. Cit. (pag. 117)

Bruno, o nolano, como ele mesmo intitulava-se, percorreu diferentes áreas do conhecimento, não encontrando contradição em afirmar um conhecimento mágico e racional no mesmo indivíduo. Considerado por muitos como eclético, o certo é que sua maior luta era contra a ignorância, a mesquinhez e o dogmatismo. Apesar de refutar muitas das idéias de Aristóteles, em alguns momentos utilizava-se de seus argumentos, não descartando ou colocando no lixo todo um pensamento, assim como parte de alguns pontos elaborados por Platão, apesar de ve-lo como um filósofo exibicionista que ofuscava-lhe os olhos: *"A filosofia de Platão tinha a intenção de promover sua própria fama e não a verdade"*.

Crítico ferrenho do pedantismo - sujeito que se utiliza de uma linguagem rebuscada, geralmente com frases de efeito em latim e grego, que no entanto muitas vezes nada dizem, e nenhuma relação possui com a discussão que se está travando - em seus diálogos sempre encena algum personagem pedante, geralmente seguidor de Aristóteles, que solta frases de efeito durante as discussões e que no entanto pouco ou nada compreende daquilo que está sendo debatido. Também nesta linha de pensamento, critica a idéia de que a mulher é inferior ao homem, como afirma Aristóteles.

Além do que foi visto até o momento, ressaltamos a importância que Bruno dava às traduções⁴³. Registra-se uma Conferência Pública, em Oxford

⁴² NAMER, Emile. G. Bruno: ou o universo infinito como fundamento da filosofia moderna. Lisboa: Estúdios Cor, 1966. (pag. 17)

⁴³ Esta importância deve-se muito ao fato de que a Renascença é marcada pela descoberta de antigos tratados filosóficos, bem como escritos iniciáticos, de origem pagã, que remontam aos rituais órficos e herméticos; e como já vimos, Ficino foi figura marcante entre os tradutores das obras até então proibidas pela Igreja Católica Apostólica Romana.

em 1583, onde ele teria tido a oportunidade de falar da importância das traduções, até para evitar o pedantismo e a erudição enciclopédica, assim como a repetição de frases prontas que muitas vezes nem são compreendidas. Este pedantismo lembra-nos os tranquilizantes verbais, muito caros à nossa época. Devido à falta de referenciais, as pessoas apegam-se a uma teoria como se fosse resolver todos os problemas, e assim não se aprofundam e nem se compreende o que dizem.

Apaixonante, sábio e lúcido, Bruno precisou ser calado, torturado durante oito longos anos, que vão de 1592 a 1600. Este filósofo foi uma das mentes mais brilhantes que nossa história registrou. No entanto, é ainda pouco conhecido, as traduções de seus livros restringem-se a umas quatro ou cinco obras, tanto para o português, como espanhol, inglês e francês. A exemplo de Bruno, deixo aqui esta missão aos tradutores de filosofia, hoje voltados aos “livros de ponta”, aqueles que dão lucro ao mercado. Ainda como Bruno, acreditamos na importância de resgatar velhos saberes que sempre resguardam algo de atual, ou que foi perdendo-se em meio à jornada do conhecimento.

Agora, a partir desta Nova Imagem do Mundo, vamos demonstrar através de seus argumentos, elaborados na obra “Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos”, como ele, filosoficamente vai modificando os conceitos e construindo sua teoria do conhecimento. Para tal, nos propusemos a elaborar o capítulo que segue de forma narrativa, respeitando ao máximo sua sequência argumentativa, e fazendo breves comentários, quando assim o acharmos conveniente.

Outrossim, devemos lembrar que sua briga com Aristóteles deve ser vista como uma briga contra os teólogos cristãos aristotélicos (da nova Oxford, aristotélica e gramatical), impregnados de valores teológicos medievais, como os preceitos que seguem:

- A verdade só é obtida por meio da revelação;
- Não existe progresso no conhecimento;
- A história vai do advento de Cristo até o Juízo Final;
- A razão é uma artimanha do demônio, usada pelos homens de pouca fé.

Então, mesmo face ao perigo de sermos vistos como superficiais ou apressados, devemos embarcar em seu Universo, Uno, Infinito e Imóvel.

II.II) Os Diálogos

Diálogo Primeiro

Interlocutores: Elpino, Filóteo, Fracastório, Búrquio.

O primeiro diálogo começa com uma pergunta: “*Elpino - Como é possível que o universo seja infinito?*”, que Bruno confronta com outra pergunta: “*Filóteo - Como é possível que o universo seja finito?*”(Giordano Bruno. *Sobre o Infinito, o Universo e os mundos*. 1973, p. 21)

Fracastório utiliza-se de palavras em latim e Búrquio quer que cheguem logo a alguma conclusão; eis então, o ambiente em que se controem os diálogos.

Como Bruno já havia proposto na abertura do livro, este diálogo começa com a discussão da impossibilidade de os sentidos confirmarem sua teoria, por si só. Assim, Elpino começa argumentando que os sentidos, assumindo a função que lhes é própria, não só não afirmam o infinito, como provavelmente se concluiria o contrário. E eis a resposta: “*Filóteo - não são os sentidos que percebem o infinito*” (Idem, p. 21). Para este interlocutor, o testemunho dos sentidos só pode ser aceito, mesmo com cautelas, quando houver o julgamento conforme a razão; sendo assim, ele defende que o infinito não pode ser provado de acordo com os sentidos.

Elpino pergunta para que, então, servem os sentidos; ao que Filóteo irá responder que servem somente para excitar a razão, para indicar e dar testemunho parcial, pois a verdade, em pequena parte, brota dos sentidos, que é

um fraco princípio, mas não reside neles. O sentidos podem captar a verdade, mas não apreendê-la. Mas, então, onde reside a verdade? Pode-se dizer que ela se encontra:

- No objeto sensível como num espelho;
- Na razão como argumentação e discurso;
- No intelecto como princípio e conclusão, e
- Na mente como forma própria e viva.

Após argumentar sobre a idéia de que os sentidos não podem apreender a teoria do universo infinito, pois, sendo falsos, devem ser julgados conforme a razão, Filóteo começa a discorrer sobre a teoria de Aristóteles, que diz que o universo se encontra em si mesmo e fora dele o nada, o vácuo, que é a mesma coisa.

O convexo do primeiro céu tudo contém porque *“o lugar não é nada a não ser superfície e extremidade de um corpo continente”*, ao que contrapõe Filóteo que tal idéia levaria a crer que algo que não possui corpo continente não possui lugar, então o mundo será algo que não se encontra e, além deste limite, desta extremidade ou superfície, não existiria nem corpo nem vácuo.

Logo após Filóteo demonstra a contradição de Aristóteles ao definir o lugar, pois ele não o definiu nem como corpo continente, muito menos como espaço determinado, sendo tão-somente a superfície do corpo continente. Então o inconveniente a que chega esta confusão coloca o nada além do céu. Assim, o continente é incorpóreo, é imóvel e é matemático, enquanto o contido é corpo, é móvel e é físico.

É mais difícil pensar um universo finito do que infinito, pois para admitirmos um universo finito temos de admitir o nada, o vácuo, o vazio, e daí a impossibilidade da proposta aristotélica, que cai em contradição. Segue-se então, que Filóteo irá argumentar se convém que exista um espaço onde não há nada; para tal vai admitir um espaço infinito, onde se encontra o universo. Assim, verifica se é conveniente considerar que o espaço todo seja pleno ou não, se for considerado o que pode ser e o que pode fazer, então é necessário que seja pleno.

Contra-pondo-se aos Peripatéticos (alunos de Aristóteles) afirma então que o vácuo equivale à dimensão do(s) mundo(s). E, assim segue, se o espaço é pleno, o universo será de dimensão infinita e os mundos serão inumeráveis. Elpino pergunta, então: porque devem ser inumeráveis, e não um só? Ao que Filóteo prossegue, elucidando como se dá a infinitude. Então o infinito é, em:

- Deus: todo infinito, implícito e totalmente, e no
- Universo: está em tudo explicitamente e não totalmente.

“um existe como termo o outro como terminado” (Idem, p. 27)

“... depois de ter afirmado que o universo deve ser infinito pela capacidade e aptidão do espaço infinito e pela possibilidade e conveniência da existência de inúmeros mundos como este, resta agora prová-lo pelas circunstâncias do eficiente que o deve ter produzido assim ou, para dizer melhor, deve produzi-lo sempre assim, e pelas condições do nosso modo de entender. Podemos mais facilmente argumentar que o espaço infinito é semelhante a este como estamos vendo, em vez de argumentar que é tal que não o vemos, nem por exemplo, nem por comparação, nem

mesmo por qualquer imaginação que ao fim não se destrua a si mesma. Agora, para começar: por que queremos ou podemos pensar que a eficácia divina seja ociosa? Por que pretendemos afirmar que a divina bondade, que pode se comunicar às coisas infinitas e difundir-se infinitamente, prefira ser escassa e limitar-se a um nada, admitindo que toda coisa finita é um nada em relação ao infinito? (...) Por que deveríamos afirmar algo que, uma vez admitido, traz consigo tantos inconvenientes, e que, sem favorecer, de forma alguma, leis, religiões, fé ou moralidade, destrói tantos princípios de filosofia? Como você quer que Deus seja limitado quanto à potência, à operação e ao efeito (que nele são a mesma coisa), e que seja termo da convexidade de uma esfera ao mesmo tempo, como podemos afirmar, ser termo ilimitado de coisa ilimitada?" (Idem, p. 26)

Sendo assim, o universo não é totalmente infinito, por que cada parte é finita, enquanto Deus é todo infinito, pois se encontra todo em tudo e em cada uma de suas partes, diferindo da infinitude do universo que está totalmente no todo e não nas partes.

Na sequência do diálogo, Fracastório, que até aqui não havia entrado na discussão, aplica um silogismo para confirmar a argumentação de Filóteo. E aqui, Bruno (Filóteo) faz um discurso sobre este método, admite que embora não sejam tão simples, são demonstrativos, porém, as conclusões tiradas por tais premissas podem ser perigosas quando usadas a favor da injustiça, da corrupção de valores, pois este método através de uma fórmula conclui a discussão, como por exemplo:

- Todo filósofo é um sábio.
- Aristóteles é um filósofo, logo:
- Aristóteles é um sábio.

Estas quebras no diálogo mostram que, para expor sua nova teoria do universo, Bruno precisava também contrapor-se aos métodos até então utilizados pelas academias, consolidando também um novo método argumentativo, compatível com sua verdade filosófica.

Outro ponto importante para ressaltar é quanto à sua opinião com relação à fé e à religião. Para Bruno, os povos devem ser governados, ou permanecem em estado primitivo, portanto lhes é importante terem fé, enquanto que o erudito necessita da demonstração, pois sabe governar a si e aos outros.

Concluindo este primeiro diálogo, Elpino pergunta acerca da potência divina, ao que Filóteo responde com três argumentos:

Primeiro: o universo, sendo infinito e imóvel, não é necessário procurar o motor dele;

Segundo: se neste infinito universo existem inúmeros mundos contidos nele, todos devem mover-se pelo princípio interno, e assim se torna inútil investigar acerca de seu motor extrínseco;

Terceiro: os corpos mundanos não são fixados nem pregados em corpo algum, mas, sim, se movem na região etérea.

Assim Bruno expõe sua teoria do conhecimento, que deve ser compreendida à luz da razão, formulando novos conceitos de acordo com o

progresso do conhecimento, retomando então velhas teorias. E deixa claro que suas idéias jamais podem ser apreendidas conforme os sentidos, pois estes somente são válidos quando julgados conforme a razão.

Seus argumentos pretendem, portanto, combater aquelas idéias de Ptolomeu e de Aristóteles, ainda utilizadas como única fonte de verdade, dentro das Universidades por onde passou em seu percurso pela europa renascentista.

Diálogo Segundo

O segundo diálogo começa com Filóteo conceituando o primeiro princípio. Assim ele diz: se o primeiro princípio é o operador do universo, é certamente um operador infinito, portanto com um efeito infinito: posto que tudo depende dele. E como primeira questão surge a diferença entre mundo e universo.

Recomeça então, os ataques aos peripatéticos: fora a escola peripatética, a diferença entre os conceitos de mundo e universo é reconhecida. Por exemplo, os Estóicos fazem distinção, concebendo um conceito para mundo e outro para universo, assim como segue:

- Mundo: é o que é pleno e tem corpo sólido.
- Universo: compreende os mundos, o vácuo, o inane e o espaço fora dele.

Portanto consideram o mundo finito e o universo infinito. Já Epicuro chama ao todo e ao universo mistura de corpos e inane, e nesta mistura de corpos consiste sua natureza - o infinito.

Daí, segue-se a argumentação sobre a diferença entre o vácuo e o nada: assim, tudo que não possui corpo mas que tenha dimensão equivale ao conceito de vácuo - sendo assim, Bruno não considera que o conceito de vácuo seja válido para o nada. Aqui ele argumenta contra o conceito de vácuo proposto por Aristóteles, que o equivale ao nada:

“Desta forma dizemos existir um infinito, isto é, uma etérea região imensa, na qual existem inúmeros e infinitos corpos, como a terra, o sol, a lua, que são chamados por nós de mundos compostos de pleno e vácuo: porque este espírito, este ar, este éter, não estão somente à volta destes corpos, mas ainda os penetram e estão ínsotos em todas as coisas. Consideramos ainda o vácuo segundo a mesma razão que nos permite responder a quem perguntasse a onde se encontram o éter infinito e os mundos, e nos respondesse: num espaço infinito, num ambiente determinado, no qual tudo existe e se compreende, e nem se poderia compreender como existindo em outra parte.” (Idem, p.35)

Bruno então insiste que, tanto para ele, quanto para os antigos, o vácuo pode conter um corpo, ou qualquer coisa como átomos e corpos, e sendo assim, somente Aristóteles definiu o vácuo como sendo nada, na tentativa de eliminá-lo e assim eliminar os argumentos acerca deste tema: “...daí, tomando o vácuo segundo um nome e significação que ninguém lhe deu, fez castelos no ar e

destruiu seu vácuo, mas não o de todos os outros que falam de vácuo e se utilizam deste nome: vácuo” (Idem, p.35).

No segundo diálogo, Bruno mostra-se mais do que nunca furioso com Aristóteles, ou melhor, com os aristotélicos, mesmo que se refira diretamente à Aristóteles, como podemos notar: *“este sofista não procede de outro modo no tocante a outros assuntos, tais como movimento, infinito, matéria, forma, demonstração, ente, edificando sempre sobre a féda sua própria definição e sobre o nome tomado segundo novo significado” (Idem, p. 35).*

Quando ele se refere a um filósofo *primitivo e de inteligência escassa*, é notável afirmar que todo este combate deve ser entendido com relação aos teólogos cristãos intérpretes de Aristóteles, que de forma alguma consideraram suas argumentações.

Mais adiante, Bruno discute o movimento dos mundos infinitos argüindo contra a idéia aristotélica de movimento no universo, que se define localmente, como, em cima, embaixo, aqui e lá. Bruno admitirá estes movimentos quando relacionados ao ponto onde nos encontramos, logo, aqueles movimentos que existem no universo não apresentam diferença alguma de posição em cima, embaixo, aqui ou lá, em relação ao universo infinito, mas sim quando relacionados aos mundos finitos que nele existem.

A terra, para Bruno, como centro do universo só pode ser admitida com relação ao local onde nos encontramos, ou seja, vista da própria terra, mas de forma alguma pode-se afirmar que ela se encontra no centro do universo, posto que o universo é infinito.

Seguindo as argumentações do diálogo, surgem outros dois conceitos: gravidade e leveza. Quanto a estes dois conceitos, Bruno irá demonstrar que nenhum dos infinitos corpos é grave nem leve, pois que tais qualidades só devem existir em suas partes - quando tendem para o seu todo e para o seu lugar de conservação (que não é o universo, mas os mundos).

Daí, segue-se o conceito de espaço. Não existe um corpo infinito, mas uma espécie de corpo em infinitos finitos, posto que estas partes (estes corpos) se encontram num infinito contínuo, que é o espaço. Então, o infinito não pode mover-se no todo, bem como não pode ser grave nem leve, não é móvel nem em potência nem em ato. Eis o seu infinito!

Elpino então pergunta quais são as partes da duração infinita. Bruno já examinava que os fundamentos de Aristóteles não são naturais, pois este quer juntar todas as partes do infinito, sendo que este não pode possuir partes (bem como as partes não são infinitas), então responde à pergunta anterior:

“Filóteo - As partes proporcionais da duração têm proporção na duração e no tempo, mas não na duração infinita e no tempo infinito, porque nele o tempo máximo, isto é, a maior parte proporcional da duração, torna-se equivalente à mínima, considerando que não são maiores os infinitos séculos que as infinitas horas. Afirimo que na infinita duração, isto é, na eternidade, não são mais as horas que os séculos, de maneira que toda a coisa que se considerar como parte do infinito, enquanto é parte do infinito, é infinita quer na infinita duração, quer no volume infinito”. (Idem, p.45)

Após a exposição das partes da duração infinita tal qual o interlocutor Elpino propôs, Filóteo encerra este diálogo, que teve por finalidade esclarecer sobre o infinito volume do universo, tratando de alguns conceitos munido de alguns filósofos pré-socráticos. E propõe para o próximo diálogo tratar sobre a infinitude dos mundos, como agora veremos.

Diálogo Terceiro

É importante notarmos que até então somente Elpino participou dos diálogos, tentando compreender a teoria do nolano confrontando-a com os argumentos aristotélicos. Porém, os interlocutores aristotélicos-gramáticos nada argumentaram até aqui em favor de seu mestre Aristóteles. Tal é a imagem que Bruno nos deixou de seus confrontos teóricos com tais dogmáticos de sua época.

Como Filóteo já havia proposto, este diálogo tem por finalidade esclarecer sobre a infinitude dos mundos que o universo infinito comporta; assim este interlocutor abre o terceiro diálogo mostrando sua imagem do universo:

“Filóteo - É, pois, um só o céu, um o espaço imenso, uma a abóbada, um o continente universal, uma a região etérea pela qual tudo passa e tudo se movimenta. Aí podem ser observados sensivelmente inúmeras estrelas, astros, globos, sóis e terras e, com razão chega-se a conjecturar que são infinitos. O universo imenso e infinito é o composto que resulta de

tal espaço e de tantos corpos nele contidos”. (Idem, p.49)

Elpino então acrescenta, confirmando seus argumentos do primeiro diálogo, que foi o equívoco dos sentidos (aqui a visão) que fez crer na existência de diversos céus, como podemos notar:

“...porque se via um céu repleto de estrelas girar em volta da terra, sem que fosse possível, de modo algum, perceber, uma daquelas luzes afastar-se da outra, mas, mantendo sempre a mesma distância e relação, juntamente com uma certa ordem, evoluindo em torno da terra à maneira de uma roda” (Idem, p. 49)

Bruno, ou melhor, Filóteo, argumenta que depois de ter comprovado à luz da razão que este mundo no qual habitamos se move num amplo espaço, de acordo com um princípio intrínseco, por sua alma e natureza, girando ao redor do Sol e em torno de seu próprio centro - então estará livre o caminho da inteligência para percorrer a passos largos rumo à verdade: “...que, escondida sob os véus de tão sórdidas e ignorantes fantasias, permaneceu até o presente oculta pela injúria do tempo e pelas vicissitudes das circunstâncias, depois que à luz dos antigos sábios sucedeu a treva dos temerários sofistas” (Idem, p.49)

Aqui vemos que Bruno se debate contra seu tempo - ou melhor, mergulha na Renascença - que a duras penas desconstrói o ideário católico do

tempo das trevas, da obscuridade do conhecimento, que escondeu, ocultou inúmeras obras durante um longo período... e prossegue:

*“Não está parado, mas se move e gira
Tudo quanto no céu e sob o céu podemos ver.
Cada coisa se move, às vezes para o alto, às vezes
para baixo, em tempo longo ou breve,
seja ele pesado, seja leve.
E pode ser que tudo se movimente com o mesmo passo
para o mesmo lugar.
E tudo se movimenta até chegar ao ponto que lhe compete
Tanto gira na água uma boia
que uma mesma parte
se vê ora virada para cima ora virada para baixo
e a mesma agitação o mesmo destino impõe a tudo”* (Idem, p. 50)

Seguem-se os argumentos que contestam a idéia de ser a terra o centro do universo, um centro fixo e imóvel, proposto de acordo com a ilusão dos sentidos, no qual, o olhar daquele que da terra observa o céu, constata tão-somente o movimento dos outros astros, girando em torno da terra. Elpino, então pergunta como os astros distântes podem participar do calor do Sol?

Filóteo responde que quanto mais afastados os astros se encontram do Sol, maior será o círculo por eles percorrido e assim mais vagarosamente percorrem, resistindo mais do que aqueles que se encontram próximos do calor do sol. O movimento destes astros mais distantes é lento com relação ao Sol, porém mais rápido com relação ao seu próprio centro.

Mais adiante, este interlocutor, que representa Bruno, afirma que para as inumeráveis terras (astros) devem existir inumeráveis sóis, ao redor dos quais aquelas giram: e assim sendo, tanto é necessário que exista uma mesma organização para estas terras (astros) quanto para estes sóis. Elpino então pergunta se Filóteo realmente crê que sejam “outros sóis” (imóveis) aqueles nos quais os astros muito distantes irão mover-se ao seu redor? Ao que Filóteo responde: *“Não, porque não sei se todos, ou a maior parte, são imóveis, ou se alguns deles giram ao redor dos outros, pois não existe quem tenha observado isso”* (Idem, p.51)

Porém, continua argumentando que para afirmar um universo infinito é necessário que existam outros sóis, contrapondo-se a Epicuro (que propôs que o calor e a luz de um elemento particular irá difundir-se na imensidão). Segue, então afirmando, que entre estes inumeráveis sóis, existem muitos que são visíveis a nós, mesmo que sob a forma de pequenos corpos (porém esta aparência não pode ser tomada como verdadeira, pois, embora pareçam menores, podem ser maiores que aqueles que assim parecem ser).

Brilhante observação de Bruno, dadas as dificuldades de equipamentos para observar os astros, é notável já que os astros por nós conhecidos assim se apresentam, como é o exemplo de Júpiter, que aparenta ser menor que Marte, pela proximidade deste último com relação à Terra.

Na seqüência das questões, Elpino propõe que Filóteo comente sobre a distinção entre as estrelas e os astros. Filóteo responde que as estrelas são fixas e cintilam, enquanto que “as terras” são móveis e não cintilam. Assim não se

deve afirmar que a aparente cintilação se origina pela distância destas em relação à Terra - pois se assim fosse não seria o Sol o mais cintilante dos astro.

Logo em seguida vem a questão de quais são os animais que vivem no fogo, que assim Filóteo responde: *“é conveniente e natural que possuam diversidade nas partes, como a nossa e outras terras possuem diversidade nos próprios membros; se bem que estes sejam mais sensíveis como águas iluminadas e aqueles como chamas luminosas”* (Idem, p.52)

DA MATÉRIA PRIMORDIAL

Aqui começam as discussões em torno da consistência e solidez da matéria próxima do Sol e da matéria próxima da Terra. Bruno, não duvida da existência de uma única matéria primordial para tudo. E, então, propõe que Platão tenha confirmado esta questão, muito embora *“todos os verdadeiros filósofos o reconheceram, mas, poucos o explicaram, não se encontrando nenhum, no nosso tempo, que tenha entendido perfeitamente”* (Idem, p. 52). Ao tratar dos filósofos do seu tempo ele remete-nos a Cusano, que para Bruno, embora tenha chegado a esta mesma forma de raciocínio, aproximou-se dela em sua *Douta Inorância*, ao afirmar que tanto a Terra quanto o Sol são compostos dos mesmos elementos.

Até aqui Bruno concorda com Cusano, mas ao prosseguir seu raciocínio constata que o Cusano concluí, com isso, que a Terra então seja um outro Sol. E ao constatar tal conclusão, Bruno não poupa ironias, muito embora considere Cusano um filósofo que *compreendeu e visualizou muito bem o problema, e ele se tornou uma das inteligências mais destacadas que tenha vivido neste*

mundo” (Idem, p.53), mas, mesmo assim, para Bruno, este filósofo não conseguiu apreender a verdade, e sarcásticamente propõe que talvez por isso “*não seja mero acaso o fato de ser muito apropriado o título dado à sua obra: A douta Ignorância ou a Ignorante Doutrina*” (Idem, p.53).

Filóteo então afirma que para chegar a Matéria Primordial não faz-se necessário recorrer a “*fantasia matemática*”⁴⁴, podendo afirmá-la de acordo com a lógica do diálogo:

- Todas as partes da terra não são luminosas por si, podendo ser por causa de outros corpos - assim sendo, aqueles recolhem e difundem o calor e a luz do sol por outras regiões: “*Portanto é necessário que exista um corpo primeiro (simultaneamente brilhante e quente e para tal deve ser constante, espesso e denso)*” (Idem, p. 53)

- Tanto o calor e a luz quanto o frio e obscuro devem ser constantes.

Quanto a luz pode-se afirmar que o sol não brilha para o sol - bem como nenhum corpo brilha em relação a si mesmo e sim cada um brilha no espaço a sua volta. Elpinio então, afirma a existência de duas espécies de corpos luminosos: Os Ígneos, que são primariamente luminosos, e os Aquosos Cristalinos, que são secundariamente luminosos.

Aqui encerra-se os diálogos entre Filóteo e Elpino, porém Búrquio manifesta-se, depois de longo silêncio, para afirmar que tais idéis não passam de uma superficial especulação sofista.

⁴⁴ Constatamos aqui a primeira investida de Bruno contra a matemática, nesta obra, o que confirma aquelas idéis de Yates na qual Bruno nega a matemática enquanto ciência exata, tal qual, começava a difundir-se, inclusive fundamentando as teorias de Copérnico, porém Bruno, somente admitia aquela matemática de herança pitagórica aceita entre os magos renscentistas.

Filóteo pede então para que Fracastório argumente suas teorias, já que ele e Elpino falaram até aqui. O terceiro diálogo termina então com a exposição dos argumentos até aqui tratados, pela voz de Fracastório.

Os argumentos até aqui se propuseram contraporem-se à idéia da imobilidade da terra e de sua posição central com relação ao universo (propostas por Ptolomeu, embora este autor não tenha sido diretamente citado), assim como à idéia de hierarquia e ordem natural do mundo e ao movimento retilíneo da terra. Bem como houve a discussão em torno do conceito de Matéria Primordial, em Platão, Cusano e por fim, Bruno.

No final deste diálogo Burquio é convidado a se retirar do grupo, não sendo conveniente que retorne nos outros dias, posto que atacou Bruno, dizendo-lhe que ele poderia ser mais douto que Aristóteles, não fosse um asno miserável. Assim este interlocutor não aparecerá nos outros diálogos.

Diálogo Quarto

Filóteo inicia o quarto diálogo afirmando a interdependência de cada um dos infinitos mundos, que podem por um princípio intrínseco (por si mesmo) movimentar-se e comunicar-se com as coisas como lhe convém. Inicia então diferenciando o conceito de mundo de Aristóteles e o seu:

“Aristóteles considera a palavra mundo como um agrado destes elementos esparsos e das órbes fantásticas dispostas até a convexidade do primeiro móvel, que sendo perfeitamente esférico, revoluciona

todos eles rapidamente, girando ele mesmo em torno do centro, onde nós nos encontramos” (Idem, p. 68)

Depois faz uma exposição sobre a impossibilidade de um corpo (astro) mover-se em direção ao centro do outro, o que causaria a destruição de um deles ou de ambos. Então afirma: “... *o principal motor não é a própria esfera e o próprio continente, mas o desejo de conservar-se*” (Idem, p. 72)

Para Bruno a teoria da conservação dos corpos é um princípio primitivo, de “desprezível natureza”. Assim ele o é, à medida que o homem comum (o vulgo) ao aceitá-lo passivamente (por medo da morte) desconsidera o princípio vital. Aqui é importante ressaltar que para Bruno, este princípio vital é constantíssimo, não podendo, assim, a vida aniquilar-se, porém nesta obra ele não aprofunda esta questão, que foi inclusive mais tematizada na obra, “A Causa, o Princípio e o Uno”, como já constatamos no capítulo anterior. Assim ele fala deste princípio:

“Como especialmente mais desejam viver e mais temem a morte aqueles homens que não possuem a luz da verdadeira filosofia e não compreendem outro ser além do presente e julgam que não pode acontecer nada que não lhes pertença. Porque não chegaram a entender que o princípio vital não consiste nos acidentes que resultam da composição, mas na substância individual e indissolúvel, a qual, não havendo perturbação, não possuiu desejo de conservar, nem o temor de se perder. Isto é conveniente aos compostos, a saber, por uma organização simétrica, de compleição e acidental. Porque, nem a substância espiritual que une, nem a substância material que é unida, segundo se admite, podem estar sujeitas a qualquer alteração ou paixão, não procurando, por consequência, conservar-se, e por isso não convém a tais substâncias movimento algum, mas às substâncias compostas” (Idem, p. 73)

Bruno portanto divide estas substâncias em três, a substância espiritual (que une) e a substância material (que é unida) não procuram conservar-se e assim não lhes convém o movimento, diferindo-se assim da terceira substância, que é a composta.

Quinto Diálogo

No quinto e último diálogo surge um novo interlocutor, Albertino, douto aristotélico, “hábil na filosofia comum”, une-se ao grupo a fim de tomar conhecimento de uma filosofia que, como ele diz, traz ao mundo as obsoletas e velhas coisas, fazendo novamente brotar as raízes cortadas. Como resposta ao retrato irônico que Albertino fez da filosofia do nolano, Elpino responde: *“são as verdades escondidas que se descobrem: é uma nova luz que depois de longa noite, desponta no horizonte e no hemisfério do nosso conhecimento e aos poucos se aproxima do meridiano de nossa inteligência”* (Idem, p.77)

Na discussão entre Elpino e Albertino, que se segue, tratando da novidade e importância desta filosofia, Bruno faz referência a Argos, que com os olhos dos diversos conhecimentos contempla a filosofia aberta por mil portas. O filósofo, portanto, não pode contentar-se em dedicar sua vida ao estudo daquilo que os outros afirmam, mas usar a luz de seu próprio intelecto a fim de percorrer os diferentes conhecimentos. É de se notar que tanto na obra

“Sobre o Infinito”, quanto na obra, “A Causa”, suas discussões com os doutos aristotélicos representam a luta entre a filosofia amarrada ao aristotelismo⁴⁵ e aos teólogos cristãos, que concebiam o conhecimento como uma revelação, pois para esta corrente ortodoxa não havia progresso no saber, mas sim, verdades que confirmavam as Sagradas Escrituras, e contrapondo-se a esta situação, Bruno propôs a livre filosofia, aberta aos diferentes saberes; esta filosofia deveria investigar as coisas da natureza e fazer uso da razão em nome da verdade.

Bruno é, portanto, um livre pensador, que está inserido num amplo movimento intelectual, disposto a tratar de assuntos que por longos anos ficaram ocultos em nome da fé; e como neste período ainda não havia a fragmentação do saber em diversas áreas, a filosofia e a ciência tinham iguais funções.

Neste último diálogo a aparição de Albertino tem o propósito de expor os argumentos de Aristóteles, para demonstrar a impossibilidade de afirmar a existência de diversos mundos e a infinitude do universo, assim o novo interlocutor começa expondo seus argumentos contra a teoria de Bruno.

Albertino então argumenta que:

- Existe um primeiro céu, e um primeiro corpo que constitui o primeiro móvel, distante daqui portanto, estão as inteligências motrizes das orbes;
- O mundo divide-se em corpo celeste, que é continente e terminante e corpo elementar, que é terminado e contido;

- O céu é único, perfeito e completo, não existindo movimento e assim também não existindo tempo.

Filóteo afirma concordar que existe um princípio motor, porém não deve ser concebido como o primeiro de uma escala, onde se possa descer até o último, assim ele diz:

“Existem, pois, infinitos motores, assim como existem infinitas almas destas infinitas esferas, as quais, por serem formase atos intrínsecos, existindo em todas elas um elemento principal, do qual todas dependem, existe um elemento primário que dá a faculdade de movimento aos espíritos, às almas, aos deuses, numes, e motores, e dá mobilidade à matéria, ao corpo, ao animado, à natureza inferior, ao móvel. Existem, portanto, infinitos móveis e motores, os quais se reduzem todos a um princípio passivo e a um princípio ativo...” (Idem, p.89)

O universo é, portanto, único, contínuo e composto de regiões etéreas e mundos. Assim deve ser compreendido o universo infinito, proposto nas argumentação destes cinco diálogos.

Ao final do diálogo, o novo interlocutor, por fim, sucumbe aos argumentos de Bruno, já inebriado pela nova imagem de mundo que o nolano propõe.

⁴⁵ Mesmo entre as obras de Aristóteles, que era um autor confirmado dentre os teólogos cristão, houve algumas que durante um tempo foram leituras proibidas para a Igreja.

II) A SUA FILOSOFIA: Bruno por Bruno

*Morte*⁴⁶

“Por conseguinte, temos um princípio intrínseco, formal, eterno e subsistente, incomparavelmente melhor do que aquele que os sofistas imaginaram, os quais, ignorando a substância das coisas, se aplicam aos acidentes, que apresentam-se como substâncias corruptíveis. Pois chamam de sobre, antes e por sobre de toda substância àquilo que resulta da composição; mas esta não passa de um acidente, que não contém em si mesmo nenhuma estabilidade nem verdade alguma e que a nada se reduz. Dizem que o homem é na realidade o resultado de uma composição; que a alma é, fundamentalmente, a perfeição e o ato do corpo vivente, ou então algo que resulta de uma certa simetria de órgãos e membros. Daí que não há motivo de admiração se fazem tanto caso, e tanto medo tem da morte e da dissolução, como se a perda da existência fosse iminente. A natureza grita em voz alta contra semelhante loucura e nos garante que nem o corpo nem a alma não devem temer a morte, porque tanto a matéria como a forma são princípios constantíssimos”. (1988, pag. 59)

Verdade

“Todos souberam dizer a verdade, a unidade e o ser são a mesma coisa, mas nem todos compreendem isso porque alguns adotaram a maneira de falar, sem captar a maneira de pensar dos verdadeiros sábios. Aristóteles, entre outros, que não apreendeu a unidade, também não encontrou a verdade porque não reconheceu o ser como unidade. E, embora se sentisse à vontade para adotar a significação do ser, comum a substância e ao acidente, e em seguida distinguisse as suas categorias em gêneros, em espécies e em diferenças, nem por isso deixou de ser ignorante da verdade (...) [quis] perverter as sentenças dos antigos e opor-se à verdade...” (1988, 121)

Aristóteles

“De mais a mais, da mesma maneira que a alma (conforme o quer também a opinião comum) está toda inteira ao mesmo tempo indivisa na grande

⁴⁶ Todas as citações deste capítulo foram retiradas do livro: A Causa, O Princípio e O Uno, já citado em páginas anteriores.

massa, à qual dá a existência [ser], e, portanto, é idêntica e inteira no todo e em qualquer parte que seja, assim a essência do universo é a mesma no infinito e em qualquer coisa que tomemos como membro do infinito, de modo que o todo como qualquer parte são idênticos segundo a substância; daí que Parmênides não afirmou injustamente que [o universo é desnecessário!] é uno, infinito, imóvel, independentemente de qual fosse a sua intenção, que é incerta, a qual foi referida por um comentador pouco fidedigno”. (1988, pag. 123)

Tempo

“(...) a hora não se diferencia do dia, o dia não é diferente do ano, o ano não é diferente do século e o século não encerra nenhuma diferença em relação ao momento; porque os momentos e as horas não são mais numerosos que os séculos, e, em face da eternidade, os momentos e as horas não são menos longos que os séculos”. (1988, pag. 118)

O Ser

“Como na arte de carpintaria existe uma substância de madeira que é o sujeito de todas as medidas e figuras, que não são madeira, mas de madeira, na madeira, relativas à madeira. Assim, tudo que constituía diversidade dos gêneros, das espécies, as diferenças e as propriedades, tudo o que consiste na geração, a corrupção, a alteração e a mudança não é essência, não é ser, mas condição e circunstância do ser e da essência; o ser é uno, infinito, imóvel, sujeito, matéria, vida, alma, verdade e bondade”. (1988, pag. 123)

Da Matéria

“Deixo de mencionar que a matéria natural produz todas as coisas naturais com mais elevada razão do que a artificial produz as formas artificiais, porque a arte suscita as formas a partir da matéria, quer por subtração - como quando a pedra se transforma em estátua - quer por adição - como quando, unindo pedra com pedra e madeira com terra, edifica-se a casa. Mas a natureza faz tudo com sua matéria, mediante separação, parto, fluxo de sangue, conforme os pitagóricos o entenderam, como o compreenderam Anaxágoras e Demócrito e segundo o confirmaram os sábios da Babilônia”. (1988, pag. 109)

Arte

“Assim se dá com a natureza, com a qual a arte se parece, que para suas operações tem que ter uma matéria; porque não é possível que haja algum agente que, se quer fazer algo, não tenha como fazê-lo, ou que se quer operar, não tenha o que operar. Trata-se, portanto, de uma espécie de sujeito do qual, com o qual e no qual a natureza executa sua operação, seu trabalho; e ela é dotada de tantas formas quais o espírito pode conceber em termos de variedades de imagens”. (1988, pag. 74)

Filosofia

“Sim, como sobre o mesmo objeto podem julgar diversos sentidos e a mesma realidade pode ser compreendida de diversos modos. Ademais (conforme foi abordado), o exame de uma questão pode partir de diversos prismas. Os epicureus exprimiram muitas coisas boas, embora não se tenham elevado acima da qualidade material. Heráclito trouxe ao nosso conhecimento muitas coisas excelentes, muito embora não ultrapasse o âmbito da alma. Anaxágoras não deixa de tirar proveito [da observação da natureza, porque não somente nela mas também fora e talvez acima dela ele reconhece um intelecto, que Sócrates, Platão, Trismegisto e nossos teólogos chamaram igualmente de Deus. Assim sendo, pois, na descoberta dos arcanos da natureza, aqueles que partem do conhecimento experimental do simples (como eles chamam) não fazem menos os progressos do que os que começam pela teoria racional”. (1988, pag. 83)

Anima Mundi

“Por conseguinte, deveis saber, que a alma do mundo e a divindade não estão totalmente inteiras por toda parte e em cada parte como pode estar uma coisa material, porque isto é impossível para qualquer corpo e espírito, mas estão de um modo que não é fácil de explicar senão assim: deveis notar que, se dizemos que a alma do mundo e a forma universal estão em todo lugar - o que não se entende corporal e extensivamente (dimensionalmente), porque assim elas não o são e assim não podem sê-lo em parte alguma -, elas estão espiritualmente por inteiro em todo lugar. (...) a alma não é indivisa como o ponto, mas, de certa maneira, como a voz. (...) a divindade não está em toda parte como o Deus de Grandazzo está em toda capela; porque este, embora esteja em toda igreja, não está, porém, todo inteiro nela toda, mas tem a cabeça numa parte, os pés em outra e os braços e o peito em outra. Mas a divindade

está toda inteira não importa em que parte seja, como minha voz é ouvida inteira em todas as partes desta sala”. (1988, pag. 63)

Contrários

“Em conclusão, quem quer conhecer os maiores segredos da natureza que olhe e contemple os mínimos e os máximos dos contrários e opostos. Profunda magia é saber discernir o contrário depois de ter encontrado o ponto de união. Para isto é que tendia em seu pensamento o coitado do Aristóteles, quando concebia a privação (a que está associada uma certa disposição) como progenitora, parente e mãe da forma; mas não conseguiu atingir o seu desiderato. Não pôde chegar até lá porque, detendo-se na oposição, nela ficou enleado de maneira que não logrou descer ao princípio da contrariedade, não atingiu nem fixou os olhos no objetivo; errou em todas as ocasiões, afirmando que os contrários não podem coincidir, efetivamente, num mesmo sujeito”. (1988, pag. 132)



IMAGENS

III) Memória de Ser Ocidental (+) Recriação de Ser Pós-Moderno

"No céu, aprender é ver,
Na terra, é lembrar-se."
(Píndaro)

A viagem até onde se encontra Bruno não pode ser vista como um retorno saudosista ao passado, muito pelo contrário, é o passado que se mostra imenso diante de minha desolada imagem contemporânea. Ser, que não consegue abarcar este passado, muito menos a sua filosofia e no entanto, necessita retomá-lo. A necessidade deste tempo parece vestir-se com a fórmula *memória de ser ocidental (+) recriação de ser pós-moderno*. Ruínas de um passado do qual restaram alguns livros e um processo inquisitório, daquele que foi o máximo exemplo do livre pensamento, e que no aqui pode através de sua filosofia reconstituir a memória de uma época, de um grupo. Mais (+) recriação de ser pós-moderno, que não podendo criar recria a história e a si próprio; este ser que não pode mais criar, não por falta de criatividade, mas porque parece que tudo já foi criado, não está parado na história, mas concebendo-a de forma diferente. Pós, que confunde-se na polifonia de vozes, que tentam explicá-lo, porém pós que necessita do retorno aos mitos e da esfera mágica do ser humano.

Nesta linha de pensamento podemos refletir sobre a idéia de *pontos de sedução* e principalmente romper com a idéia de estudar a "totalidade" de sua obra, ou dar conta do objeto. Seguindo a idéia de pontos de sedução, temos a

possibilidade de fazer um recorte de diferentes trabalhos, em que alguns escritos e algumas produções artísticas, corresponder-se-iam, ou seja, diferentes produções, falando até mesmo de coisas distintas, e que no entanto, carregam algo em comum com o pensar de um outro autor, seria algo próximo às *vizinhanças* propostas por Deleuze. As leituras, os filmes, a música, e até outras produções, que a princípio estariam desvinculadas do trabalho de pesquisa, mostram-se por sua vez companheiras inseparáveis de nossas reflexões, já que nos atravessam e indicam alguns princípios norteadores de uma construção de vida - são as marcas. Estas figuras que surgem e que a princípio poderiam destoar neste contexto, quando submersas neste mesmo tempo, onde é consciente a necessidade de retomar alguns mitos de ser ocidental, guardam uma cumplicidade na escrita da reinscrição de ser ocidental, de ser que talvez, em algum ponto da história se perdeu, ou quem sabe, submersos na condição pós-moderna, nós é que estejamos nos perdendo, como última tentativa de reavivarmos nossos sonhos esfacelados de liberdade, e então nos reinventarmos.

Mesmo ao retomar este passado mergulho na lembrança de fragmentos de leituras anteriores, leituras de Michelet, de Clarice Lispector, de Tarkoviskij, leituras que não podem ser vistas descoladas deste momento, portanto fazendo recortes destas leituras, invocarei o que aqui representa os pontos de sedução, que os fez saltarem a meus olhos e que se unem a Bruno, na construção ou recriação de algumas reflexões.

O regresso aos mitos requer que reavivemos o sagrado. O sagrado não é achar-se, é antes perder-se. Diluir-se até tornar-se cinza. Nesta, na partícula última - conteria sua existência atual, que estaria em todas as outras e em cada uma - algum princípio constantíssimo de vida, portanto partícula animada. Essa partícula seria devorada pela terra e da terra para a planta, que serviria de alimento para o animal, através deste ao homem. Um homem então, possui milhões de partículas animadas, que guardam a lembrança de uma outra forma.

Então deixo que fale, princípio outro que habita também esta forma atual. Porque somos milhões - milhões de vidas habitam um único corpo - vou então passar a falar no plural: nós reinventamo-nos. Porque mesmo só, esta forma, em sua internalidade e externalidade, é habitada por milhões... Milhares de existências sempre atuais, porque se fazem não no tempo, mas no não-tempo mudo. Como diria Oscar Wilde, *"Eu sou imenso, eu sou contraditório, há multidões dentro de mim."*

Reafirmo que a todo momento estamos vivendo nossos mitos, eis nossa memória de ser ocidental, que carrega a culpa milenar por terem, Adão e Eva, profanado o templo que lhes era dado a contemplar. Assim, também Bruno, a todo momento revive o mito de Hermes, e assim fazendo, reafirma sua existência atual entre nós. Portanto, se tornam vazio as discussões em torno da existência ou não de Hermes Trismegisto. Mesmo que ele não passe de uma figura mítica, podemos e devemos dar ouvidos ao que diz o "Corpus Hermeticum", sendo a mitologia uma elaboração humana. Seus escritos relatam de forma simbólica um momento histórico, no qual os egípcios cultuavam o

Deus Solar. E, tal como a mitologia grega, eternizou-se através de nossa tradição oral, sobrevoando o tempo e sendo registrado em nossa existência atual.

Neste momento a palavra existência atual, salta-nos aos olhos e soa com a intensidade de um furacão, pois que já é algo conhecido nosso, algo pronunciado pelas desconstrutoras palavras de Clarice Lispector, em "A Paixão Segundo G.H."; ela utiliza este termo para definir a existência de uma barata: ser que sempre viveu sobre a terra, e que atravessou milênios com sua mesma vagarosa forma, que nos desafia e dá nojo: *"Tudo ali havia secado - mas restava uma barata. Uma barata tão velha que era imemorial. O que sempre me repugnara em baratas é que elas eram obsoletas e no entanto atuais"*.⁴⁷

Se afirmo que há uma existência atual, ela é atual em relação a algo, este algo é a sua contrapartida - a existência arcaica - e também aqui registramos um termo muito caro a Clarice: ser arcaico.

Isso nos faz crer mais e mais, que a cada passo que dirigimos à frente, irão surpreender-nos as palavras silenciosas de pessoas, sejam escritores, filósofos, músicos, diretores de cinema, que irão registrando as marcas de nosso percurso de construção do que somos, portanto do que cremos e criamos. Por isso, a verdade hoje não está somente na aridez das conclusões ordenadas, frases são repetidas e reeditadas em diferentes contextos, por diferentes figuras. Portanto as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, assumem um novo caráter na era em que todos estão submersos na Pós-Modernidade. São palavras

vivas que reafirmam nossa condição de seres míticos. E em meio a este retorno aos mitos, é que Morin propõe uma nova ciência: a Noologia. O certo é que devemos aprender a ouvir o que diz a voz destes nossos iguais. Como por exemplo, Antonin Artaud, que como Bruno também preocupou-se em registrar seu significado para a morte, em "A Arte e a Morte":

No círculo interior do reino calcáreo das Imagens, naquele ponto sutil onde o olhar da consciência projeta, sem se perder, um extremo fogo, lá onde o nervo se desprende enfim do pensamento a repousar. Sabe Deus em que estratificações astrais; jaz a morte como derradeiro sobressalto de um saber cheio de transe, mas SUSPENSO.

Mitos que atravessam a história do pensamento ocidental, como por exemplo o de Hermes: o Mercúrio Grego. Mercúrio rege os signos de gêmeos e virgem, é o mestre dos disfarces. Para Howell, "ele representa o mestre da cerimônia, o guia, o que faz a ligação, o coringa, o *passe-partout*"⁴⁸. A figura que veremos à seguir representa o símbolo de mercúrio e encontra-se no mapa natal indicando o planeta que rege os signos citados anteriormente.

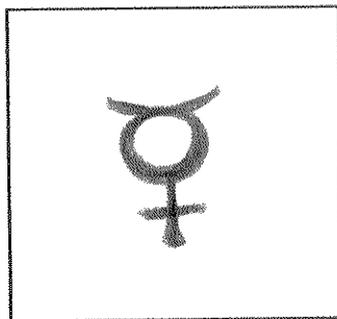


Fig. 1

⁴⁷ LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.* 17 ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994. (pag. 51)

⁴⁸ HOWELL, Alice O. *O Simbolismo Junguiano na Astrologia*. Pensamento: São Paulo, 1992. (pag. 136)

Pode-se dizer que Bruno fez uma viagem à magia-hermética egípcia. Para alguns estudiosos da astrologia, Hermes Trismegistos teria sido seu precursor. Esta ciência ainda tão pouco estudada, analisa o movimento dos astros para sistematizar em forma de mapa natal estes movimentos, sendo assim “a astrologia não descreve (no caso de uma horóscopo individual) a realidade de uma situação, mas sim o modo como cada pessoa tenderia a reagir nela”⁴⁹. Para esta autora, “o mapa astral descreve os modos prováveis de nossa experiência, e pelo fato desse processo ser bastante exato, ele pode ajudar a nos tornarmos mais conscientes do modo como tendemos a ver as coisas”⁵⁰. a astrologia, o tarô, a cabala e outros estudos da antiguidade tiveram solo fértil para aflorar em plena renascença; eram as “ciência ocultas” que traziam, à luz da razão, diferentes modos de pensar o homem e o universo, contrapondo-se a ortodoxia católica, cuja verdade estava reduzida às suas escrituras sagradas e bulas papais. Estas ciências ocultas levaram muitos adeptos do catolicismo a largar as batinas e aventurarem-se nestas leituras e estudos, então proibidos. Era o demônio camuflado levando seu rebanho. E foi entre os livre-pensadores, que estas ciências ocultas foram sendo retomadas de suas fontes pagãs.

O Tarô de Marselha, como chegou a nós, hoje em dia, suspeita-se que tenha sido primeiramente difundido entre os egípcios, como é o caso da astrologia. Este jogo divinatório que envolve ícones, símbolos, números e cores, também foi retomado pelos estudiosos Junguianos, bem como pelo

⁴⁹ Op. Cit. (pag. 24)

⁵⁰ Op. Cit. (pag. 26)

próprio Jung, que o via como um precioso estudo simbólico que registra a força viva de culturas arcaicas. Sua origem porém, é contraditória, no entanto, Cousté afirma:

Atribui-se a Curt de Gébelin, em sua monumental Monde Primitif (1781), a primeira descrição escrita do jogo de tarô, também a ele se pode atribuir a responsabilidade da sua lenda, lançada tão espontaneamente quanto gratuitamente. No tomo VIII de Monde, Gébelin assegura que o tarô seria nada menos que “o único livro sobrevivente das dispersas bibliotecas egípcias (...)”⁵¹

No momento interessa-nos o que estas imagens representam. Como podemos ver no início de cada capítulo, existe uma das cartas do tarô de Marselha com a numeração correspondente à do capítulo. Tais cartas são carregadas de um simbolismo que com o tempo foi sofrendo transformações, mas que até então guardam características que tornam possíveis relacioná-las com outros estudos, como por exemplo com a astrologia. As cartas que aparecem na abertura de cada capítulo são as seguintes: número um, o mago; dois, a papisa; três, a imperatriz e quatro, o imperador. O mago, representa um início de trajetória, ele é um aprendiz que tem à sua frente uma série de instrumentos alquímicos, porém ainda necessita de um longo aprendizado para aos poucos lidar com este conhecimento. A papisa, por ser a primeira carta feminina e estar com o livro da sabedoria aberto sobre seus joelhos, representa o saber intuitivo, os modos sutis de chegar ao conhecimento. Já o número três,

a imperatriz, representa a grande mãe, a que tem o poder de gerar, de alimentar; é o poder do feminino. Em contrapartida o número quatro representa o poder masculino, o imperador, o que dirige seu povo guiado pela razão.

Nesta breve descrição, ainda muito superficial do simbolismo do tarô, é importante lembrar o quanto estes “hereges medievais”, tentaram trazer à luz da produção de conhecimento este saber construído por outras civilizações e esquecidos em nome das superstições que a igreja católica, então detentora da verdade, difundia, combatendo inclusive sua grande inimiga: a razão. Assentados no que chamaremos “razão herege”, estes pensadores debatiam-se contra as forças supersticiosas. Neste sentido em contrapartida, as discussões que os historiadores, até aqui citados, fizeram da obra de Bruno, resolvemos ressaltar tres movimentos, para nós não somente presentes na obra de Bruno, mas muito mais característicos do esforço dos livre-pensadores e outros hereges combatentes do catolicismo; são eles: primeiro movimento: o devir sagrado; segundo movimento: a arte e terceiro movimento: as imagens.

Estes textos foram construídos isoladamente, com fins didáticos e metodológicos, porém os tres temas estão atravessados um pelo outro, de forma a possuírem uma complexa rede de relações. Esta rede de relações, é possível ser feita por nós hoje, impregnados de Imagens, conhecedores da Arte do Cinema, que através de Imagens-movimentos, brinca com o tempo, eternizando seus olhares sobre o passado, e sendo capaz de reconstituí-lo. De forma diferente desta, esta rede de relações pode ser vista no tempo-histórico de

⁵¹ COUSTÉ, Alberto. Tarô ou a Máquina de Imaginar. 4 ed., cd. Ground: Rio de Janeiro, 1992.

Bruno, pois, como vimos suas formulações teóricas estão impregnadas de Arte e de Imagens, não só de forma ilustrativa, mas também auxiliando em suas formulações filosóficas. E quanto ao Sagrado? Nem precisamos lembrar que para Bruno a Arte está visceralmente ligada ao Sagrado, como também suas Imagens Mnemônicas nos remetem ao simbolismo arcaico, de cunho mágico-hermético. O Sagrado, enfim está presente em toda sua teoria do conhecimento, que parte do princípio de um Universo Infinito, Uno, Imóvel e Indivisível, que comporta a Multiplicidade dos Mundos. Cada partícula animada possui parte do Todo, mas não totalmente. O Princípio divino, indiviso, encontra-se em cada partícula viva. Assim se apresenta seu Panteísmo, que ve um deus em cada ser, em cada partícula animada.

IMAGENS EM MOVIMENTO

PRIMEIRO MOVIMENTO: O DEVIR SAGRADO

**"A arte consiste em
ocultar a arte"**

(Ovídeo)

Este primeiro movimento representa a luta dos livre-pensadores em trazer à tona a questão do sagrado, enquanto experiência de encontro com a Alma do Mundo. O panteísmo, de Bruno, pode ser visto em sua Teoria do Infinito, e somado a ele um mergulho nas fontes pagãs, de lá resgatando o hermetismo mágico, como já falamos nos capítulos anteriores.

Porém, falar na filosofia de Giordano Bruno hoje, não é tentar transportar aquelas idéias para o tempo de agora. Aliás, ontem, hoje e amanhã são tempos que atravessam-se, constituindo mecanismos em que o vivido e a memória se entrecruzam. O misticismo de Bruno tem sido amplamente trabalhado por Frances Yates, que perspectiva tres núcleos em sua filosofia: o Hermetismo, a Memória e o Lulismo⁵², ou seja, a influência advinda da obra de Raimundo Lulio; porém em todos estes núcleos podemos ressaltar a questão do sagrado, ou seja sua filosofia tinha por princípio a existência de uma verdade, e esta verdade era mágico-hermética.

Tentaremos não dicotomizar o conceito de Sagrado tal como o fazem a grande maioria dos tratados modernos e atuais, que separam a experiência mística das formulações teóricas, pretenciosamente leitoras do Real. Seguiremos os passos dos teóricos que rompem com a tradição racionalista e resguardam o sagrado dentro de cada ser humano, dentro de cada ser animado.

A Linguagem Simbólica é, por excelência, adotada tanto pelas religiões, quanto pelas seitas místicas, posto que para a experiência sagrada deve haver uma forma, sensível e pluridimensional, para registrar esta experiência. Daí, que para Kuperman:

Simbolizar é então dar à representação sensível um significado, mas de tal natureza que o significante faz surgir o indizível - daí sua familiaridade com o inconsciente, o sobrenatural, o que transcende o sensível e a assim chamada realidade física: por isso o símbolo nunca é “finalmente” explicado, mas “deve sempre ser decifrado de novo, assim como uma

⁵² YATES, Frances A. *Giordano Bruno e a tradição hermética*. São Paulo: Cultrix, 1987.

partitura musical (...) exige execução sempre nova”
(1992, p. 35)

Como vimos, os símbolos comunicam algo através de associações, através de um sistema de representações gráficas e imagens, que podem comportar uma leitura do Real, como também daquilo que a realidade não abarca. Assim, para Jung o símbolo é “a idéia tornada sensível, encarnada (...) a melhor figura possível de uma coisa relativamente desconhecida que não se saberia logo designar de modo mais claro e característico” (In: Kuperman, 1992, p. 34). A linguagem simbólica pode ser também uma forma de representação na arte, na filosofia e em outros tantos campos do saber.

Desta forma, o sagrado em Bruno perpassa toda sua construção teórica. Porém, ele admite, como já vimos, a incognoscibilidade de Deus, que só pode ser tocado por vestígios; admitindo ainda que a potência divina pode ser considerada no campo investigativo. Como já constatamos em Bruno, esta potência divina é concebida através de uma fusão entre argumentos lógicos, simbolismos primitivos, desregramento da arte, bem como experiências mágicas e alquímicas.

Desta forma, sua linguagem simbólica em nada contradiz sua construção teórica, e sim lhe cede outros tijolos, outras formas de busca ao conhecimento, que unem-se na construção deste novo templo: um Universo Infinito. E, para tal construção, Bruno retoma as fontes pagãs, com seus rituais iniciáticos e simbolismos primitivos.

O pensamento arcaico está pautado no concreto e no simbólico, enquanto o atual é abstrato e aspira a univocidade. Além disso, os Mitos estão além do verdadeiro e do falso, como podemos constatar com Torrano:

As figuras que o pensamento arcaico elaborou são, freqüentemente, como que centro de *coincidentia oppositorum*. Reunindo em si atributos contraditórios, aspectos díspares e conflitantes da realidade, estas figuras os transcendem e integram em seu ser profundo, e podem revelar-se sob aspectos antitéticos. Se esta transcendência de todos os atributos é o modo de ser próprio da Divindade, o pensamento arcaico - marcadamente sensível à experiência numinosa - está muito mais apto e preparado para captar e compreender as múltiplas nuances enantiológicas do que nos permitem fazer-lo nossos hodiernos hábitos de rigor conceitual. (1991, p. 39)

"Os diamantes não são encontrados na terra negra; é preciso procurá-los próximos aos vulcões".⁵³

As palavras foram gastas por discursos vazios, por isso é imprescindível *despir as palavras*, para delas extrair o sumo mais profundo que reside nos subterrâneos da alma. E assim fazendo, quem sabe possamos ainda hoje, nos aliviarmos do óbvio, e recuperar o que há de humano em nós. Frente as contradições cotidianas, contradições de um ser que vive a solidão superficial, e num mesmo movimento comunga com a força destrutiva da massa, frente a isso e muito mais, o ser humano que invade o século XXI é ainda um mutilado das guerras deste século. É um ser que ainda tem as feridas abertas pela dor de Auschwitz, e no entanto *"estão todos mudos, mudos como peixes"*⁵⁴.

⁵³ TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o Tempo*. Martins Fontes: São Paulo, 1990. (pag. 51)

⁵⁴ Frase extraída do filme "O Sacrifício", de Andrei Tarkovski.

Será possível ainda falar em alma neste fim de milênio? Já desde Bruno, o ser humano estava camuflado, na via das palavras prontas do Deus Aristotélico, o Deus Católico, detentor de toda a verdade e portanto o único capaz de discernir o certo e o errado.

Mas o pensar diferente, a entrega às obscuridades da Alma, não é algo ingênuo, não é também a harmonia que muitos imaginam. Schopenhauer, já dizia que o homem de gênio é o que mais sofre; na sua depurada luta contra o poder, sua alma sedenta pela verdade o joga no profundo abismo em favor da *sapientia*. Como dizia Schiller, "*no abismo reside a verdade*"⁵⁵. A verdade portanto está mais próxima da tempestade do que da calmaria de um dia inundado pelo sol da primavera.

Hoje as buscas de verdades são outras, estão ainda próximas das promessas modernas. Desejo de construir uma família feliz, desejo da completude do outro, desejo de ter o nome e a "alegria catalogada", como diria Lispector em "Um Aprendizado ou o Livro dos Prazeres". Tudo isso é pura pulsação de vida, fragmentos do que somos e do que deixamos de ser, por medo, por desejos pré-estabelecidos. O devir-louco, que fez Alice⁵⁶ comemorar o seu *desaniversário*, está muito longe da harmonia e da busca do eu.

Até busca um "eu", porém não somente um "eu-essência", um eu sem o outro, mas um "eu-múltiplo", atravessado por muitos outros. É contraditoriamente, este eu que dilui-se e soma-se aos muitos outros, é

⁵⁵ MORIN, Edgar. O Método - O Conhecimento do Conhecimento. Vol. 3, Europa-América: Lisboa, 1986. (pag. 13)

⁵⁶ Personagem do livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol.

justamente um ser solitário, porque cada vez mais percebe-se enquanto construção, transformação e principalmente mortes cotidianas. A razão redentora⁵⁷ aprisionou este “eu” num coletivo que o dilui na massa, ou nos interesses massificantes, aprisionando o desejo num outro “eu” que não o “eu-mesmo”, e assim estabelecendo relações neuróticas.

SEGUNDO MOVIMENTO: ARTE

O segundo movimento trata da questão da arte, às quais suas diversas formas, iremos nos dedicar: à pintura, ao cinema e ao poéticas. Estas últimas principalmente, pelo fato de Bruno ressaltar em sua obra não somente as poéticas gregas, como já vimos antes, mas também pelo fato de ter construído algumas poesias e peças teatrais. As poesias escritas por Bruno caracterizam-se pela marcante trajetória mística, iniciática, como o exemplo que ressaltamos, de uma poesia que fala da entrada de um templo, no qual havia uma estátua, que se tornava uma forma diferente quando alguém entrava no templo e depois saía. Ela sorria para aquele que conseguia sair. Os livre-pensadores, bem como os ocultistas medievais, utilizavam-se da linguagem poética para tratar de seus estudos de magia, e para Bruno a arte estava ligada à experiência sagrada, à medida que, através de suas representações a arte retrata de forma sensível a jornada da humanidade em busca da verdade divina. A arte, portanto, se

⁵⁷ Chamamos de Razão Redentora, aquela Razão que pretendia redimir o ser humano das garras das superstições medievais, e acabou descambando em outro extremo, ou seja, ter a pretensão de abarcar o

diferencia da filosofia à medida que cria e recria realidades sem o compromisso de justificar-se; ela não explica, simplesmente mostra.

Neste movimento tentaremos trazer à tona o trabalho de Bosch, um pintor que teria nascido por volta de 1450. Em tratando-se de arte medieval, este pintor foi por nós lembrado pelo fato de incorporar a força viva dos medos, das crendices, das questões religiosas, sexuais e da mistura furiosa do ser humano e da natureza. Os quadros “As Tentações de Santo Antão” e “O Jardim das Delícias”, mostram corpos dilacerados, corpos que não são nem humanos, nem elementos da natureza, mas uma mistura debochada; talvez este pintor tenha mergulhado no deboche das feiticeiras que dançavam na volta das fogueiras.

Falar de poesia é algo por demais bizarro, melhor seria cantá-la, como há muito os gregos já o faziam. Escrever poeticamente é como despir as palavras, como fazem os amantes, um ao outro, inundados pela paixão e pelo medo; aos poucos este despir os vai colocando um frente ao universo do outro. Como disse Deleuze, *“É preciso abrir as palavras, rachar as coisas, para que se liberem os vetores que são os da terra. Todo escritor, todo criador é uma sombra”*⁵⁸. A arte aqui toma hoje novos sentidos, ou melhor múltiplos sentidos pois, atravessada por um turbilhão de formas de expressão, muito diferente daquela que falávamos, que versava, pela necessidade de retomar as questões da antiguidade, eis aqui a memória, e o mergulho num tempo onde a

Real. Seu alto reinado deu-se, então, com o advento da ciência, tal como foi concebida na modernidade.

⁵⁸ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.

loucura em torno das credices, levou toda uma massa de indivíduos a um delírio religioso coletivo, que pode ser uma das leituras dos quadros de Bosch.

Enfim, este movimento retrata a importância na leitura desta arte medieval, que pode nos transportar a um tempo onde a “irrazão” falava mais alto e no entanto, estudiosos como Bruno, ainda lutavam para recuperar uma verdade sagrada.

TERCEIRO MOVIMENTO: IMAGEM

**"Não uma imagem justa,
justo uma imagem"
(Godard)**

Este tema é muito vasto e complexo, porém presente na academia e nos meios eruditos da atualidade, isso porque estamos no tempo das imagens, tudo é mostrado, nada é explicado. A técnica da fotografia, por exemplo, que sempre cai na velha discussão se é ou não uma Arte, visto que ela faz um recorte da realidade objetiva, porém ela é concebida a partir do olhar subjetivo que recortou “esta” e não “aquela” realidade.

Além disso temos o cinema, que não está necessariamente comprometido com o Real, mas tem a capacidade de recriá-lo e agrupá-lo conforme o poder da imaginação. Além destas duas competências, constatamos que a utilização de Imagens, como fonte primeira, sobrepondo-se à nossa tradição oral (que nestes casos torna-se secundária) é, também, característica da religião (com seus símbolos sagrados), das manifestações do inconsciente, das

novas técnicas virtuais, da arte, e de tantas outras áreas do conhecimento humano.

Portanto, independente dela ser utilizada para explicar ou ilustrar as teorias, ou de dizer por si própria, ela marca profundamente a construção das civilizações. Mesmo que a nossa tradição verbal negue este fato, ela esteve, está e sempre estará entre nós. Imagens e palavras são, portanto, intercambiáveis e não contraditórias. Contra esta tradição oral evocamos Baudelaire: "*Ter imaginação é ver o mundo em sua totalidade, porque as imagens têm o poder e a missão de mostrar o que se mantém refratário ao conceito*" (In: Teves, 1992, p. 120)

Imagens que rondam, que povoam o nosso cotidiano e vão, muito subterraneamente, criando desejos, é a captura do desejo. Nosso cotidiano alucinante é povoado de out-doors, de luzes neon; é a TV, o vídeo, os games, o CD-Rom, o Computador, que invade nossos lares. Como diria Barthes, em *Câmera Clara*, há que se entrar na "Aventura da Imagem".

A fragmentação do saber moderno, que ainda constitui nossa forma de pensar, de ver, de ouvir o mundo, não permite que ninguém saia inocente. Aliás, como diria Umberto Eco, estamos no tempo da "*inocência perdida*", por mais que a academia persista na farça das pesquisas objetivas....ela não está fora....

Neste sentido, em minha interpretação, se é que posso dizê-lo assim, venho tentando trabalhar com um conceito cinematográfico, o qual Deleuze há algum tempo atrás já utilizava. Trabalho com a possibilidade de fazer a

decupagem, do francês - *decupé* - cortar em pedaços. O que me dá a possibilidade de fazer um corte epistemológico, ou melhor, fazer a decupagem do pensamento de Bruno, que resguarda na sua filosofia a arte e a magia (profana sempre, é claro!), e num mesmo movimento, a decupagem de algumas questões tematizadas por teóricos atuais, como por exemplo, a questão da imagem.

Pergunto-me: que sentido tem a decupagem? A princípio, é a possibilidade que vejo para continuar falando em magia, em poesia, a partir da minha realidade - realidade de quem vive no tempo da pós-orgia. É poder viajar num tempo remoto, porém um tempo vivo, um tempo pulsante, que me traz imagens, as quais, através de toda uma memória posso recriar, e assim recriar meu próprio discurso, porém sem interpretações, sem a obstinação por análises que absolutizam e esquadrinham o pensar em um sistema fechado, sem uma lógica do concreto.

Neste sentido, voltemos o olhar para as figuras 1, 2, e 3. Elas são carregadas do simbolismo antigo e foram retomadas na idade média por estes estudiosos da magia. São imagens que registram um pouco das tentativas de retomar os estudos já vistos pelos egípcios e assim salvar a religiosidade das unhas católicas. A própria Frances Yates, no livro, "Ensayos reunidos: I LULIO Y BRUNO", ressalta imagens como a Árvore da Ciência, as formações numéricas cabalísticas e alguns quadros de pintores da época.

Este movimento tem por objetivo resgatar imagens que possam ser lidas dando-nos a possibilidade de outras formas para fundamentar as discussões aqui

propostas, bem como discutir este conceito que, como veremos a seguir, na Renascença não é tão amplo como aquele que concebemos atualmente.

Porém, Milton (1996) vê tanto na Idade Média como na atualidade, este poder que a imagem tem de criar consenso, de mostrar poder, porém estas imagens são dirigidas ao vulgo, ao homem comum. As imagens de que trataremos agora, aos nos reportarmos à Renascença, são imagens condenadas ao estatuto de profanas, diabólicas, por isso, de forma alguma são consensuais ou amplamente difundidas entre o povo.

As imagens renascentistas propostas pelos filósofos e magos, que retomam os estudos da Antiguidade, são opostas às imagens difundidas pela igreja católica. Muito embora tenham em alguns momentos fontes em comum, a forma na qual elas aparecem marcam sua diferença.

Bruno, imerso no movimento renascentista, propõe uma virada de perspectiva quando propõe as Imagens mágicas e Talismânicas do antigo Egito, que possuem um sentido múltiplo, não explicam, mas revitalizam o simbolismo pagão, lidando com associações entre símbolos primitivos, números, cores, formas e antigos Mitos. Desta forma, como já vimos, a Arte da Memória retoma imagens arquetípicas, para imprimí-las na memória, a fim de aumentar o poder da mente para compreender os princípios que regem o Universo. Como podemos notar, a Mnemotécnica parte do princípio de que as imagens primitivas teriam o poder de, por um viés diferente do que é utilizado pelo teórico ao construir seu conhecimento, abrir uma porta para que a verdade antiga seja vislumbrada. E isso porque estas imagens estão totalmente de

acordo com a leitura que se fez destes antigos tratados, sejam eles, herméticos, órficos, ou de Zoroastro.

Confirmando a diferença de Bruno frente à tradição racionalista, constatamos em Yates que a última obra de Bruno trata de imagens mágicas e talismânicas. Assim, ela afirma:

Este livro, na verdade, trata, (...) da composição de imagens, signos e idéias, ou seja, da composição de imagens, signos e idéias talismânicas ou mágicas, sendo aqui “idéia” o equivalente à imagem talismânica. A cada um dos princípios se associa um certo número de imagens talismânicas ou mágicas, inventadas ou compostas com um propósito especial. (Op. Cit., 1987, p. 370)

Esta última obra de Bruno intitulada: “De Imaginarum, Signorum e Idearum Compositione”, é composta de cento e cinquenta imagens mágicas, talismânicas, zodiacais, dos decanos demoníacos egípcios, dos planetas, de animais, plantas, pedras, de círculos com as artes e ciências dispostas sob cento e cinquenta figuras ilustres, e também, de algumas imagens por ele criadas. Como vemos, a diversidade destas imagens pode ser comparada à diversidade de heranças que compõem sua Teoria do Conhecimento.

Esta mescla, quase absurda, dos diversos conhecimentos da antigüidade, forma a Imagem da Renascença que ficou para nós. Esta imagem renascentista, hermética, ocultista e sagrada, ficou brilhantemente registrada na obra, que é a capa desta dissertação. A artista gaúcha, Fabiane Silveira criou este desenho, capaz de englobar esta mescla das antigas ciências e da compreensão de natureza dos Magos Renascentistas.

A árvore, elemento da natureza, enraizada numa víscera animal, por sua vez, “plantada” no reino mineral, figura magistralmente num primeiro plano, podendo simbolizar a vida que, sempre renovada, se faz presente nos reinos: Animal, Mineral e Vegetal. Esta vida que “forma e informa” estes três reinos é constantíssima, não se esvai, mas sim transforma-se de acordo com a dança cíclica do tempo, que tudo muda.

O Universo Uno, Infinito e Imóvel, tal como foi concebido por Bruno, implode desta imagem viva, desta imagem de vida, que tem no segundo plano uma compreensão simbólica deste mundo conhecido, com suas configurações astrais, que desde a astrologia antiga pulsavam em conexão com a vida. Ou melhor, eram parte do grande princípio de vida, que tudo renova, tudo movimenta, sendo ele, porém, capaz de comportar todas estas partes, não se move, é infinito. Somente em Ato, este princípio cria o movimento de vida. O movimento daqueles distântes astros cria paixões, guerras, nascimentos e mortes, tal como a antiga mitologia foi capaz de criar.

Associando estas duas figuras surge uma multiplicidade de possibilidades. É a vida que corre solta compondo e recompondo nossas possíveis associações... Assim, esta mescla furiosa é sagrada e profana, anuncia e oculta magicamente os poderes deste “Artista Interior”.

Agora então, viajemos em outras imagens, imagens-movimento...



TRILHAS

III - Dois Olhares: Reinventando a Renascença

“Quem nada conhece, nada ama. Quem nada pode fazer, nada compreende. Quem nada compreende, nada vale. Mas quem compreende também ama, observa, ve... Aquele que imagina que todos os frutos amadurecem ao mesmo tempo, como as cerejas, nada sabem a respeito das uvas.”

(PARACELSO)

Como vimos, o capítulo dedicado à Arte deixou muito a desejar, não recebeu o aprofundamento merecido, mas quem sabe aqui ao falarmos sobre o olhar cinematográfico, possamos então sanar esta dívida, pelo menos em parte.

A “Sétima Arte”, através da Imagem-Movimento propõe-se a representar o Real; porém há casos em que esta arte consegue conciliar os três recortes que foram tratados anteriormente, então a fidelidade ao real passa a ser secundária, e o artista nos toca a *alma*.

Este é o caso do “Escultor do Tempo”, digo, Tarkovski, diretor Russo, criador de um cinema totalmente apaixonante, poético, suave. Ao contrário do típico cinema americano, Tarkovski criou imagens lentas, fluidas, onde a vida interior nos fala de uma realidade sutil.

O canto do vento batendo na pastagem, o mar, o fogo, luz e sombra criam então uma realidade muitas vezes difícil de ser percebida, pois, pode ser difícil falar em alma nestes tempos de “ilusões perdidas”... Mas, então é melhor escutarmos o que o próprio Tarkovski tem a nos dizer, sobre esta missão do cinema:

Ao criar a imagem ele subordina seu próprio pensamento, que se torna insignificante diante daquela

imagem de mundo, emocionalmente percebida, que lhe surgiu como uma revelação. Pois, afinal, o pensamento é efêmero, ao passo que a imagem é absoluta. Pode-se então afirmar que, no caso do homem espiritualmente receptivo, existe uma analogia entre o impacto produzido pela obra de arte e o impacto de uma experiência puramente religiosa. A arte atua sobretudo na alma, moldando sua estrutura espiritual. (1990, p. 45)

Alguns diretores como Tarkovski, conseguem realmente chegar até a alma do espectador, mas do espectador aberto à experiência de mergulho no dizer do outro; há que se ter sensibilidade para ser tocado por estas obras. Outros grandes diretores como Buñuel, Godard, Wajda, foram profundamente marcados por este cinema raro, e como ele foram capazes de criar obras imortais, eternamente atuais. Porém estes filmes são raros, através da Imagem-Movimento confirmam de forma brilhante seu *status* de arte, são sagrados...

Há outros que não se destacam pelo estilo do diretor, mas sim pelo seu tema, eles podem despertar no espectador algo de nostálgico, apaixonante, enfim conquistar sua atenção por uma feliz escolha de tema, e então transformá-lo numa realidade renovada. Este é o caso do filme *Giordano Bruno*, do diretor Carlo Ponti (Itália).

Este filme, numa linguagem cinematográfica convencional, pretende ser fiel à imagem do filósofo rebelde. Não fosse o tema este filme não teria nada de “novo”, singular; a grande novidade reside, pois, na trajetória de um filósofo que lutou até o último suspiro de vida para que sua construção se eternizasse no tempo, e quem sabe um dia fosse ouvida com a atenção que merece. O filme trata dos agonizantes anos em que Bruno esteve encarcerado. Inicia com sua

volta a Veneza, para hospedar-se na propriedade de Mocenigo, que logo em seguida o entregaria à Inquisição.

O personagem que faz o papel de Bruno, interpreta com brilho a ironia e a paixão do filósofo nolano. No transcorrer das seqüências vemos que as obras de Bruno foram realmente estudadas para a realização do filme, pois muitas passagens destacam falas de Bruno, que podem ser encontradas em suas obras. A todo momento o filme remete o espectador às obras. Vejamos uma passagem em que os Inquisidores discutem o descaso de Bruno para com os dogmas cristãos, como por exemplo, na obra, "Candelaio", que ele põe em dúvida a virgindade de Maria e diz não compreender a Santa Trindade - o significado de três pessoas serem uma, ou o Pai ser o Filho.

Em uma das primeiras cenas do filme, vemos Giordano Bruno na casa de Mocenigo, abrindo as cartas do tarô de Marseille. A arte tem estas vantagens, ele mostra sem justificar... Quanto às leituras teóricas? Pssiu... Não devemos tratar deste assunto enquanto não forem encontradas fontes seguras, que confirmem tal disparate! Eis a vantagem da Arte: ela não comenta, reinventa!

Mas, como podemos negar a importância do tarô, da astrologia, da numerologia, não só em Bruno, mas em todo pensamento Renscentista. Bruno a todo momento falava de magia. Não fosse isso, temos ainda a imagem medieval que ficou para nós, uma imagem envolta em misticismo, mistério, cheia de Bruxas e Alquimistas, mergulhados nos compêndios da antiguidade. Estes hereges para destronar de vez a furiosa superstição da Igreja, contra isso a

igreja mostrava-se implacável, covardemente se utilizava do poder para calar com fogo. Michelet, nos fala de uma vítima da Inquisição, assassinado anos depois de Bruno, em 18 de agosto de 1634:

Tinham medo do cadafalso, das últimas palavras da vítima. Como haviam encontrado em seus papéis um escrito contra o celibato dos padres, os que o diziam feiticeiro se convenceram de que era um livre-pensador. Lembavam-se das palavras audaciosas que os mártires do livre pensamento haviam lançado contra seus juízes, da palavra suprema de Giordano Bruno, da bravata de Vanini. Negociaram com Grandier. Disseram-lhe que, se fosse sensato, o livrariam do fogo, o estrangulariam antes. O fraco padre, homem de carne, concedeu mais isso à carne e prometeu não falar. Nada disse no caminho e nada no cadafalso. Quando o viram bem amarrado ao barroto, tudo pronto e a fogueira preparada para envolvê-lo com chamas e fumaça, um monge, seu confessor, sem esperar o carrasco, ateou o fogo. A vítima, enraivecida, só teve tempo de dizer:

- Ah! Me enganastes!

Mas os turbilhões se ergueram e a fornalha de dores... Só gritos se ouviam. (1992, p. 199)

Nestê clima se passa o filme *Giordano Bruno*, retratando as vacilações da igreja frente a este processo; vejamos as seguintes sequências:

"- Papa: Se a Santa Inquisição resolveu levar Bruno à fogueira é preciso agir com cautela, fazer diferente dos Venezianos. Tenho impressão que este será o primeiro processo importante da Inquisição!"

Logo, segue-se uma cena em que os inquisidores decidem fazer o interrogatório de Bruno "como método justo": Bruno é amarrado numa corda que estica seu corpo. Às perguntas dos Inquisidores, Bruno responde que só falará ao Papa (Clemente VIII).

Depois, uma cena nos aposentos do Papa que recebe um relato do andamento do processo de Bruno. O Inquisidor relata que a reação de Bruno à tortura é de ausência, como se o que estavam fazendo ao seu corpo não o afetasse. O Papa diz que esta foi a mesma reação dos homens que morreram e depois foram considerados santos.

- Papa: Que tipo de homem é ele?

- Inquisidor: Um douto, sem dúvida. Sabe a fundo Filosofia, Astronomia, Arte da Memória, Medicina, Ciências Naturais e Teologia.

- Papa: A Igreja enfrentou grandes escolhas e está perturbada."

Um olhar mais atento, uma escuta sensível que percorre o espaço, reconstrói a trajetória de um tempo que não é este, porém que na pulsação da vida guarda em suas veias as marcas de quem foi traído pela própria história. O olhar-câmera tenta resgatar a passagem do filósofo, recortando o tempo que sofreu o processo inquisitório. O cinema, a arte, tem esta magia, nos transporta a um tempo remoto, sem obstinar-se com a veracidade dos fatos. A fórmula é simples: uma imagem que ficou, um pouco de história e muito imaginação. O resultado é uma obra que nos fala de Giordano Bruno, relata seu percurso, expõe sua filosofia e tem um alcance abrangente. Chega a muitos... com uma linguagem simples somada à complexidade das idéias brunianas.

O filme fala de coisas intocáveis para os comentadores: a relação entre os livre pensadores e as feiticeiras, o medo da Igreja diante de um processo de dimensão internacional, bem como a vida desregrada dos filósofos, com a

submissão cristã ao sofrimento pacífico. Temos uma cena em que Bruno retorna para casa de Mocenigo ao amanhecer, totalmente embriagado, após uma longa noite de prazeres. Mocenigo furioso diz a Bruno:

“- Mocenigo: Como um filósofo, não desprezas os prazeres!

- Bruno: E quem disse que o filósofo deve desprezar os prazeres?

Mocenigo, goza... goza... e terá boa saúde...

- Mocenigo: A tua filosofia é cômoda!

- Bruno: A filosofia não é cômoda!

... O filósofo é dono do próprio destino... dono do próprio destino...

Porém, algumas obras escritas têm a coragem de falar daquilo que tem sido silenciado pela história oficial. A “Feiticeira” de Jules Michelet, é uma destas, outra é a obra literária “O Nome da Rosa”, de Umberto Eco, transformada num belíssimo filme. Muito embora o enfoque destes dois filmes que tratam da Inquisição parecerem-nos cair na busca de redenção - geralmente retratam um tempo marcado por injustiças sociais - enfatizando o conflito do bem e do mal, contando a trajetória dos injustiçados. A imagem da Idade Média, que é retratada via cinema (sétima arte) passa-nos, por vezes, a idéia romântica de constatar um “erro” na história, ficando novamente renegado o movimento subterrâneo que move o conhecimento, a luta que constrói o novo, a ousadia em ir contra a estagnação do tempo. Urge lermos Nietzsche, que irá focar a Moral, como também urge lermos Michelet que ousa dar um outro trato ao escrito acadêmico, de historiador.

Este estilo de escrita, segue por fluxos, como nos diz Deleuze, misturando realidade e imaginação e tendo esta sensibilidade da arte que muitas vezes o cinema não consegue sustentar, quando tenta seguir os passos da argumentação bem fundamentada, de pés firmes no solo da realidade. Não que uma forma contrária esteja ocultando a realidade, ou pregando o absurdo, mas, o trato com o conhecimento é outro... é num sentido deleuziano, de procurar a intensidade nas obras, como ele diz: “O que buscamos num livro é a maneira pela qual ele se faz passar alguma coisa que escapa aos códigos; fluxos, linhas de fuga ativas revolucionárias, linhas de descodificação absoluta que se opõe à cultura” (1992, p.34).

Muitas vezes o sentimento de história está longe de ser alcançado nos chatos e lineares compêndios de história, enquanto a arte consegue vivificar este sentimento de história dentro de nós, remetendo-nos aum tempo distante, porém cheio de vida. Como um sobrevoo de águia veloz chegamos então num tempo remoto, via arte, e recriamos aquele mundo. Milton, assim fala:

Desta tensão e conflito entre o artista e seu tempo nasce a representação irreal e ambígua de uma realidade histórica, um convite à experiência e ao sentimento de duração para pessoas de lugares e tempos diferentes. A obra de arte não é eterna porque está além do tempo da história ou porque permaneceu materialmente, mas porque aquela tensão presidiu sua feitura e é capaz, com sua aparição frente aos nossos olhos, de nos fazer sentir participantes do sentimento da história humana, como eu e como nós, envolver-nos no tempo-duração. Essa experiência estética é algo possível a todos, porém, a sua qualidade, seu sentido e também seus significados são diferentes para cada pessoa e também produzidos socialmente pela origem, poder econômico, educação, localização, cultura. (1996, p. 26)

Não queremos com essa discussão cair na crítica vazia em relação a estes filmes, porém faz-se necessário destacar que o trato com o conhecimento dado por estes dois filmes recai nos lugares-comuns, tanto no filme “Giordano Bruno”, quanto no filme “O Nome da Rosa”: os diretores não exploram a riqueza de Imagens que uma viagem à renascença ou à Idade Média nos pode proporcionar. O filme abre as portas às experiências bizarras destes períodos, porém não comporta uma recriação tal como o conseguiu Michelet, em uma obra histórica. Este autor foi capaz de criar imagens vivas através da palavra. Cabeças rolando, diabos conquistando aliados, deuses antigos transformando-se em espíritos da natureza... A Imagem tem este poder de ceder às muitas interpretações, indo além do convencional. Como nos diz Toscani: “A imagem é a verdade. Uma verdade aberta. Turbulenta” (1996, p. 85). Este fotógrafo e escritor tematizou muito bem esta questão: para ele, criar imagens deve sobretudo ser uma atitude ousada, irreverente, revolucionária, e para tal é necessário que se tenha muita criatividade. Ele nos diz: “a criatividade continua sendo o domínio da dúvida, da pesquisa, da crise, da fragilidade. Se você não se coloca em perigo, se não ousa ir na direção do desconhecido, não poderá senão ... submeter-se aos lugares-comuns” (1996, p. 109).

É necessário desmistificarmos esta idéia de um misticismo inócuo quando se fala em renascença. De certa forma o filme “O Nome da Rosa” conseguiu, em parte, empreender esta missão. O filme relata a chegada de um frei franciscano em um convento arrebatado pelo sopro do demônio, com a

missão de investigar os crimes, os suicídios cometidos por padres, os quais crimes eram vistos como obra do Diabo. O astuto frei, vai aos poucos chegando próximo a este demônio; tratava-se de uma obra de Aristóteles, então proibida. As folhas da obra estavam empapadas de veneno, e ao folheá-las o leitor morria abruptamente. Este filme remete-nos a Michelet, quando ele nos diz que o demônio foi muito esperto, juntou do lixo da Igreja três poderosas armas para combater nesta guerra, são elas: o Riso, a Razão e a Natureza.

E aqui está! O Riso, era assunto tratado na obra aristotélica, a Razão levou este frei a desvendar o motivo das mortes, e a Natureza debochou dos fanáticos durante todo tempo, expondo-os à contradição. E para vencer o poder da Igreja foi necessário um forte aliado: as leituras da antiguidade. Foi estudando as ciências naturais, a filosofia, a medicina, como também o tarô, a astrologia, que os livre-pensadores destronaram a duras penas o poderio da Igreja. Livros atuais sobre tarô, por exemplo, são menos preconceituosos e mais assentados nos fatos que muitos de nossos estudos “ditos científicos”. Cito, à nível ilustrativo, Cousté:

Para Luc Benoist, há um movimento intermediário - durante o século XVIII francês - que liga o romantismo alemão com os platônicos do Renascimento (Marsilio Ficino, Pico de la Mirándola, Giordano Bruno, Campanella), que garante a continuidade do pensamento esotérico na Europa ocidental. (1992, p. 32)

Este trecho foi citado para ilustrar o quanto os assuntos místicos circularam e circulam livremente fora da academia, sem que com isso possamos associá-los a uma certa incompetência teórica alegada pela academia para

isentar-se do compromisso de dar-lhes um trato digno. Ao cairmos nesta tendência de ficar ocultando certos termos, sob o rótulo “cientificista” de falta de fundamentação, caímos no ridículo exemplo já dado noutros tempos pela igreja, que bradava historicamente: o demônio! Mas, bem que alguns já disseram que aquele Deus Católico foi destronado pelo Deus da Ciência. Aqui Marilena Chauí deve ser lembrada: “a ciência é o novo ópio do povo!”.

Não podemos é admitir que a arte sucumba a estes preconceitos, nem tampouco recaia no lugar-comum. Mas, temos que admitir que a imagem de Bruno resguardada neste filme mostra a luta dos livre-pensadores em fugir da fúria da ignorância e do poder. O filme termina com a morte de Bruno na fogueira... porém a Santa Inquisição deu-lhe o prazo de quarenta e cinco dias antes da sentença final, para que ele refletisse sobre a possibilidade da retratação. E como o próprio Bruno falou, a retratação pública seria uma morte bem mais sofrida que a imputada por seus assassinos, seria matar sua teoria do conhecimento... finalmente eles mataram Bruno, mas não suas idéias, mesmo escondendo-as até este século elas sobreviveram no tempo e eternizaram-se na Imagem-Movimento.

Conclusão

A grandiosidade da obra bruniana está justamente na conexão da linguagem simbólica com a argumentação lógica, que perpassa a construção de uma teoria do conhecimento, totalmente imersa nas discussões filosóficas daquele período. Na Renascença houve um amplo movimento em torno de uma escrita simbólica, de herança ocidental, onde a verdade não está explícita, mas implícita na interpretação daquele que a lê, implica em uma preparação prévia para que se compreenda aquilo que está sendo dito. Tal linguagem remete-nos à antiguidade. Principalmente entre os pitagóricos, era usual ocultar a verdade. Esta seria vislumbrada após longa preparação, um percurso iniciático, que preparava o iniciado para ultrapassar os Umbrais (portas), que representam os estágios do caminho rumo a verdade.

Diz-se que Pitágoras, quando ensinava a seus discípulos, não mostrava a face, pois estes não deveriam confundir seus ensinamentos com a imagem do mestre.

As influências pitagóricas, em Bruno, são visíveis quando ele repudia a matemática como ciência exata e adota uma matemática qualitativa, mágica, cabalística. A soma destas influências compõem uma vasta e complexa teoria, totalmente imersa no cenário renascentista. Este cenário é repleto de Magos, de Alquimistas, fascinados pelos antigos tratados, que aos poucos ressurgiam nos círculos eruditos. Somados às obras filosóficas pré-socráticas, dos estóicos e

outros, estavam os tratados mágicos dos egípcios, pais da Astrologia, Numerologia e quem sabe do Tarô⁵⁹.

Assim, portanto, podemos reconstituir a imagem da renascença, que foi um dos últimos suspiros ocidentais que tentaram fundir nossa construção lógica, racional, teorizante, ao pensamento místico, primitivo, através do revigoração do paganismo. Em Bruno, por exemplo, podemos notar que tanto sua Arte da Memória quanto sua Teoria do Infinito, carregadas de correspondências entre o Micro e o Macrocosmo, possuem a herança da Astrologia, embora nem sempre evidente, explícita.

A Astrologia, enquanto ciência antiga (não devemos confundir com as atuais vulgarizações divinatórias que reduzem esta ciência milenar a uma bengala, de auxílio individual, como um simplório conforto frente as pequenezas cotidianas pessoais) funciona por associações, ou seja, o Micro relaciona-se com o Macrocosmo, de forma que o Mapa pessoal representa a configuração planetária do céu a partir da chegada do indivíduo ao mundo, ou seja, de seu nascimento. Sendo assim, cada ser humano (Microcosmo) relaciona-se como Macrocosmo, através da representação gráfica da configuração astral (podemos imaginar uma foto do céu) no evento de seu

⁵⁹ Existem controvérsias quanto às origens do Tarô, alguns defendem que ele foi concebido no Egito. Curt de Gébelin, na obra *Monde Primitif* (1781) realiza a primeira descrição escrita do jogo, e afirma que o Tarô é o único livro sobrevivente das bibliotecas egípcias. Os que se opõem aos defensores da origem egípcia, atribuem ao “gênio coletivo das *imagiers* medievais”, a responsabilidade pela sistematização, teorização e difusão, e portanto origem, muito embora eles não negem a relação do simbolismo dos arcanos com os grafismos primitivos. Levando em conta nossa tradição ocidental, escrita, devemos ter cautela antes de aceitar passivamente a segunda opção, que atribui ao ocidente a origem do tarô. Pois não podemos negar a herança ocidental pelo simples fato de que aquela tradição construiu uma civilização diferenciada da nossa, erguendo templos e monumentos onde inscrevem através de símbolos os seus ensinamentos. Ver: COUSTÉ, Alberto. *O Tarô ou a Máquina de Imaginar*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Ground, 1991.

nascimento. Da posição dos astros no momento deste nascimento supõe-se uma leitura de sua personalidade, de suas tendências e possibilidades. Para cada indivíduo há um mapa diferenciado, marcando aí suas singularidades. Um Mapa é composto de 12 casas astrais, de 8 signos e 12 planetas, seguindo a seguinte sequência numérica:

- Casa	- Signo	- Planeta	-
I	Áries	Marte	
II	Touro	Vênus	
III	Gêmeos	Mercúrio	
IV	Câncer	Lua	
V	Leão	Sol	
VI	Virgem	Mercúrio	
VII	Libra	Vênus	
VIII	Escorpião	Plutão	
IX	Sagitário	Júpiter	
X	Capricórnio	Saturno	
XI	Aquário	Urano	
XII	Peixes	Netuno	

A posição do Sol no momento do nascimento indica o signo de cada indivíduo, tal como vulgarmente o conhecemos, mas ele não deve ser lido isoladamente; sendo assim, uma pessoa nativa de Touro não será necessariamente igual aos demais taurinos, visto que as demais configurações astrológicas o tornarão um ser singular.

Agora então, podemos verificar conforme relata Yates, esta herança astrológica em Bruno, na obra “De Umbris Idearum”, a qual trata da Arte da Memória. Nesta obra Bruno utiliza-se das imagens astrológicas para imprimir na memória os simbolismos primitivos, Como podemos ver:

Seguem-se as quarenta e nove imagens dos planetas, sete para cada um deles. Por exemplo:

“Primeira imagem de Saturno. Um homem com cabeça de veado, sobre um dragão e com uma coruja, que como uma serpente, na mão direita”.

As imagens planetárias de Bruno são semelhantes às apresentadas por Agripa, embora com variações. Seguem-se vinte e oito imagens para as casas da lua, e uma imagem de *Draco lune*; todas elas se aproximam bastante das apresentadas por Agripa. Finalmente, Bruno revela as trinta e seis imagens que associa às doze casas em que se divide o horóscopo. (Op. Cit., 1987, p. 222)

Assim, não podemos mais negar a influência destes simbolismos primitivos e ingenuamente adotar como original nossa tradição ocidental, lógica, significativa, oposta à construção oriental. Mas o ocidente teve grandes e preciosos momentos de fusão destas duas construções opostas complementares⁶⁰, sejam eles: o Helenismo, o Renascimento e o furacão Nietzsche. Nestes grandes momentos constatamos que Apolo e Dionísio⁶¹ caminham juntos na contramão de nossa história, de caráter basicamente Apolíneo, pois ele dá a forma às sociedades, consolida os valores solares, masculinos, de supremacia do pensamento analítico, dentre outras

⁶⁰ Aqui entenda-se num sentido Dialético, conforme o conceito de Heráclito. Não a Dialética hegelina, de fusão, de antítese, e sim como sucessão, continuidade cíclica, móvel.

⁶¹ Ao retomar estas duas figuras da Mitologia, não podemos esquecer que eles representam uma pequena parte dos valores humanos, e de forma alguma englobam uma totalidade, visto que, na Mitologia existem muitos outros deuses, cada um com características que marcam uma face dos

características. Esta fusão de Apolo e Dionísio pode ser constatada na linguagem simbólica utilizada por Nietzsche em quase toda sua obra. Vejamos então uma passagem do livro “Assim Falou Zaratustra”:

Mas dizei, meus irmãos, que poderá ainda fazer uma criança, que nem sequer pode o leão? Por que o rapace leão precisa ainda tornar-se criança?

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer “sim”.

Sim, meus irmãos, para o jogo da criação é preciso dizer um sagrado sim: o espírito, agora, quer *sua* vontade, aquele que está perdido para o mundo conquista agora o *seu* mundo.

Nomeei-vos três metamorfoses do espírito: como o espírito tornou-se camelo e o camelo, leão eo leão, por fim, criança.

Assim falou Zaratustra. E achava-se, neste tempo, na cidade chamada A Vaca Pintalgada. (1981, p. 44)

Muito antes de Nietzsche, podemos constatar em Bruno esta fusão. Sua teoria ao mesmo tempo assentada em terras apolíneas é marcada profundamente por uma linguagem de caráter dionisíaco, à medida que não se compromete em manter-se nos padrões lógico-analíticos. Em uma passagem da obra de Yates, “Ensayos Reunidos”, ao discutir a “Ceia das Cinzas”, de Bruno, ela nos diz que a cena retratada neste livro foge a qualquer explicação racional. Toda sua obra caminha em direção à verdade filosófica, ou seja, à luz da razão o ser humano apreende a realidade das forças que regem a natureza, tornando-se sábio. Mas, para tornar-se sábio este andarilho percorre os obscuros caminhos do universo simbólico, da imaginação criativa, do desregramento da

princípios que regem a humanidade, portanto ao analisar Apolo e Dionísio estamos fazendo um recorte da velha Mitologia.

arte... A verdade que Bruno tanto procurou era a verdade Mágico-Hermética, ele procurava uma verdade perdida, mas, o que realmente estavam perdidos eram os livros da antigüidade, que possuíam “algumas verdades”.

Porém, a desmistificação da verdade filosófica só pode ser concebida a partir de Nietzsche, muito embora filósofos anteriores tenham rompido com a tradição racionalista, como por exemplo, Espinosa e Schopenhauer. Mas, foi Nietzsche o filósofo que mais discutiu esta verdade, o porto-seguro de nossa civilização. Na Idade Média a verdade é o Deus cristão, que posteriormente foi destronado por um outro Deus: o Capital, como disse Marx. Depois, vieram outros deuses: a ciência e a tecnologia, esta última é o baluarte contemporâneo.

O Mito da verdade filosófica está presente na teoria de Bruno, muito embora, em alguns momentos ele dê umas escapadelas e se contradiga. Porém, esta contradição não deve ser vista dissociada daquele período, onde a tradição judaco-cristão reinou durante longos séculos, exterminando quase todas as seitas pagãs, como por exemplo, os essênios e os templários. Devemos então levar em consideração que a cruz e o fogo não poderiam, simplesmente, ser superados sem deixar suas marcas, mais fortes ainda se considerarmos que Bruno teve seu início de jornada no seio da Igreja. Estaríamos sendo tendenciosos e precipitados, tal como o fez Vedrine, se exigíssemos do nolano uma total ruptura para com suas heranças cristãs e sua busca pela verdade. Até porque ainda foi preciso que o tempo se desenrolasse longamente até que um filósofo pusesse em dúvida a tão cara verdade. Muitos filósofos, anteriores a Nietzsche, degladiaram-se para resguardar a verdade filosófica nas suas teorias.

A precipitação de Vedrine impõe um achatamento na história, e contrário a isso, o próprio Bruno anunciava os conhecimentos vindouros que, a partir de sua construção teórica, avançariam alguns conceitos, posto que o conhecimento não está pronto, mas sim em construção permanente. Em oposição à tradição cristã, Bruno defendia o progresso do conhecimento.

E como a Verdade e a Moral andam sempre irmanadas na filosofia, podemos verificar, a seguir, alguns avanços em Bruno. Portanto, outro ponto fundamental que constatamos, diz respeito à sua postura frente a moral, aos valores eleitos como justos para o ocidente. Aqui ressaltamos sua visão do feminino que de forma alguma concorda com a tradição fálica do ocidente, que concedeu a mulher um valor social menor, bem como, colocou-a abaixo do homem na hierarquia dos princípios que fundam as sociedades. Bruno ao defender a mulher do desprestígio dos antigos irá justamente focar o caráter gerador da mulher. Na mitologia a mãe do grande e poderoso Zeus é Geia (Terra), a Grande Mãe, a Mãe Terra, ligada (ou aliada) a natureza.

No último diálogo da obra “A Causa, o Princípio e o Uno”, Políínio, um interlocutor aristotélico, abre o diálogo fazendo um longo e furioso discurso contra a mulher, que para ele é um ser “desprezível, indigno, répodo, sinistro, vituperioso, frio, disforme, vazio, indiscreto, insano, pérfido, preguiçoso, fétido, imundo...” (Op. Cit., 1988, p. 97). E, de acordo com Aristóteles, a mulher está associada à Matéria, enquanto o homem está associado à Forma, com isso este princípio material é não somente imperfeito, como também bruto, portanto infinitamente inferior. Teófilo (Bruno) discorda dizendo que a Matéria coincide

com a Forma, em conformidade com sua potência e ato, de forma que não é possível esta dicotomia. Bem como previne que Políinio se acautele em sua fúria contra a mulher.

Outro valor do qual o ser ocidental ainda vangloria-se é de sua tradição filosófica racionalista, totalmente isenta de qualquer influência oriental, seja no campo filosófico ou qualquer um dos alicerses que sustentam a construção de nossas sociedades. E nisso Bruno demonstra não ter preconceitos com relação às influências orientais, de cunho místico iniciático, voltado para a ritualização e sacralização da vida, visto que sua teoria do conhecimento busca a verdade que ficou soterrada junto aos tratados egípcios de cunho mágico-hermético. Além disso, este livre pensador, propôs que muitas podem ser as vias para chegar-se a verdade, tais como, a utilização de “objetos mágicos”, raízes, talismãs...

As questões levantadas aqui não serão aprofundadas, pois não sendo tratadas no corpo deste trabalho, deixam espaço para outras discussões, tal como o pensamento simbólico. Mas, apesar de não centrarmos nossa leitura nestas questões, devemos recortá-las a fim de ilustrar as marcas que distinguem sua diferença.

Outra singularidade de Bruno é a crença numa missão divina de reforma da humanidade: pois o sábio, após vislumbrar a luz da verdade, estaria apto a transformar a religião cristã vigente, adotando os princípios mágico-herméticos, de culto ao deus solar, e expulsando do templo aquelas “bestas” que digladiam-se pelo poder. Como podemos notar em sua obra “A Venda da Besta

Triunfante”, na qual, Júpter está incumbido de expulsar do céu todos aqueles que por injúria, avareza, ignorância, são incapazes de adaptar-se ao céu das boas virtudes. Esta reforma do céu como já vimos em Yates, é uma alegoria à reforma proposta por Bruno.

Para nós reside aqui uma grande contradição, posto que, ao constatar a necessidade de uma reforma da humanidade, Bruno acreditava cegamente estar incumbido de uma grande missão de renovação de valores. Para tal missão ele iria praticamente, personificar-se no bom Deus, aquele que alcançou a luz da verdade e está apto a governar o povo, tirando-o da barbárie, e difundindo novas idéias de acordo com a verdade e as boas virtudes.

Bruno não foi nada humilde ao pretender que o sábio fosse moralmente digno de possuir tal poder e domínio sobre o vulgo. Eis, então nossa crítica, ou melhor, discordância quanto à capacidade de um só ser humano, seja ele filósofo, religioso, artista ou político, decidir sobre a marcha da humanidade em função de sua grandiosidade intelectual e em consequência, sua percepção do real. Não por erro, mas por ingenuidade, muitos filósofos empenharam-se em formular teorias universalisantes, com a pretensão de decidir sobre o melhor caminho a ser seguido pela humanidade

Eis o perigo da cara verdade filosófica! Discorrer sobre os rumos que a humanidade deve tomar ou até mesmo cair num outro extremo, como se constata em Schopenhauer, que cai no abismo da passividade sofredora à medida que seus conhecimentos aumentam, e que ele percebe a cegueira da

massa. Assim sendo, o filósofo sofre as “dores do mundo”, mundo que por ambição marcha cegamente rumo a um falso progresso.

Ocorre aí, que cegos em seus ideais nobres, debatem-se contra a vida que corre solta guiada segundo convém ao vulgo, que geralmente nem sequer da sombra daquelas idéias tomam conhecimento, guiando-se tão somente de acordo com os princípios que regem as sociedades.

Retornando a Bruno, é lícito afirmar que sua formação católica, bem como, os dogmas da tradição judaico-cristã, que com mais força e cegueira podem ser notados naquele período, não seriam assim superados sem deixar algumas marcas, alguns resquícios ou heranças, por mais contrárias que parecessem suas teorias. E em conformidade com tal exploração, verificamos que Bruno está impregnado dos valores morais de bem, justo, bom, fraterno, que são o tijolo e cimento daqueles que ergueram catedrais e dicotomisaram o bem e o mal.

No entanto, defendemos ainda que mesmo em face de esta visível limitação não podemos tirar em nada a grandiosidade de sua teoria do conhecimento, como o fez Vedrine. Pois, destas suas pretensões restou-lhe arder na fogueira, conquanto seus argumentos filosóficos presentearam-nos com uma Nova Imagem do Universo, um Universo aberto ao infinito onde a vida transparece sempre renovada, de acordo com aquele princípio da “Anima Mundi”.

Eis sua grandiosidade! De forma argumentativa, Bruno constrói uma vasta e complexa teoria, que abre o Universo à infinitude; e cria um sistema, de

forma argumentativa e simbólica, no qual a vida nunca se esvai, mas se transforma. Admitindo a existência de um princípio constantíssimo, que dá a Forma e informa, percebe-se em sua teoria a relação dialética (Heráclito) entre o indivíduo e o Cosmos. Cada uma das partes vai compondo magistralmente o Todo, na dança cósmica do Universo, que é Uno, Indiviso e Infinito. Cada uma de suas partes possui o Todo, porém não totalmente, assim esta Totalidade que tende para a Unidade comporta em si a Multiplicidade, não dicotomizando o Uno e o Múltiplo, mas, de acordo com a dialética heraclitiana, um existe em função do outro, depende da existência do outro.

Assim, de forma brilhante, Giordano Bruno constrói sua teoria do conhecimento, comportando princípios diversos, diferenciados dos que constatamos em nossa construção ocidental. Deixo então, as últimas palavras a Giordano Bruno: *"Magia, é a capacidade de multiplicar com as artes, os cálculos e os símbolos, o nosso domínio do mundo"*⁶²

⁶² Trecho extraído do filme Giordano Bruno.

Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia*. Vol. V, 3ª ed., Lisboa: Presença, 1984.
- ALMEIDA, Milton J. *Aproximações em Forma Escrita...* Campinas: Autores Associados, 1996. (mimeo)
- ARTAUD, Antonin. *A Arte e a Morte*. Lisboa: MMF, 1987.
- BOSCH. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Col. Gênios da Pintura)
- BRUNO, Giordano. *A Causa, o Princípio e o Uno*. São Paulo: Instituto Italiano di Cultura: Nova Stella, 1988.
- BRUNO, Giordano. *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (col. Os Pensadores)
- COUSTIÉ, Alberto. *Tarô ou a Máquina de Imaginar*. 4 ed., Rio de Janeiro: Graund, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.
- _____ e GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia?* Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GODARD, Jean-Luc. *Introdução a uma Verdadeira História do Cinema*. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- HESÍODO. *Teogonia*. Estudo e Trad.: Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991. (mimeo)

- HOWELL, Alice. *O Simbolismo Junguiano na Astrologia*. São Paulo: Pensamento, 1992.
- JUNG, C. G. *Ab-Reação: Análise dos Sonhos, Transferência*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *Símbolos da Transformação*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.* 17 ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- MORIN, Edgar. *O Método: o conhecimento do conhecimento*. Vol. 3, Lisboa: Europa-América, 1986.
- MICHELET, Jules. *A Feiticeira: 500 anos de transformações na figura da mulher*. 3 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- NAMER, Emile. *G. Bruno: ou o universo infinito como fundamento da filosofia moderna*. Lisboa: Estúdios Cor, 1966.
- NEUSER, Wolfgang. *A Infinitude do Mundo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (Col. Filosofia - 28)
- PAZ, Octávio. *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia: do humanismo à Kant*. Vol. II, São Paulo: Paulinas, 1990.
- REICH, W. *O Assassinato de Cristo*. 3 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- RILKE, Rainer Maria. *Cartas à um jovem poeta*. 19 ed., São Paulo: Globo, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *O Enigma Pós-Moderno*. IN: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Pós-Modernidade*. 4ª ed., Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.
- TARKOVISKI, Andrei. *Esculpir o Tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

TEVES, Nilda (organiz.). *Educação e Imaginário Social*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

TOSCANI, Oliviero. *A Publicidade é um Cadáver que nos Sorri*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

TRISMEGISTOS, Hermes. *Corpus Hermeticum e Discurso de Iniciação: com a Tábua de Esmeralda*. Trad. Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, 1983.

YATES, Frances. *Ensayos reunidos, I Lulio Y Bruno*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

YATES, Frances. *Giordano Bruno e a tradição hermética*. São Paulo: Cultrix, 1987.

VEDRINE, Hélène. *A Nova Imagem do Mundo: de Nicolau de Cusa a Giordano Bruno*. IN: ALQUIÉ, Ferdinand (et alli). *A Filosofia do Mundo Novo (séc. XVI e XVII)*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. (Col. História da Filosofia - idéias e doutrinas)

*ANEXOS*⁶³

⁶³ As três primeiras ilustrações, à seguir, foram extraídas do livro: Jung, C. G. *Ab-Reação: análise dos sonhos, transferências* Petrópolis: Vozes, 1987; e os quadros de Bosch, foram extraídos do livro: *Bosch*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (col. Gênios da Pintura)

ROSARIUM



Wyr siude der metall anfang vnd erste natur /
 Die kunst mache durch vns die höchste einctur .
 Reyn brun noch wasser ist mein gleych /
 Ich mach gesund arm vnd rey ch .
 Dad bin doch gesund gystig vnd d'schlich .

Succus

Figura 1

PHILOSOPHORVM.



Nota bene: In arte nostri magisterij nihil est ^{Secretum} celatū à Philosophis excepto secreto artis, quod ^{artis} non licet cuiquam reuelare, quod si fieret ille malediceretur, & indignationem domini incurreret, & apoplexia moreretur. # Quare omnis error in arte existit, ex eo, quod debitam

C ij

PHILOSOPHORVM.

seipsis secundum equalitatē inspissentur. Solus enim calor temperatus est humiditatis inspissatiuus et mixtionis perfectiuius, et non super excedens. Nā generatiōes et procreationes rerū naturalium habent solū fieri per temperatissimū calorem et equalē, vti est solus funus equinus humidus et calidus.



D i e

Figura 3



